

**Leandro Amorim Elpo**

**“Você, Quaresma, é um visionário!”: O conflito entre herói e mundo no romance  
de Lima Barreto *Triste fim de Policarpo Quaresma***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
em Letras da Universidade Federal do Rio Grande como  
requisito parcial à obtenção do título de mestre em  
Letras, área de concentração: História da Literatura.

Orientadora Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Luciana Paiva Coronel

**Rio Grande**

**2012**

**“Leandro Amorim Elpo**

**“Você, Quaresma, é um visionário!”: O conflito entre herói e mundo no romance  
de Lima Barreto *Triste fim de Policarpo Quaresma***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
em Letras da Universidade Federal do Rio Grande  
como requisito parcial à obtenção do título de mestre  
em Letras, área de concentração: História da Literatura.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Luciana Paiva Coronel - FURG (Orientadora)

Prof. Dr. Luís Augusto Fischer (UFRGS)

Prof. Dr. Mauro Nicola Póvoas (FURG)

Rio Grande, 1 de outubro de 2012

## AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente, pelo total apoio a este trabalho e pela paciência, contínua já de anos, desde o meu ingresso na graduação, a meus pais, Antonio Marcos Santana Elpo e Mara Regina Santana Elpo, a meu irmão Antonio Marcos Santana Elpo Junior, à minha cunhada Melanie de Oliveira Floriano, e a minha querida avó Neuza Maria Santana Elpo, que muito presenciou meu constante estado de ansiedade nos estudos.

Assim como a todos os meus amigos que constataram meu sumiço da sociedade no processo de elaboração desta dissertação, Filipe Vianna Antunes Amaral, Priscila Teixeira Amaral, André Vianna Amaral, Flavio Medeiros Seibt, Thiago Soares Sangbusch, Daiane Peixoto, Lucas da Silva Maria, Jussie Mello, Juliana Danigno, Cristiane Pereira da Silva, Wagner Algaçaburo Freitas, Wagner Mees, Ketily Di Domenico, Pr. Ladislau Faria Junior, Pr. Sérgio, Thiago Adriano, Flavia Venturini, Jaime Spenst, Marcelo Dias Rodrigues, Bruno Marques (esse é o cara que saiu da graduação, fez mestrado antes de mim e me apoiou a encarar a bronca!) e Grace Baysdorff.

Levem-se em consideração também, muito importantes aliás, os diferentes espaços em que este trabalho foi produzido, em que quase cem por cento do tempo em que passei escrevendo foi solitariamente em cafeterias ou outros estabelecimentos em que serve-se café, e não no recôndito do lar. Foi de fato a constante exposição nestes estabelecimentos que me deu condições para ler, escrever, escrever, ler, e dar cabo deste empreendimento, tamanha era a minha assiduidade nestes locais por horas a fio. Agradeço o apoio de meus colegas de curso, amigos e companheiros na aflição dos estudos, aflição que todos evidentemente conheceram e conhecem.

Agradeço aos meus professores do mestrado Prof. Dr. José Giovanoni Fornos e Prof. Dr. Mauro Nicola Povoas pela sugestão de trabalhar com *Triste fim de Policarpo Quaresma* quando eu ainda estava tateando muito vagamente, desnorteado, o tema da utopia em obras literárias.

Agradeço especialmente à minha orientadora de mestrado Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Luciana Paiva Coronel e ao seu esposo Antonio, conhecido carinhosamente por Nico, pela grande

disponibilidade amabilidade que tiveram comigo desde o início de minha orientação, inclusive me cedendo livros e até domicílio certa feita em Porto Alegre, na ocasião de um congresso. Agradeço muito à Professora pelo extremo zelo com que me orientou neste trabalho, fazendo o possível e o impossível para me auxiliar a concretizá-lo.

Agradeço particularmente ao apoio incondicional minha querida namorada, Prof<sup>a</sup> Eveline Rosa Peres, que, a uma altura avançada da elaboração deste trabalho, realizou um sonho antigo meu: namorar uma professora de letras.

## RESUMO

O presente trabalho pretende analisar o conflito entre o protagonista do romance de Lima Barreto *Triste fim de Policarpo Quaresma* e o seu mundo, o mundo que representa ficcionalmente o Rio de Janeiro da Primeira República, tendo como referencial teórico *A teoria do romance*, de Georg Lukács. Busca-se aplicar ao herói Policarpo Quaresma dois conceitos elaborados nesta obra: o conceito de heroísmo problemático e o conceito de idealismo abstrato. Policarpo Quaresma será entendido, portanto, como um herói problemático, sujeito a um idealismo abstrato que o coloca em descompasso com a realidade concreta em que vive, o que lhe configura, perante as demais personagens do meio que o circunda, a imagem de um “visionário. Como, de acordo com Georg Lukács, o herói problemático, que se encontra em conflito com o seu mundo, surge com o romance na modernidade, este estudo visa ressaltar o caráter moderno da obra ficcional de Lima Barreto, buscando contribuir para sua reinserção no sistema literário brasileiro como obra própria, produção autônoma, para além do epíteto de pré-modernista.

**Palavras-chave:** *Triste fim de Policarpo Quaresma*, herói problemático, idealismo abstrato, romance.

## ABSTRACT

This study intends to analyze the conflict between the main character of Lima Barreto's novel *The Patriot* and his world, which is fictional Rio de Janeiro of the First Republic. The theoretical framework used in this paper is from *The theory of the novel* by Georg Lukács. Two concepts are applied to the hero Policarpo Quaresma: the concept of problematic heroism and the concept of abstract idealism. Policarpo Quaresma is, thus, understood as a problematic hero who is subject to an abstract idealism that puts him in conflict with the real world in which he lives. As a result, he seems to be a visionary among the characters that surround him. According to Georg Lukács, such hero appears for the first time in modern novels. That is why this study intends to highlight the modern aspect of Lima Barreto's fiction. It is also an attempt to cooperate for the redefinition of Barreto's role in the Brazilian literary system and since it has its own literary value, it goes beyond the Brazilian Pre-modernism epithet.

**Keywords:** *The Patriot*, problematic hero, abstract idealism, novel.

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	8
1 VIDA E OBRA DE LIMA BARRETO.....	10
1.1 Lima Barreto: obras e inserção na Primeira República.....	10
1.2 A classificação da obra de Lima Barreto na historiografia literária brasileira .....	23
2 A QUESTÃO DO CONFLITO ENTRE HERÓI E MUNDO NA MODERNIDADE.....	26
2.1 A dissociação entre homem e mundo na modernidade na teoria lukacsiana de <i>A teoria do romance</i> .....	30
2.2 O idealismo abstrato do herói .....	34
2.3 O herói problemático .....	37
2.4 Lima Barreto como crítico dos tempos modernos no Rio de Janeiro da Primeira República.....	39
2.4.1 Lima Barreto e a representação literária do Rio de Janeiro da Primeira República .....	40
2.4.2 Lima Barreto como voz dos excluídos da moderna sociedade republicana .....	43
2.4.3 O caráter utópico da produção literária de Lima Barreto .....	47
3 O CONFLITO ENTRE HERÓI E MUNDO EM <i>TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA</i> .....	51
3.1 <i>Triste fim de Policarpo Quaresma</i> como romance de idealismo abstrato.....	51
3.2 Policarpo Quaresma como herói problemático.....	71
3.2.1 Quaresma, o herói fechado em si mesmo .....	76
3.2.2 Quaresma, o visionário .....	79
3.2.3 Quaresma, o herói sem máculas .....	82
3.3 A natureza do conflito entre Policarpo Quaresma e o seu mundo (causas, consequências e implicações do conflito).....	89
3.3.1 Causas e consequências do conflito de Policarpo Quaresma com o seu mundo .....	92
3.3.2 Personagens desintegrados e integrados no universo de <i>Triste fim</i> .....	95
3.3.3 O sentido da dinâmica de conflito entre Policarpo Quaresma e seu mundo.....	107
3.3.4 A busca da coerência entre ideia e prática como real causa do conflito de Quaresma .....	109
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	116
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	119

## INTRODUÇÃO

A presente dissertação pretende discutir a temática do conflito que se estabelece, no romance de Afonso Henriques de Lima Barreto *Triste fim de Policarpo Quaresma*, publicado em 1911, entre o herói Policarpo Quaresma e o seu mundo, a sociedade carioca de inícios da Primeira República.

Segundo o filósofo húngaro Geórg Lukács em sua obra *A Teoria do romance*, o conflito entre o herói e o seu mundo no universo romanesco tem origem histórico-filosófica na progressiva dissociação entre o homem e a sociedade em tempos modernos. Tal fenômeno passou a ter correspondência na literatura com o advento do romance enquanto representação desse conflito, protagonizado literariamente pelo chamado herói problemático.

Tomando como base as reflexões que Georg Lukács elabora sobre a condição histórico-filosófica do herói romanesco, no romance referido de Lima Barreto pode-se considerar que o protagonista Policarpo Quaresma representa de maneira muito vívida o conflito vivenciado pelo herói problemático com o seu mundo. E que este conflito é característico da modernidade, apresentando questões que lhe são peculiares.

Este estudo está dividido em três partes. A primeira parte disserta generalizadamente sobre a obra de Lima Barreto, o contexto histórico de sua produção, os aspectos significativos da mesma na visão de diferentes autores e a sua inserção na historiografia literária nacional a partir das considerações de pesquisadores e obras representativas. Neste conjunto, o autor foi seguidamente considerado pré-modernista, não obstante a amplitude e autonomia do universo ficcional criado por ele superar enormemente este conceito seja qual for a acepção de pré-modernismo adotada, levando-se em consideração que, à luz da concepção romanesca de Geórg Lukács, não somente *Triste fim de Policarpo Quaresma*, como toda a ficção de Lima Barreto, apresenta heróis tipicamente modernos, vivenciando questões tipicamente modernas, apresentados em uma linguagem que traduz os tempos modernos.

Sobre esta forma de expressão, Francisco de Assis Barbosa, em *A vida de Lima Barreto:1881-1922*, apresenta um comentário que José Veríssimo faz acerca da revista



Floreal, publicação em que Lima Barreto apresentava em folhetim o seu romance *Recordações de Isaías Caminha*:

Ai de mim, se fosse a ‘revistar’ aqui quanta revistinha que por aí aparece com presunção de literária, artística ou científica. Não teria mãos a medir e descontentaria a quase todos; pois a máxima parte delas me parecem sem o menor valor, por qualquer lado que as encaremos. Abro uma justa exceção, que não desejo fique como precedente, para uma magra brochurazinha que, com o nome esperançoso de Floreal, veio ultimamente a público, e onde li um artigo ‘Spencerismo e Anarquia’, do Senhor M. Ribeiro de Almeida, e o começo de uma novela, *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, pelo Senhor Lima Barreto, nos quais creio descobrir alguma cousa. E escritos com uma simplicidade, e já tal qual sentimento de estilo que corroboram essa impressão. (VERÍSSIMO Apud BARBOSA, 1988, p. 135).

A crítica posterior a Veríssimo não seguiu as suas considerações sobre o valor da narrativa despojada de Lima Barreto, como atesta a pesquisa de Maria Amélia Lozano Dias em *A recepção crítica da obra de Lima Barreto: 1907 – 1987*, em que a pesquisadora aponta que a obra do escritor passou a ser analisada com mais cuidado somente a partir da década de setenta, quando pesquisadores como Paula Beiguelman no estudo *Por que Lima Barreto*, passaram a fazer coro ao que Veríssimo já havia pressentido de louvável no escritor:

Afonso Henriques de Lima Barreto [1881-1922], diversamente de certo autor por ele caracterizado nas *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, não precisa, é certo, de ser lido “com um dicionário na mão”. (BEIGUELMAN, 1981, p. 7).

A segunda parte disserta sobre a temática do conflito entre herói e mundo exposta pelo autor de *A teoria do romance* e se constitui na fundamentação teórica básica desta dissertação, assim como os conceitos correlatos a esta temática, que são o heroísmo problemático e, dentro da tipologia romanesca elaborada pelo teórico húngaro, o idealismo abstrato.

Por fim, a terceira parte disserta sobre os aspectos deste conflito em suas variantes, das causas às consequências, no romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, estudando as características de Policarpo Quaresma como herói problemático e as implicações na trama de seu idealismo abstrato com a realidade que o cerca, buscando confirmar assim, mediante a análise deste conflito, o teor moderno da obra em estudo, de acordo com as questões propostas por Lukács.

# 1 VIDA E OBRA DE LIMA BARRETO

## 1.1 Lima Barreto: obras e inserção na Primeira República

O autor de *Triste fim de Policarpo Quaresma*, romance que será analisado nesta dissertação, Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922), foi escritor, jornalista e funcionário público no Rio de Janeiro das primeiras décadas do século XX, vivendo sob o contexto histórico da Primeira República, também conhecida como República Velha.

Lima Barreto iniciou a exposição pública de seus escritos paralelamente ao seu ingresso no mundo do trabalho como concursado para uma vaga na Secretaria da Guerra em 1903. Esta incursão no funcionalismo público se deu em função do escritor se ver incumbido de sustentar a sua família em decorrência do pai ter sido acometido pela loucura, incidente que lhe interrompeu a carreira profissional de engenheiro a que aspirou em juventude.

Nas horas vagas de seu ofício, começou a escrever para periódicos e tomou iniciativas editoriais como a fundação da revista *Floreal* (que iniciou em 1907 e teve apenas quatro edições). Neste contexto começou a exercitar seu estro literário, expondo-o inclusive nos próprios periódicos com os quais passou a ter contato profissional. Suas experiências, tanto enquanto jornalista e cronista como enquanto funcionário público, serviram-lhe de matéria-prima para a criação de seus universos ficcionais.

A obra de Lima Barreto como um todo se divide entre o que podemos chamar de ficcional e não-ficcional. Como jornalista, fundador e colaborador de revistas, Lima Barreto produziu crônicas. Como escritor, produziu romances, contos, sátiras. Um prosador nato. Ressalte-se que essa divisão, embora seja razoável, não está levando em consideração que Lima Barreto manifesta seus dotes literários até em escritos que não se pretendem ficcionais, como é o caso de seu *Diário Íntimo*, ou então de seu *Diário do Hospício*.

Francisco de Assis Barbosa, em *A vida de Lima Barreto: 1881-1922*, elenca toda a obra de Lima Barreto da seguinte maneira: em sua obra ficcional, encontram-se os seguintes romances: *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909), *Triste fim de Policarpo Quaresma* (publicado primeiramente em folhetim em 1911 e depois em livro em 1915), *Numa*

e a ninfa (1915), *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* (1919), *Clara dos Anjos* (1948). Constam também os seguintes livros de contos: *Histórias e sonhos* (1920), *Outras histórias* (1952) e *Contos argelinos* (1952). Assim como as seguintes sátiras: *Os bruzundangas* (1923), e *Coisas do Reino do Jambom* (1953). A maior parte da obra de Lima Barreto foi publicada após sua morte, em 1922, por mérito de Francisco de Assis Barbosa, seu consagrado biógrafo.

Já em sua obra não-ficcional, contam-se crônicas e artigos: *Bagatelas* (1923), *Feiras e mafuás*, *Marginália* e *Vida urbana*, estes três últimos publicados em 1953. Assim como o mencionado *Diário do hospício*, que Lima Barreto começou a transformar em uma ficção inacabada com sua morte em 1922, intitulada *O cemitério dos vivos* (ambos publicados em 1953), constam um registro de suas *Impressões de leitura* (publicado em 1956), e também cartas: *Correspondência ativa e passiva* (1956).

Lima Barreto ficou popularizado, e estigmatizado, como um escritor boêmio que se deixou soçobrar pela bebida. Os sérios problemas físicos e psicológicos pelos quais passou em função do alcoolismo lhe granjearam duas estadias em um hospício (Hospital Nacional de Alienados), a primeira em 1914 e a segunda em 1919. Estas experiências, assim como as de sua rotina profissional e familiar, lhe serviram de matéria-prima para o exercício da pena, frutificando em duas obras peculiares, uma não-ficcional e outra ficcional. Estas vivências foram tanto confessadas com pesar e com uma notável lucidez analítica em suas reflexões registradas no *Diário do hospício*, quanto transmutadas em produção ficcional em *O Cemitério dos vivos*.

H. Pereira da Silva na obra *Lima Barreto: escritor maldito* comenta sobre a projeção de Lima Barreto nos personagens que criou, no qual o escritor desabafava acerca de seus problemas pessoais e como esses problemas repercutiam em sua imagem perante a sociedade que o rodeava:

Lima Barreto, na verdade, seria visto pela intelectualidade pernóstica do seu tempo, como um vagabundo, um bêbado metido a escritor. Há inúmeras indicações a esse respeito assinaladas em seus livros. As transferências efetuadas pelo romancista, neste sentido, as personagens, enchem mais de um terço da sua obra. A toda hora, lá vem uma indisfarçável alusão à sua pessoa através de um tipo, de uma criação literária. Aqui estamos nos cingindo às confissões sem intenções deliberadas de ocultá-las. Ferido, dilacerado interiormente, Lima Barreto desnuda sua alma. (SILVA, 1981, p. 78).

Quanto a estes aspectos autobiográficos da obra ficcional de Lima Barreto, é válido buscar algumas considerações sobre os mesmos nos comentários de Lilia Moritz Schwarcz, em *Lima Barreto: termômetro nervoso de uma frágil República*. A autora ressalta neste estudo os elementos biográficos do escritor em suas ficções, considerando a impossibilidade de se separar simplesmente a experiência pessoal do artista de sua produção literária:

(...) O fato é que dentro da produção literária desse escritor, com frequência apresentada pela crítica como “realista”, a biografia fermenta a literatura e vice-versa. A experiência pessoal do artista não se separa da sua produção literária. Nesse caso, a literatura ganha um caráter evidentemente biográfico e, de modo declarado, o escritor não se desloca da ficção; na verdade, a invade com todas as contradições próprias desse tipo de empreendimento criativo. Ele punha na boca de seus personagens críticas ao funcionalismo, à mania nacional de se fazer passar por doutor ou aos protecionismos de toda ordem. (SCHWARCZ, 2010, p. 16).

O argumento da autora é válido para problematizar o método analítico que proceda de forma a investigar a vida e a obra do escritor em separado. E assim como os aspectos mais biográficos do escritor, também a sociedade da época em que viveu Lima Barreto não deve ser “descolada” de sua obra, pois este foi contemporâneo de acontecimentos históricos cruciais que caracterizaram a transição do Brasil de um sistema monárquico para um sistema republicano, e tais acontecimentos foram representados em sua ficção. A Revolta da Armada, desencadeada em 1893-1894 no governo de Floriano Peixoto, como protesto à existência desse governo considerado inconstitucional, foi incorporada, por exemplo, como clímax da trama de *Triste fim de Policarpo Quaresma*, em que o próprio Floriano Peixoto virou personagem do romance. Os aspectos políticos e sociais presentes na obra do autor encontram-se fundidos com os aspectos autobiográficos, produzindo um universo ficcional que, se por um lado, propõe questões de caráter universal que transcendem o contexto de produção da obra, por outro lado são representativos deste contexto.

O historiador e sociólogo Nelson Werneck Sodré, em sua *História da literatura brasileira*, faz a relação entre texto e contexto na obra ficcional de Lima Barreto apontando o reflexo do meio social em que viveu o escritor sobre o universo literário que concebeu. Sodré comenta sobre a base social preponderante no temário desta obra, enfatizando como Lima Barreto recolheu os tipos sociais de sua ficção diretamente do contexto imediato de sua vivência, concluindo inclusive que a personagem principal da ficção limabarretiana é a cidade

do Rio de Janeiro, não sua fatia elitista, “botafogana”, como diz o historiador, mas de um modo todo especial a sua fatia suburbana:

As figuras de sua ficção foram recrutadas, na maior parte, seja na classe média, seja entre os trabalhadores. São figuras populares, que caracterizam o aspecto urbano, em que a marca local é acentuada. É uma pequena humanidade, humilde, sentimental, obscura, que povoa os subúrbios e lhes dá fisionomia. Na transposição dessa gente é que Lima Barreto realizou o melhor, nisso é que se sentiu à vontade. O traço caricatural volta-se contra os figurões, particularmente os da política, e deforma os perfis, pela intencionalidade e pela natureza mesma da caricatura. A personagem principal, que está no centro de tudo, em torno de que giram as criaturas e em cujo fundo se situam os problemas e as cenas, é a cidade, não apenas a cidade “botafogana” das casas senhoriais, das chácaras, com a sua gente artificializada, mundana, copiando formas de existência cujos originais estão distantes do país, mas a cidade esquecida, suburbana, dos pequenos funcionários, dos cantadores de modinhas, dos militares retirados da ativa, povoando ruas quietas, enchendo os transportes coletivos, buliçosa, bisbilhoteira, amante das festas movimentadas e dos ajuntamentos agitados. (SODRÉ, 1982, p. 505).

Nicolau Sevcenko em *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República* também faz um levantamento do que considera pertinente no temário de Lima Barreto. Ainda que não deixe de mencionar aspectos mais introspectivos como as discussões filosóficas que o autor coloca na boca de seus personagens, Sevcenko enfatiza a predominância do aspecto social na obra do escritor:

O temário de sua obra inclui: movimentos históricos, relações sociais e raciais, transformações sociais, políticas, econômicas e culturais; ideais sociais, políticos e econômicos; crítica social, moral e cultural; discussões filosóficas e científicas, referências ao presente imediato, recente e ao futuro próximo; ao cotidiano urbano e suburbano, à política nacional e internacional, à burocracia, dados biográficos, realidade do sertão, descrições geológicas e geográficas (fragmentos) e análises históricas. (SEVCENKO, 2003, p. 191).

Enquanto Maria Zilda Cury escreve que Lima Barreto “traz para o interior dos seus textos um leque variado de personagens e tipos da miscigenada sociedade brasileira, valorizando a cultura popular e assumindo uma concepção de literatura como expressão dos “humilhados e ofendidos” (CURY, 2009, p. 134), Sevcenko faz um levantamento dos tipos presentes no universo criado pelo escritor, destacando o que chama de “excusos e execrados”, ainda que reconheça o fato de que o escritor representa toda uma gama de tipos sociais os mais variados em suas ficções.

A galeria de seus personagens é uma das mais vastas e variadas da literatura brasileira. Destacam-se nela, em particular, os tipos excusos e execrados – mas mesmo esses se perdem dentre uma legião de figuras representativas dos mais diversos meios. São burocratas, apaniguados, padrinhos, “influências”, grandes, médios e pequenos burgueses, arrivistas, charlatães, “almofadinhas”, “melindrosas”, aristocratas, militares, populares, gente dos subúrbios, operários, artesãos, caixeiros, subempregados, desempregados, violeiros, vadios (...) É praticamente todo o Rio de Janeiro que nos aparece agitado e tenso, condensado mais nos seus vícios do que nas suas virtudes. Todas as personagens trazem a marca do seu meio e constituem o objeto privilegiado da crítica do autor. Nenhum aparece de forma inócua ou decorativa, todos concorrem para consagrar o destino “militante” da sua literatura. (SEVCENKO, 2003, p. 192).

Ao mencionar a rica galeria de tipos que circulam na ficção do escritor fluminense, Sevcenko argumenta que tudo que é observado por Lima em sua sociedade e representado literariamente converge para um propósito maior, que o pesquisador aponta como militante, guiado por uma causa. Maria Zilda Cury em *De escritas e profecias: Isaías Caminha, de Lima Barreto* descreve que tipo de militância encontra-se presente em suas obras:

Lima Barreto, durante toda sua vida de escritor, fez de seus textos espaços de denúncia contra a discriminação racial e social e de acolhimento da voz dos mais humildes e marginalizados. O escritor manifestou-se, tomando posição, sobre quase todos os assuntos de interesse da vida social de seu tempo, de maneira apaixonada e sem meias palavras: discriminação racial, moda, literatura, esportes, ensino, reformas urbanas, política, feminismo. (CURY, 2009, p. 132).

Ainda que não se pretenda ressaltar na presente dissertação o caráter “militante” da obra de Lima Barreto, bastante enfatizado por alguns de seus estudiosos e relativizado por outros, é ponto pacífico que sua obra combate valores elitistas vigentes na infante sociedade republicana brasileira. Ou pode-se colocar este ponto de outra forma, considerando que a obra de Lima Barreto possui um caráter não-elitista.

O próprio escritor apresenta a sua visão de “literatura militante” em um texto homônimo, no qual comenta a obra de Anatole France, calcando-se no pensamento do filósofo francês Jean Marie Guyau. Referindo-se a livros do escritor francês, Lima Barreto argumenta:

Eles nada têm de contemplativos, de plásticos, de incolores. Todas, ou quase todas as suas obras, se não visam a propaganda de um credo social, têm por mira um escopo sociológico. Militam. Isto em geral dentro daquele preceito de Guyau que achava na obra de arte o destino de revelar umas almas às outras, de restabelecer entre elas uma ligação necessária ao mútuo entendimento dos homens. Eu chamo e tenho

chamado de militantes, às obras de arte que têm semelhante escopo. (BARRETO, 1953, p. 115).

É neste mútuo entendimento dos homens, que Lima Barreto concebe o caráter social e, por conseguinte, militante, da literatura a que se propõe. O ponto que esta dissertação pretende abordar e que encerra em seu bojo a militância de Lima Barreto em prosa é o embate entre o ideal e o real na interação herói/mundo, como representação literária da tensão entre a sociedade moderna e o indivíduo que é fruto desta sociedade e, no entanto, não a assimila harmoniosamente e não se sente harmoniosamente assimilado por ela.

O tom militante da obra do escritor encontra-se na representação de heróis que, buscando melhorar o que chama em *O elogio da morte* e *O destino da literatura* a condição de “nossa triste Humanidade”, debatem-se com os seus respectivos meios sociais. Esse embate descortina ao leitor, mediante o resultado das interações problemáticas desses heróis com seus mundos, os fatores que concorrem na complexidade das relações sociais que são familiares ao próprio leitor, seja a um leitor contemporâneo do escritor, seja a um leitor extemporâneo, o que aponta a universalidade de sua proposta.

Flavio do Nascimento, em sua dissertação de mestrado *Lima Barreto: espaço interno* escreve acerca do choque entre o ideal e o real que caracteriza a condição dos heróis barretianos, que carregam consigo características representativas de um projeto utópico sujeito à resistência dos mundos ficcionais de que são oriundos:

A resistência desse projeto utópico, manifesta no embate dos personagens com o meio sob a forma da tensão entre o real e o ideal, talvez seja o núcleo do projeto criador de Lima Barreto, especialmente nos três melhores romances que legou ao acervo literário: *Recordações do escrívão Isaías Caminha*, *Triste fim de Policarpo Quaresma* e *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*.

(...) Através deles, vemos um movimento de explosão frontal com a realidade passar a uma desiludida interiorização (NASCIMENTO, 1977, p. 13 e 14).

Nascimento conclui seu argumento analisando a existência na narrativa barretiana, como consequência do embate ideal/real, do movimento deste duro choque com a realidade para uma frustrante interiorização como dado constante nesses heróis.

É interessante observar como Lilia Schwarcz analisa a relação entre texto e contexto na obra de Lima Barreto, sintetizando-a na seguinte fórmula: a do escritor enquanto intérprete de seu tempo. Ao referir-se a Lima Barreto como um intérprete incômodo de sua sociedade, a pesquisadora teoriza acerca do escritor combativo cuja denúncia social aparece trabalhada literariamente em sua obra. Tal dimensão ficcional está menos presente em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, em que o teor autobiográfico é muito evidente, mas fica bastante evidenciada em *Triste fim de Policarpo Quaresma*.

Schwarcz menciona um aspecto em Lima Barreto semelhante ao argumento de Nascimento, o aspecto “da utopia que dá lugar ao ressentimento, à frustração”, tratando-se aqui tanto da frustração pessoal do escritor com a política republicana, como da frustração de toda a geração que lhe foi contemporânea, visto que o ideal republicano não se realizou efetivamente em virtude de vícios antigos que se mantiveram sob nova fachada e vícios novos que foram sendo gerados pela nova elite no poder, e que por sua vez está representado na obra do escritor.

Lima Barreto, mesmo não tendo sido reconhecido em sua época, foi não só um literato, mas um intérprete – incômodo até – de seu tempo. Entre tantas obras, seu livro *Triste fim de Policarpo Quaresma* representa, ainda hoje, uma denúncia contundente do processo de exclusão vivenciado durante a jovem República brasileira; um documento de época a demonstrar como a utopia deu lugar ao ressentimento, e principalmente à frustração. Frustração pessoal, é certo, mas também de toda uma geração. A abolição suspendera o trabalho escravo, mas gerara um progresso diverso do modelo burguês ocidental; ou melhor, dera ensejo a uma certa acomodação interna de estruturas persistentes e anteriores, como as obrigações pessoais, o familismo e o paternalismo. Em *Clara dos Anjos* (que saiu em 1920, em forma de conto, na primeira edição de *Histórias e sonhos*, e como romance é concluído em 1922 mas só publicado em 1948) encontramos a condenação vigorosa ao racismo renitente existente na sociedade brasileira e uma visão do preconceito que paira, especificamente, sobre a mulata. Em *Numa e a ninfa* (conto e livro) o escritor escancara a prática dos políticos que teriam aberto mão de qualquer idealismo, sendo movidos apenas por interesses práticos, materiais e imediatos. (SCHWARCZ, 2010, p. 43 - 44).

Quanto a este aspecto, outra pesquisadora da obra de Lima Barreto, Simone Souza de Assumpção, em *Triste fim de Policarpo Quaresma como reflexo estético da Primeira República brasileira: uma abordagem lukacsiana*, escreve a respeito do sentimento de decepção que graçava no meio intelectual da Primeira República em relação ao descompasso do projeto progressista republicano alardeado com o governo concretamente instituído:



A situação do intelectual brasileiro com o advento da República é a da mais nítida decepção. Apoiados nos ideais do cientificismo e do liberalismo, os intelectuais viram na queda do regime monárquico e na consolidação da República a abertura de novos horizontes para a cultura nacional. Entretanto, como se sabe, isto não ocorreu. Com a República, a situação do intelectual é a de relativo isolamento, tanto maior no caso daqueles que, como Quaresma, não encontram lugar na nova ordem social. (ASSUMPTÃO, 1993, p. 85).

Em decorrência do isolamento do intelectual neste contexto, Assumpção comenta dois diferentes tipos de alheamento intelectual que Lima Barreto transpôs para o universo de *Triste fim de Policarpo Quaresma*: o alheamento inerente àqueles que dão as costas às questões mais prementes do momento histórico, refugiando-se nos centros intelectuais elitistas exatamente para garantir um lugar na elite, e o alheamento forçado daqueles que querem intervir nas mesmas, mas que, por colocar em risco com suas iniciativas o *status quo*, são aliados do meio. O primeiro tipo de intelectuais é representado pela maior parte maciça dos personagens que circulam no romance de Lima Barreto, enquanto que o segundo tipo é representado exatamente pelo herói do romance e, como será observado mais adiante, seus dois autênticos amigos, Olga e Ricardo Coração dos Outros:

O alheamento é característico dos intelectuais do período. Trata-se aqui de mais um elo de ligação entre a realidade e o reflexo estético da mesma. Esta postura típica, no romance, apresenta dois caminhos. De um lado, temos o intelectual que não questiona e não intervém politicamente e que pode assim servir à ordem instituída como é o caso de Genelício e Armando Borges (o marido de Olga), cujas condutas prendem-se tão-somente a questões interpretativas da legislação em vigor ou a textos médicos sem utilidade prática. De outro, temos o intelectual – que também está alheado da realidade – que não se enquadra ao estamento burocrático e tenta, em seu isolamento, compor um Brasil de acordo com sua ótica transversa: é o caso de Quaresma. Ele é descartado do jogo social, uma vez que não apresenta o perfil do intelectual, conforme ditado pelo padrão da época; ele não possui diploma nem se vale de artifícios (como os de Genelício) para divulgar o seu trabalho. (ASSUMPTÃO, 1993, p. 91).

Lilia Schwarcz, ao ressaltar o caráter autobiográfico inegável que perpassa à obra ficcional de Lima Barreto, aponta relações comuns aos protagonistas de seus romances, que remetem a aspectos biográficos básicos do escritor, como o seu emprego no funcionalismo público, emprego que o escritor compartilha com três de seus heróis, Policarpo Quaresma, Isaías Caminha e Manuel Joaquim Gonzaga de Sá. A autora também comenta acerca da condição racial de Isaías Caminha, condição que é partilhada pelo autor com outra protagonista de seus romances: Clara dos Anjos. O idealismo frente ao mundo, seguido de gradativa decepção, está presente em todos estes heróis: Policarpo Quaresma, Isaías Caminha,

Gonzaga de Sá e Clara dos Anjos. A defesa de valores humanitários, ao lado da frustração surgida com a percepção de que tais valores não são unanimemente compartilhados nos meios em que vivem, é uma condição comum a Quaresma e a Gonzaga de Sá. A situação de se encontrar no hospício, questionando-se a si mesmo, às condições que o levaram até ali, e as pessoas que o rodeiam naquele reduto, é compartilhada por Lima com os protagonistas de seus romances *Triste fim de Policarpo Quaresma* e *Cemitério dos vivos*. Argumenta a pesquisadora:

(...) Jamais conseguiu abrir mão de tal exposição pessoal, sobretudo se lembrarmos uma série de *romans à clef* de sua autoria, como *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1929) – o jovem que descobre que é negro apenas quando chega à cidade grande; *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1915) – o funcionário, nesse caso, do Arsenal da Guerra, que adere à República e ao nacionalismo para depois ver frustrado o seu projeto; *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* (1919) – o cidadão ambulante que defende valores humanitários e o direito dos oprimidos; e ainda *Cemitério dos vivos*, romance incompleto em que não só a identificação é evidente, como descrições inteiras são retiradas de seu *Diário de hospício*. (SCHWARCZ, 2010, p. 17).

Existem afinidades entre o protagonista de *Triste fim de Policarpo Quaresma* e os protagonistas de *Recordações do escrivão Isaías Caminha* e *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* no que diz respeito a dois aspectos considerados relevantes no presente estudo, por colocarem os heróis em tensão com os seus respectivos meios: a condição de baixo funcionário público e a sapiência e tenacidade intelectual desses heróis, cujas formações intelectuais aparecem intencionalmente desprovidas do que Lima Barreto considerava como corrente na sociedade da Primeira República, o bacharelismo mais voltado à ascensão social do que ao desenvolvimento de um legítimo conhecimento.

Estes aspectos de intelectualidade autêntica, em contraposição a uma intelectualidade inautêntica, vêm da parte destes modestos funcionários públicos representados pelos heróis barretianos, não doutores formados, mas que adquiriram conhecimentos de forma independente, outra condição emprestada diretamente do escritor. Tais traços são relevantes por representarem nitidamente uma faceta da busca de valores autênticos em um mundo que se lhes apresenta inautêntico, base do conflito que se estabelece entre herói e mundo nos tempos modernos.

*Recordações do Escrivão Isaías Caminha* é o primeiro romance de Lima Barreto, publicado em 1909. O protagonista da obra é um funcionário público que rememora a sua busca de alçar vôo na carreira doutoral, na capital brasileira de inícios do século XX, enquanto jovem estudante interiorano. Ele descreve as desventuras que vivenciou na impossibilidade de atingir seu propósito, e como as circunstâncias o levaram a trabalhar em uma redação de jornal, cuja lógica de funcionamento é dissecada pelo autor com a característica da análise dos tipos sociais que a compõem. É um romance escrito em primeira pessoa, e compartilha com o inacabado *Cemitério dos vivos* a característica de ser bastante autobiográfico, o que é proporcional à frágil distinção entre o universo do autor e o universo dos protagonistas que se apresentam nestes dois romances.

*Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* é um romance em que o protagonista, Manuel Joaquim Gonzaga de Sá, é um homem de espírito reto e simples, funcionário público, inteligente, humanitário ainda que pessimista. Dado a profundas reflexões, estas são expostas em livro por Augusto Machado, amigo íntimo do herói que, sendo um confesso admirador de Gonzaga de Sá, se decide a biografá-lo, ainda que não considere o retrato que faz do amigo uma biografia no sentido estrito do termo, mas uma exposição de seus fecundos pensamentos. Ao retratar o amigo, o personagem-narrador acaba expondo muito de si mesmo, e ambos compartilham características similares às do protagonista de *Triste fim*.

Enfim, *Triste fim de Policarpo Quaresma*, romance que se encontra no centro de análise desta dissertação, é uma obra que foi escrita em 1911 primeiramente de maneira periódica em folhetim, cujas partes foram compiladas posteriormente pelo escritor dando origem a um romance em livro em 1915. O herói Policarpo Quaresma é um pacato funcionário público de baixo escalão, autodidata, introspectivo, celibatário e um patriota entusiasta que, após anos de leitura e meditação silenciosa sobre as coisas da Pátria, decide colocar em prática ideias que crê contribuir para o desenvolvimento da nação.

Estas ideias começam na esfera cultural, gradativamente passam para esfera econômica e culminam na esfera política. Assim, o enredo do romance desenvolve-se de forma a demonstrar que todas as ideias de Policarpo vão sendo paulatinamente frustradas, de tal maneira que a última grande frustração do protagonista precede a injusta condenação que recebe e que explica o título do romance. Como *Triste fim* é narrado em terceira pessoa, foi

possível ao autor criar um maior distanciamento entre a sua realidade imediata e a realidade projetada ficcionalmente.

Da mesma forma que Policarpo Quaresma, Isaías Caminha também alimentava esperanças de realizar-se enquanto indivíduo em seu meio social através do esmero nos estudos, esperanças que paulatinamente foram se desmoronando. A dedicação ao estudo com sinceras intenções de adquirir sabedoria é também característica de Gonzaga de Sá, e o desprezo demonstrado à busca de conhecimento honesto e justo em suas possibilidades, pelas sociedades em que vive cada um destes heróis, é característico à condição dos três.

Percebe-se, portanto, que os protagonistas das ficções de Lima Barreto, independentemente de sua condição social, eram personagens ciosos da busca de uma legítima sabedoria que contrapunha-se, em dois pontos, frontalmente à falsa erudição exibida habitualmente tanto pelas classes mais abastadas da sociedade fluminense de fins do século XIX e inícios do século XX, quanto pelas classes menos abastadas: o primeiro ponto diz respeito à própria afetação de intelectualidade presente em ambas classes, visto que Lima Barreto chegou a discernir a elite fluminense da “elite” suburbana fluminense, em que a segunda encontrava-se afoita por emular intelectualmente a primeira, ao passo que a primeira apresentava-se afoita por emular intelectualmente a Europa. O segundo ponto, já mencionado e mais evidente no comportamento dos aspirantes a conquistarem um lugar, senão na mais alta elite, ao menos na elite suburbana, diz respeito à forja de uma erudição calculada para possibilitar o desempenho de funções na máquina estatal, utilizada, portanto, como meio de autopromoção.

A busca dos protagonistas destes romances por uma cultura autêntica em contraposição a uma cultura inautêntica os coloca inclusive, para fazer frente ao bacharelismo, em contato com a cultura popular de seus meios. Este movimento rumo à cultura popular é muito nítido em *Triste fim*, quando Policarpo Quaresma inicia seus projetos voltando-se para as modinhas, por considerá-las legítimas representantes de uma cultura genuinamente nacional. Quando descobre posteriormente as raízes europeias das modinhas, tem a sua primeira decepção, que o leva a formular sua primeira proposta radical, a proposta da adoção de uma língua genuinamente nacional, o tupi, tamanha é a sua busca por uma matriz de valores genuinamente nacionais.

Dadas algumas breves relações entre os heróis da ficção de Lima Barreto que, em última instância, remetem a relações com o próprio escritor, fica claro assim que o autor em estudo vivenciou dramaticamente a problemática da sua época e a representou literariamente em suas obras, com menos distanciamento, inclusive, de sua realidade em *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*, e com mais distanciamento em *Triste fim de Policarpo Quaresma*, o que significa que, entre os dois romances, Lima Barreto teve mais sucesso para ilustrar literariamente a sociedade em que viveu no segundo do que no primeiro, considerado pela crítica contemporânea uma obra demasiado autobiográfica. Mas, ora menos distanciado, ora mais distanciado do mundo que conheceu, o escritor representou este mundo com maestria em suas ficções.

Lima Barreto foi capaz de representar a sociedade carioca da época em que viveu, a época da Primeira República, não porque descreveu em detalhes os acontecimentos do período, mas porque os narrou, transformando-os em matéria de ficção.

Em “Narrar ou descrever?” o teórico húngaro Geórg Lukács, autor de conceitos teóricos sobre os quais, como será visto, fundamenta-se a análise do romance *Triste fim de Policarpo Quaresma* nesta dissertação, provenientes de sua obra *A teoria do romance*, demonstra a importância da descrição como elemento interno da narração e sua fragilidade quando tornada método central da estruturação romanesca:

[...] será que é o caráter completo de uma descrição objetiva que torna alguma coisa artisticamente “necessária”? Ou não será, antes, a relação necessária dos personagens com as coisas e com os acontecimentos – nos quais se realiza o destino deles, e através dos quais eles atuam e se debatem? (LUKÁCS, 1965, p. 45 e 46).

Carlos Nelson Coutinho em *O significado de Lima Barreto na literatura brasileira* refere-se à chamada “totalidade de objetos” que encerra a representação romanesca da realidade através da seleção hierárquica do que seriam os momentos mais significativos de uma dada “problemática humana típico-simbólica”:

Lima nos apresenta a “totalidade de objetos” que Hegel e Lukács apontam como exigência da representação romanesca do mundo, ou seja, apresenta aquele quadro humano-institucional no qual e através do qual ganha conteúdo e sentido, no bem como no mal, a interioridade do herói. No *Triste fim* [...] encontramos a síntese orgânica do herói e do mundo, da ação individual representativa e da “totalidade de objetos”, síntese que aparece

como condição estética básica da vitória do realismo no romance. Mas cabe ainda uma concretização: é evidente que essa “totalidade de objetos” não pode ser figurada, como supõe o naturalismo, através de uma catalogação extensiva de todos os seus traços. O romance realista deve *selecionar* os momentos significativos, hierarquizando-os em função da específica problemática humana típico-simbólica que pretende abordar; com essa seleção e hierarquização, o mundo criado no romance pode elevar-se à condição de “microcosmo”, de símbolo evocador de uma totalidade intensiva de relações humanas. (COUTINHO, 1974, p. 36 e 37).

Lima Barreto pode ter sido considerado realista em excesso para um ficcionista em algumas de suas obras, mas obteve êxito em tornar a “descrição” do mundo do Rio de Janeiro da Primeira República necessária em suas ficções para demonstrar o conflito que viveu cada um dos heróis criados por ele com os seus respectivos universos.

O pesquisador Alfredo Bosi ressalta como a narrativa discreta do escritor, em contraposição à linguagem rebuscada do parnasianismo em voga e à ficção empolada de um Coelho Neto, trazia à tona os aspectos constituintes da sociedade em que vivia, utilizando não de uma narrativa verborrágica para representar estes aspectos, mas de uma linguagem simples que, no todo de sua composição, fornecia ao leitor a visão panorâmica dessa sociedade:

O estilo de pensar e de escrever contra o qual se insurgia o autor de Policapo Quaresma era o simbolizado por um Coelho Neto ou um Rui Barbosa: o da palavra a servir não só de expressão, mas também (e principalmente de sucedâneo das coisas e dos fatos). Em Lima Barreto, as cenas de rua ou os encontros e desencontros domésticos acham-se narrados com uma animação tão simples e discreta que as frases não brilham por si mesmas, isoladas e insólitas (como resultava da linguagem parnasiana, mas deixam transparecer naturalmente a paisagem, os objetos e as figuras humanas). (BOSI, 1973, p. 95).

Se Lima Barreto não escrevia de forma empolada, por um lado, mas de forma mais acessível, por outro, tampouco no romance aqui em estudo fez descrições gratuitas, que não cumprissem com o propósito de apresentar ao leitor o mundo com o qual interage conflituosamente o herói deste romance.

Nesta parte inicial do presente estudo, cabe agora conferir de que forma a historiografia literária brasileira catalogou a produção ficcional de Lima Barreto em função de que o herói de *Triste fim de Policarpo Quaresma* estará sendo analisado à luz de conceitos que enfatizam o caráter moderno de sua ficção, para depois, na segunda parte, apresentar estes conceitos, e então na terceira e última parte proceder, à luz dos mesmos, a análise do romance.

## 1.2 A classificação da obra de Lima Barreto na historiografia literária brasileira

Lima Barreto, na historiografia literária brasileira, está classificado como um escritor pré-modernista. E esta classificação foi assentada sobre o escritor estudo após estudo literário no Brasil ao longo do século XX. Torna-se necessário aqui então discorrer um pouco sobre o conceito de pré-modernismo, para se observar porque o escritor fluminense está enquadrado nessa categoria.

Maurício Silva, em sua obra *A Hélade e o subúrbio: confrontos literários na belle époque carioca*, discute o conceito de pré-modernismo, no qual enquadra a obra de Lima Barreto, apontando algumas vertentes de interpretação do que foi o período. Após explicar os pressupostos de cada uma das três vertentes, o crítico desenvolve seu estudo na segunda vertente, encabeçada teoricamente por Alfredo Bosi.

A primeira vertente, representada por Tristão de Athayde, segundo Maurício Silva, busca apoiar-se numa fundamentação unicamente cronológica, definindo o pré-modernismo como um período literário que vai de 1900 a 1920.

A segunda vertente, representada por Alfredo Bosi, “revela uma clara referência ideológica, considerando o pré-modernismo uma tendência literária marcada por tentativas mais ou menos homogêneas de romper com nossa expressão cultural oficial e repensar questões sociais de âmbito nacional” (SILVA, 2006, p. 40).

A definição de pré-modernismo elaborada por Alfredo Bosi relaciona cronologicamente as duas primeiras décadas do século XX com a abordagem de temáticas sociais da nação:

[...] redefinindo um termo bivalente, pré-modernismo, diria que é efetiva e organicamente pré-modernista tudo o que rompe, de algum modo, com essa cultura oficial, alienada e verbalista, e abre caminho para sondagens sociais e estéticas retomadas a partir de 22 [...] Creio que se pode chamar pré-modernista tudo o que, nas primeiras décadas do século, problematiza a nossa realidade social e cultural (SILVA, 2006, p. 40).

Alfredo Bosi relaciona Lima Barreto com outros autores que inovam no meio literário nacional, no que diz respeito à uma produção ficcional que, face ao que chama de “exotismo

européizante” manifestado nas letras brasileiras, passa a se questionar sobre a realidade nacional.

Um Euclides, um Graça Aranha, um Monteiro Lobato, um Lima Barreto injetam algo de novo na literatura nacional, na medida em que se interessam pelo que já se convencionou chamar “realidade brasileira”. Após um período de observação indireta, estritamente literária, da sociedade burguesa do II Império, em que aparecem ficcionistas notáveis como Raul Pompéia, Machado de Assis e Aluísio Azevedo; após um período no qual a poesia se alienara em certo exotismo europeizante, quer em suas formas parnasianas, quer nas simbolistas: eis que chega a vez de um renovado debruçar-se sobre os problemas sociais e morais do país. (BOSI, 1973, p. 12].

Maurício Silva aponta ainda duas outras abordagens posteriores do que consiste o pré-modernismo. A primeira abordagem, representada por David Salles e José Paulo Paes, parte de “critérios de natureza estética” e “procura privilegiar um recurso literário, a ornamentação, como elemento distintivo do período denominado pré-modernismo” (SILVA, 2006, p. 40). A segunda abordagem desta terceira vertente, representada por Flora Sussekind, busca eleger “a relação entre produção/fruição e técnicas de difusão cultural como elemento de definição do mesmo período” (p. 40).

Exceto a abordagem de Alfredo Bosi, as demais concepções de pré-modernismo não se adequam, para Silva, a uma análise das características da produção literária barretiana. Na leitura do pesquisador, seguindo Bosi, Lima Barreto contrapõe em suas narrativas uma abordagem original, em termos temáticos e formais, ao beletrismo presente nas obras de Coelho Neto, o que explica a adesão de Silva à concepção de Alfredo Bosi do pré-modernismo como uma postura artística contrária à concepção literária vigente nas primeiras décadas do século XX.

Os critérios de Bosi para analisar a obra de Lima Barreto, nesse sentido, parecem de fato os mais pertinentes. No entanto, exatamente na questão das temáticas presentes nas obras de Lima Barreto, dada a presença de uma discussão eminentemente moderna na ficção do autor em estudo, o que será demonstrado pela relevância de uma leitura luckacsiana sobre *Triste fim de Policarpo Quaresma*, propõe-se aqui neste estudo que o escritor fluminense seja contemplado em toda a modernidade que caracteriza sua obra. Lima Barreto vai muito além do que os críticos apontados definem como pré-modernismo. Sua obra, dotada de todo um universo próprio, peculiar, pode ser considerada eminentemente moderna.



Deve-se levar em conta nesse sentido as considerações de Lúcia Miguel Pereira, que em *Prosa de ficção*, não caracteriza taxativamente a obra de Lima Barreto como pré-modernista. Apesar do título do capítulo em que escreve sobre o autor intitular-se “Prenúncios modernistas”, sua argumentação prende-se a comparar a figura de Lima Barreto com a de Machado, no sentido de reconhecer naquele o continuador deste no que concerne ao destaque de sua originalidade enquanto ficcionista. A autora comenta a usual crítica entre os estudiosos acerca da falta de originalidade dos escritores que sucedem a Machado de Assis e antecipam o movimento modernista de 1922, exatamente para destacar a obra singular de Lima Barreto.

Partindo de uma comparação do escritor com Machado de Assis, define ambos como analistas (“dos que querem descobrir o que se esconde por detrás das aparências”), ressaltando que, enquanto o segundo domina nas análises que empreende em sua obra a relação com o meio, o primeiro é dominado pelo meio em suas análises: “Machado usou da literatura sobretudo como uma interrogação, uma decifração de enigmas; Lima Barreto, encarando-a sob o mesmo ângulo, era não obstante mais positivo, só chegava a tais questões através da realidade próxima” (PEREIRA, 1988, p. 281).

Os aspectos modernos da obra de Lima Barreto não tem relação com os rasgos modernistas. Há características modernas na obra do escritor, tanto formais quanto temáticas, que antecederam os esforços modernistas em desvencilhar-se de uma prosa “a la Coelho Neto”, e que antecederam-lhes inclusive um desafio aberto ao cultivo deste tipo de prosa. Mas as condições de irrupção dos modernistas foram distintas das condições de formação de Lima Barreto, o que torna no mínimo discutível a sua tradicional inserção na historiografia literária como um autor “pré”-moderno.

Cabe a seguir discutir a questão do embate entre herói e mundo, que pode ser traduzida por embate entre indivíduo e sociedade, embate que, segundo a obra do teórico húngaro Górg Lukács *A teoria do romance*, surge no avanço dos tempos modernos e passa a ser representado na literatura paulatinamente desde o século XVIII, atingindo seu clímax no século XIX, no auge da Revolução Industrial. A pertinência deste referencial teórico para a análise da obra em questão já constitui um indício do caráter moderno da mesma.

## 2 A QUESTÃO DO CONFLITO ENTRE HERÓI E MUNDO NA MODERNIDADE

Esta parte da dissertação concentra-se na perspectiva teórica acerca do herói romanesco e da sua condição de herói literário do mundo moderno, visto que a análise da relação, conflituosa, que se estabelece entre herói e mundo na modernidade constitui o eixo temático essencial do presente estudo sobre o romance de Lima Barreto *Triste fim de Policarpo Quaresma*. A perspectiva teórica de que parte esta pesquisa provém do trabalho do filósofo húngaro Géorg Lukács.

Georg Lukács (1885-1971) foi um importante filósofo húngaro do século XX. Escreveu estudos concernentes à interpretação marxista da história e à teoria literária. Em sua juventude, antes de aderir intelectualmente de forma crucial ao marxismo, Lukács escreveu um texto de teoria literária mais propriamente hegeliano, dissertando acerca da origem, segundo suas palavras, “histórico-filosófica da forma romanesca”. Esta obra veio a lume com o título *A teoria do romance*.

Consta que Lukács posteriormente, quando passou a identificar-se com o marxismo, autocriticou-se quanto à postura que subjazia aos argumentos desenvolvidos neste trabalho de sua juventude, ponderando-a como um ataque romântico ao capitalismo. Todavia, pós ter consultado dois estudos sobre o romance em questão, *Triste fim de Policarpo Quaresma como reflexo estético da Primeira República brasileira: uma abordagem lukacsiana*, de Simone Souza de Assunção, e *O idealismo abstrato no romance Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Roberto José Ramos, construídos sobre um aporte teórico lukacsiano em sua fase mais marxista, o autor desta dissertação considerou que interessa mais centrar sua análise sobre este romance nas questões levantadas em *A teoria do romance*, concernentes ao herói romanesco, denominado por Lukács como herói problemático, e a sua dissociação do mundo.

Antonio Candido, em *Literatura e sociedade*, comenta que, após o início da carreira quando adotou o marxismo, ou seja, após ter escrito *A teoria do romance*, Georg Lukács por vezes concentrou-se “demasiadamente nos aspectos políticos e econômicos da literatura”. Ao

distinguir o papel da crítica literária do papel da sociologia da literatura, Candido argumenta o seguinte:

De fato, antes procurava-se mostrar que o valor e o significado de uma obra dependiam de ela exprimir ou não certo aspecto da realidade, e que este aspecto constituía o que ela tinha de essencial. Depois, chegou-se à posição oposta, procurando-se mostrar que a matéria de uma obra é secundária, e que a sua importância deriva das operações formais postas em jogo, conferindo-lhe uma peculiaridade que a torna de fato independente de quaisquer condicionamentos, sobretudo social, considerado inoperante como elemento de compreensão.

Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, tanto quanto o outro, norteados pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como elementos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o *externo* [no caso, o social] importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno*. (CANDIDO, 1972, p. 4).

Flavio do Nascimento escreve uma consideração interessante acerca da obra de Lima Barreto que, ao autor da presente dissertação, justifica o apreço pela abordagem de *Triste fim de Policarpo Quaresma* à luz de *A teoria do romance*:

Para ler Lima Barreto é preciso dar valor não só ao lado social e externo, fundamental em sua obra, mas também atentar para o lado individual e interno. Não há necessidade de desprezar um pelo outro, como se a um autor realista, consciente dos problemas de seu tempo, fosse vedado o exercício de temas menos apegados ao concreto.

Com toda a razão, Lima Barreto é tomado como exemplo de literatura “corpo a corpo”, que vê de frente a realidade brasileira. Cabe ver como um escritor de alto valor documental para o conhecimento de sua época pode abrir um espaço decisivo para as inquietações existenciais interiores do indivíduo moderno (NASCIMENTO, 1977, p. 11).

São estas “inquietações existenciais interiores do indivíduo moderno” que interessa analisar na figura do herói Policarpo Quaresma, a partir da *Teoria do romance* do “jovem Luckács”, que fornece o embasamento teórico para tal análise. Tais inquietações surgem da compreensão que o herói tem de seu mundo, o que o coloca em tensão com este mundo. Consequentemente, ao ver-se o herói rechaçado pelo mundo quando expõe-se para confrontá-lo, crescem-lhe as inquietações interiores, o que demonstra a imbricação dos conflitos internos e externos do herói.

*A teoria do romance* foi publicada em 1916, e disserta sobre a formação do romance como a manifestação literária da gradual dissociação entre homem e mundo, advinda do crescente processo histórico-filosófico de individualização, que o teórico identifica a partir de *Dom Quixote*, sendo que o romance representa a constante busca do protagonista para achar um caminho rumo à integração homem/mundo de tempos passados, apontado por Lukács no contexto de produção da epopeia.

Quanto aos estudos de José Ramos e Simone Assumpção, à primeira vista, ao se deparar com os mesmos, o autor do presente trabalho encontrou-se receoso de não conseguir escrever nada que pudesse acrescentar algo relevante ao que já tem sido produzido e se encontra disponível aos pesquisadores.

Porém, à medida que a leitura dos referidos estudos avançava, tornava-se cada vez mais patente que a proposta original da presente dissertação, apesar de também lidar com o romance *Triste fim*, partindo igualmente de um abordagem calcada em Lukács, mantinha-se distinta do caminho analítico tomado pelos dois pesquisadores, embora, evidentemente, existam pontos de contato com a proposta aqui apresentada.

Mantinha-se distinta porque ambos estudiosos abordaram *Triste fim* sob perspectiva de uma estética marxista. Roberto José Ramos faz, em *O idealismo abstrato no romance Triste fim de Policarpo Quaresma*, abordagem sociológica sob um viés marxista bastante cru, em se tratando da leitura crítica de um romance. No levantamento histórico que apresenta, para contextualizar a obra barretiana, cita conceitos do próprio Marx, e de Lênin, entre outros, o que é interessante, do ponto de vista histórico e sociológico, porém, não pareceu adequado na interpretação da relação de Policarpo Quaresma com o seu mundo, em se tratando de um universo criado a partir de elementos da realidade que Lima Barreto conheceu mas que possui a sua imanência enquanto universo ficcional.

Simone Souza de Assumpção, por sua vez, em *Triste fim de Policarpo Quaresma como reflexo estético da Primeira República brasileira: uma abordagem lukacsiana*, aborda igualmente *Triste fim* sob viés marxista, mas agora pela pena de Lukács em sua *Estética* (obra já pertencente à sua adesão definitiva ao marxismo), trabalhando com o conceito lukacsiano de espelhamento, o que coloca a análise da autora mais propriamente no campo literário.

Mas de qualquer forma, ambos os estudos focam a contextualização do protagonista e dos demais personagens do romance, visto que, calcados preponderantemente nos trabalhos do filósofo posteriores à *Teoria do romance*, não enfatizam a condição gerada no espírito do indivíduo que se encontra em tensão com o mundo, como a leitura de *A teoria* pode suscitar.

É evidente, por um lado, que esta ruptura entre homem e mundo na modernidade, ruptura que se manifesta na arte, é identificada historicamente, de forma concreta, com os primórdios da sociedade capitalista e ganha relevo no século XIX com a Revolução Industrial, século em que o romance consolida-se como gênero literário.

Porém, a análise concreta de um herói pertencente a um grupo suburbano, identificado com uma época e lugar específicos, em que se possam identificar os grupos dominantes com os quais o herói entra em conflito (com ou sem sucesso), embora possa ter o seu lugar no exercício de desnudamento do personagem e da trama que protagoniza, não encerra as possibilidades de reflexão acerca da inadequação do herói no mundo.

Policarpo não se reduz a um herói esmagado pelo mundo em que vive simplesmente por ser um intelectual autodidata, morador de subúrbio, cujos objetivos, representantes das aspirações de sua classe, esbarram nos interesses da classe dominante de sua época e lugar.

O patriota desprendido, antes de tudo, é paulatinamente expurgado de seu mundo porque carrega consigo uma concepção de mundo ideal a qual busca concretizar, e da qual, uma vez contrastada com o mundo degradado que o cerca (constatando para si, portanto, a superioridade do mundo que concebe), não pode, por questão de coerência com a própria consciência, abdicar.

Agora é o momento de observar como Geórg Lukács teoriza a dissociação que ocorre entre o homem e o seu mundo. Os conceitos buscados em *A teoria do romance*, que formam as bases da discussão sobre a problemática do conflito entre herói e mundo a ser estudada em *Triste fim*, são os seguintes: *o idealismo abstrato* de um herói que busca fazer parte do todo do cosmos como em tempos de outrora, traçando um caminho que se choca com o seu mundo concreto, e a *condição problemática desse herói*, uma vez que não alcança o seu propósito.

## 2.1 A dissociação entre homem e mundo na modernidade na teoria lukacsiana de *A teoria do romance*

Georg Lukacs escreveu acerca do conflito que se estabelece na modernidade entre o indivíduo e o seu meio social, conflito cuja repercussão foi tamanha que evidenciou-se inclusive nas artes, e evidenciou-se especificamente na literatura, forjando uma narrativa toda nova, singular, em consonância com os tempos modernos: o romance.

É o herói romanesco que protagonizará o choque das projeções, no campo das idéias, do indivíduo com o mundo concreto que se lhe descortina ao longo de uma dada narrativa. Com base neste ponto inicial, Georg Lukács identifica variantes da relação entre herói e mundo na narrativa romanesca estabelecendo uma verdadeira tipologia do romance, dividindo-a em “romance de idealismo abstrato”, “romance psicológico” e “romance de aprendizagem”, dissertando, de acordo com essas categorias, sobre romances que considera representativos de cada uma delas.

Desses três tipos de romance teorizados por Lukács, o romance de idealismo abstrato constitui o tipo romanesco sobre o qual se pode construir uma reflexão acerca do conflito entre o herói moderno e o seu mundo no romance *Triste fim de Policarpo Quaresma* de Lima Barreto.

Neste tipo romanesco, o idealismo abstrato ao qual se refere o termo diz respeito ao idealismo do herói, que se choca em sua abstração contra os aspectos concretos do mundo que o cerca. Ao se falar em abstrato aqui, a dualidade abstrato/concreto é inevitável, e está presente na ficção do escritor.

Dissertando acerca do descompasso que ocorre entre herói e mundo, que se evidencia literariamente na estrutura romanesca, Lukács apresenta-o em duas variantes, em que a alma encontra-se mais estreita ou mais ampla do que o mundo com o qual trava tensa interação:

O abandono do mundo por Deus revela-se na inadequação entre alma e obra, entre interioridade e aventura, na ausência de correspondência transcendental para os esforços humanos. Essa inadequação tem grosso modo dois tipos: a alma é mais estreita ou mais ampla que o mundo exterior que lhe é dado como palco e substrato de seus atos. (LUKÁCS, 2000, p. 99).

Será observado no próximo tópico como, segundo o tipo romanesco do idealismo abstrato, a alma do herói encontra-se, uma vez abstraída da realidade que a cerca, mais “estreita” que essa realidade e em um amargo processo de sua apreensão.

Seguindo Lukács, a problemática do conflito entre herói e mundo é retomada em *A sociologia do romance* (1973) de Lucien Goldmann, em que este ressalta no romance, sob um aspecto mais materialista, a busca de valores autênticos do herói moderno, que se choca com os valores inautênticos aceitos no seu mundo. A análise de Goldmann aqui coaduna-se com a estética marxista de Lukács, mais distanciada de seu todo ontológico *A teoria do romance*. Tal conflito ganha sua plenitude com a ascensão da burguesia ao poder e está representado no romance enquanto gênero literário próprio à representação do herói romanesco, herói tipicamente burguês, que protagoniza essa dissociação.

Marshall Berman, em sua obra *Tudo que é sólido se desmancha no ar*, escreve acerca do processo de modernização da sociedade burguesa ocidental, que se desdobra em uma visão de mundo modernista, primeiro no Ocidente e depois “virtualmente” em todo o mundo:

O turbilhão da vida moderna tem sido alimentado por muitas fontes: grandes descobertas nas ciências físicas, com a mudança da nossa imagem do universo e do lugar que ocupamos nele; a industrialização da produção, que transforma conhecimento científico em tecnologia, cria novos ambientes humanos e destrói os antigos, acelera o próprio ritmo de vida, gera novas formas de poder corporativo e de luta de classes; descomunal explosão demográfica, que penaliza milhões de pessoas arrancadas de seu *habitat* ancestral, empurrando-as pelos caminhos do mundo em direção a novas vidas; rápido e muitas vezes catastrófico crescimento urbano; sistemas de comunicação de massa, dinâmicos em seu desenvolvimento, que embrulham e amarram, no mesmo pacote, os mais variados indivíduos e sociedades; Estados nacionais cada vez mais poderosos, burocraticamente estruturados e geridos, que lutam com obstinação para expandir seu poder; movimentos sociais de massa e de nações, desafiando seus governantes políticos ou econômicos, lutando por obter algum controle sobre suas vidas; enfim, dirigindo e manipulando todas as pessoas e instituições, um mercado capitalista mundial, drasticamente flutuante, em permanente expansão. (BERMAN, 2007, p.25).

As consequências da visão de mundo modernista que se segue às transformações infra-estruturais da sociedade influem na forma como o homem passa a refletir acerca de si mesmo e do mundo que o está rodeando, assim como acerca das relações que estabelece com os seus semelhantes neste novo mundo que se lhes apresenta:

[...] o processo de modernização se expande a ponto de abarcar virtualmente o mundo todo, e a cultura mundial do modernismo em desenvolvimento atinge espetaculares triunfos na arte e no pensamento. Por outro lado, à medida que se expande, o público moderno se multiplica em uma multidão de fragmentos, que falam linguagens incomensuravelmente confidenciais. (BERMAN, 2007, p. 26).

Com o advento do mundo burguês, o herói moderno, uma vez distanciado do ambiente rural e imerso no ambiente citadino, encontra-se irremediavelmente dissociado do *cosmos*, privilégio do mundo épico da Antiguidade, sentindo o peso dessa dissociação, enquanto contrapõe o mundo que idealiza em sua individualidade com o mundo que vivencia, sendo a individualidade aqui característica da perspectiva de mundo burguesa, propiciada com o ritmo de vida desenvolvido nos burgos.

De acordo com Georg Lukács, houveram tempos em que homem e mundo eram um todo, essencialmente, uma unidade. O ato de filosofar constitui o sintoma de que esta unidade de essência rompeu-se em algum momento, em dada instância do percurso histórico.

Referindo-se ao que chama de “era da epopeia”, Lukács escreve sobre o herói dos tempos em que as luminárias eram mapas certos por onde este poderia guiar-se, como escreve no início de *A Teoria do Romance*, em que toda a aventura que experimentava era exteriorizada, estando o herói completo em si mesmo essencialmente, por entender-se ciente da ordem cósmica a qual comungava, enquanto parte dela:

Aí não há ainda nenhuma interioridade, pois ainda não há nenhum exterior, nenhuma alteridade para a alma. Ao sair em busca de aventuras e vencê-las, a alma desconhece o real tormento da procura e o real perigo da descoberta, e jamais põe a si mesma em jogo; ela ainda não sabe que pode perder-se e nunca imagina que terá de buscar-se. Essa é a era da epopéia (LUKÁCS, 2000, p. 26)

O perigo da alma que pode se perder e que terá de buscar-se surge na relação histórica da modernidade burguesa com o progressivo voltar-se do indivíduo para si mesmo, em que a noção de interioridade ganhará tremenda força.

Lukács escreve a respeito da constituição da forma romanesca, que consiste no gradual autoconhecimento do herói acerca de sua própria condição no mundo em que vive, tornando-se claro a este o contraste da condição em que se encontra e a condição que se lhe configura



como a ideal. Tal condição ideal frente ao mundo será perseguida pelo herói, mas constituir-se-á em uma busca interminável:

O processo segundo qual foi concebida a forma interna do romance é a peregrinação do indivíduo problemático rumo a si mesmo, o caminho desde o opaco cativo na realidade simplesmente existente, em si heterogênea e vazia de sentido para o indivíduo, rumo ao claro autoconhecimento. Depois da conquista desse autoconhecimento, o ideal encontrado irradia-se como sentido vital na imanência da vida, mas a discrepância entre ser e dever-ser não é superada, e tampouco poderá sê-lo na esfera em que tal se desenrola, a esfera vital do romance. (LUKÁCS, 2000, p. 82)

A discrepância entre o ser e o dever-ser não será superada no romance porque homem e *cosmos* no mundo moderno não podem mais se fundir, devido ao próprio desenvolvimento do individualismo, que ganha forma nesta era. Segundo Lukács, a forma do romance “é uma expressão do desabrigo transcendental” (LUKÁCS, 2000, p. 38).

Para o teórico húngaro “a epopéia dá forma a uma totalidade de vida fechada a partir de si mesma, o romance busca descobrir e contribuir, pela forma, a totalidade oculta da vida” (LUKÁCS, 2000, p. 60). Com o advento de tempos modernos, para o herói que surge de uma narrativa forjada sob o signo das características destes tempos, a totalidade está perdida, o herói é um ser que se entende incompleto procurando com o que preencher a sua incompletude.

“Assim, a intenção fundamental determinante da forma do romance objetiva-se como psicologia dos heróis romanescos: eles buscam algo” (LUKÁCS, 2000, p. 60). O teórico coloca a questão da separação entre homem moderno e natureza e da consciência do homem sobre esta separação de uma forma desalentadora, uma vez que escreve que o mundo circundante do homem moderno não só não lhe é naturalmente familiar como o aprisiona:

O alheamento da natureza em face da primeira natureza, a postura sentimental moderna ante a natureza, é somente a projeção da experiência de que o mundo circundante criado para os homens por si mesmos não é mais o lar paterno, mas um cárcere. (LUKÁCS, 2000, p. 64 - 65).

Após desenvolver seus argumentos acerca do desabrigo transcendental em que se encontra o herói moderno e como ele busca suprir esse desabrigo e não o consegue, Lukács apresenta uma belíssima e significativa síntese da inquietante busca desse herói que caracteriza a obra romanesca. Eis a grande definição de Lukács sobre o romance:

O romance é a forma da aventura do valor próprio da interioridade; seu conteúdo é a história da alma que sai a campo para conhecer a si mesma, que busca aventuras para por elas ser provada e, pondo-se à prova, encontrar a sua própria essência (LUKÁCS, 2000, p. 91).

É sob esta aventura da alma que sai a campo buscando aventuras para provar a si mesma e, pondo-se à prova, compreender a sua própria essência (frente ao mundo no qual perambula) que a trama de *Triste fim de Policarpo Quaresma* desenvolve-se, à medida que o protagonista deste romance busca, sucessivamente, colocar em prática os projetos nacionalistas que concebe em diferentes instâncias, o que o leva na verdade a colocar à prova esses projetos e principalmente, colocar a sua alma à prova no que toca a sua determinação em não se deixar desanimar pelos fracassos que sofre (como será analisado adiante) e em não se deixar corromper pelo meio.

Há uma relação entre dois tópicos que envolvem o herói romanesco, tais como expostos por Geórg Lukács em *A teoria do Romance*, que será discutida a seguir nesta segunda parte da dissertação, e que será observada, com maiores desdobramentos, sobre a figura de Policarpo Quaresma na terceira e última parte da mesma.

A relação que se dá entre estes dois tópicos apresentados por Lukács é uma relação de decorrência, e diz respeito aos seguintes, desencadeados pela dissociação do herói romanesco de seu universo: o idealismo abstrato do herói, que consiste na característica do herói conceber uma realidade que contrasta com a sua, e que em decorrência deste idealismo o herói romanesco se configura em um herói problemático no mundo. Estes dois tópicos serão discutidos generalizadamente a seguir, e retornarão de forma concreta após ser feita uma introdução ao romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*.

## **2.2 O idealismo abstrato do herói**

No que diz respeito ao chamado idealismo abstrato do herói romanesco, trata-se esta característica de um dos tipos de romance elencados por Geórg Lukács em *A teoria do romance*, e que diz respeito a aspiração a valores autênticos por um herói degradado que, ao buscar esses valores, acaba por sua vez entrando em conflito com os valores de uma sociedade também degradada de sua relação primordial com o cosmo, mas que por sua vez se encontra conformada com sua degradação.

Tal conformismo do mundo com sua condição degradada leva o herói romanesco, dissociado essencialmente de um mundo cuja essência outrora comungou, no que Lukács chama de “tempos afortunados” da antiguidade, a problematizar sua condição no mundo em que vive, o que o leva também a dissociar-se do seu mundo, o mundo moderno, se não em essência, já que é fruto de seu tempo e de seu meio, em instância.

Em instância porque, uma vez nascido dissociado da comunhão com a totalidade que abarca homem e natureza de forma imanente, o herói buscará transcender-se à condição em que se encontra, e tal busca deverá nortear-se pelo ideal, por uma idéia do dever-ser referente à sua condição e à condição do mundo que descortina-se perante seus olhos.

Goldmann, sintetizando a tipologia da forma romanesca do filósofo húngaro, que consiste em romance do idealismo abstrato, romance psicológico e romance educativo, escreve que o herói no romance do idealismo abstrato caracteriza-se por sua “atividade e consciência demasiado estreita em relação à complexidade do mundo” (GOLDMANN, 1976, p. 10).

A estreiteza de atividade e consciência do herói frente à complexidade do mundo de que fala Goldmann estão diretamente relacionadas com a necessidade de seu norteamento por valores que se encontram necessariamente na esfera do abstrato (o já mencionado dever-ser para homem e mundo), portanto sujeitos ao malogro uma vez confrontados com o mundo concreto. Estes valores buscados pelo herói são denominados por Goldmann como “valores autênticos” (GOLDMANN, 1976, p. 8).

É preciso salientar que os valores autênticos em questão dizem respeito a valores imanentes ao universo próprio à diegese de cada romance, escapando assim à arbitrariedade de valores tomados como autênticos por leitores e críticos:

Por valores autênticos devemos compreender, bem entendido, não os valores que a crítica ou o leitor julgam autênticos, mas aqueles que, sem estarem manifestamente presentes no romance, organizam, de modo implícito, o conjunto de seu universo. É óbvio que esses valores são específicos de cada romance e diferem de um romance para outro. (GOLDMANN, 1976, p. 9).

Os valores autênticos que se encontram presentes no universo do romance de Afonso Henriques de Lima Barreto *Triste fim de Policarpo Quaresma* e que são buscados pelo

protagonista do romance dizem respeito aos ideais de Nação e de República, ideais alimentados pelos livros de sua biblioteca particular que se chocam com o real funcionamento da nação republicana em que vive, em que o discurso republicano importado é desacreditado por atos mesquinhos daqueles que garantiram posição no novo sistema de governo recém instituído. A predominância de coronelismos e disputas oligárquicas evidencia essa contradição.

É esse choque do idealismo abstrato de Policarpo Quaresma com a realidade concreta que o cerca que coloca o personagem em conflito com a sua sociedade, a sociedade fluminense da Primeira República.

E temos então a definição de Lukács de idealismo abstrato, que caracteriza o herói deste tipo romanesco como tomado por um deslumbramento demoníaco, deslumbramento que faz o herói insistir na necessária existência do dever-ser da idéia, e que reconhece a dissonância entre esse dever-ser e a realidade tal qual se lhe apresenta:

O demonismo do estreitamento da alma é o demonismo do idealismo abstrato. É a mentalidade que tem de tomar o caminho reto e direto para a realização do ideal; que, em deslumbramento demoníaco, esquece toda a distância entre ideal e idéia, entre psique e alma; que, com a crença mais autêntica e inabalável, deduz do dever-ser da idéia a sua existência necessária e enxerga a falta de correspondência da realidade a essa exigência a priori como o resultado de um feitiço nela operado por maus demônios, feitiço que pode ser exorcizado e redimido pela descoberta da palavra mágica ou pela batalha intrépida contra os poderes sobrenaturais (LUKÁCS, 2000, p. 100)

Lukács fala sobre o estreitamento da alma frente ao mundo do herói do idealismo abstrato como uma obsessão demoníaca do herói, enquanto herói despojado da antiga comunhão sublime com o cosmos uma vez que adentrou o moderno mundo urbano-industrial e interiorizou-se gradativamente nesse processo, que se dá na relação da contradição entre a realidade concreta que este constata ao seu redor e a realidade que concebe, em que este herói, na busca de compensar essa cisão identitária com o mundo, que na sua identidade teve como consequências uma cisão entre a sua alma e os seus atos (o herói não só não reconhece o mundo em que vive como não reconhece a si mesmo vivendo neste mundo), concebe uma visão particular de comunhão com uma realidade autêntica, trilhando um caminho inglório de esforço para concretizar a realidade concebida sofrendo os impedimentos da realidade que se lhe impõe:

De fato, esse estreitamento da alma é sua obsessão demoníaca pela idéia existente, pela realidade posta como única e corriqueira. O conteúdo e a intensidade desse modo de agir têm por isso de elevar a alma à região da mais autêntica sublimidade e, ao mesmo tempo, reforçar e repisar a contradição grotesca entre realidade efetiva e imaginada – a ação do romance – em seu caráter grotesco. A natureza descontínuo- heterogênea do romance alcança aqui seu ponto culminante: as esferas da alma e dos atos, psicologia e ação, não possuem absolutamente mais nada em comum (LUKÁCS, 2000, p. 101)

A obsessão demoníaca do herói romanesco em transmutar a sua realidade, por menos que esteja capacitado para tanto, será observada na figura do herói Policarpo Quaresma, assim como as outras questões que giram em torno da relação conflituosa do herói com o seu mundo.

É esta obsessão transformar a realidade concreta à luz de uma realidade concebida no ideal que torna o herói romanesco em um herói “problemático” para o meio em que vive, visto que a sua inadequação à realidade vigente torna-se incômoda para este e para as pessoas que o rodeiam, o que traz consequências para ele e para todos com quem interage. Eis o próximo tópico a ser discutido.

### **2.3 O herói problemático**

Policarpo Quaresma encarna no romance de Lima Barreto a condição do que Geórg Lukács chama de *herói problemático*, também chamado *herói demoníaco*, que consiste no herói que não se adequa ao seu mundo, mas busca obstinadamente o caminho do estado de volta a ressonância com o cosmo, que foi perdida.

A dissociação entre o indivíduo e o seu mundo coloca-lhe em conflito com este mundo à medida que a sua visão de mundo não encontra correspondência com o mundo concreto. No romance, o herói que, segundo Lukács, “busca algo”, é o chamado herói problemático.

A diferença da situação do herói na antiguidade da sua situação na modernidade consiste em que na antiguidade existia uma ordem universal pré-estabelecida, cujos desafios enfrentados pelo herói estavam relacionados à perturbação dessa ordem, sendo o próprio herói conduzido providencialmente ao restabelecimento da ordem, consciente ou não de seu papel.

Com o progressivo distanciamento do sentimento de pertencimento a uma ordem

estabelecida de forma providencial, a ordem que o herói passa a buscar brota de sua concepção particular, ainda que o estado de corrupção em que se encontra o seu meio seja um fenômeno cujas máculas podem ser identificadas sem divergências de opiniões por muitos no que se refere a quais sejam as causas desse estado.

O problema que surge é que o herói agora não é mais guiado pelos deuses para restabelecer a ordem por eles instituída no cosmos. Com o declínio do sistema monárquico na Europa e nas Américas desde a segunda metade do século XVIII, o princípio do direito divino de governar fora sepultado, estando os homens conscientes de que a ordem que agora vigora é fruto do trabalho humano, sujeito a imperfeições que podem e devem ser corrigidas visando o bem público.

Dado esse pressuposto de que a nova ordem estabelecida não é um paradigma de governo dotado de quaisquer atemporalidades, mas nasce de projetos concebidos por homens, cada indivíduo tem, em tese, a premissa de refletir sobre o governo sob o qual vive e propor sugestões de melhoria do mesmo. Policarpo Quaresma, enquanto cidadão da República, e funcionário mesmo da máquina estatal, estava exercitando esta premissa, ainda que na prática suas propostas, ao se chocarem com interesses alheios, foram paulatinamente rejeitadas, culminando com a rejeição do herói por parte de sua sociedade da forma mais absurda, que demonstra exemplarmente a contradição entre os ideais republicanos de liberdade, igualdade e fraternidade registrados no papel que tanto comoviam o espírito de Quaresma e a realidade bruta com que era instaurado o regime republicano em que vivia o herói.

Apesar da existência dessa contradição, vale ressaltar o caráter demoníaco do herói problemático que é exatamente a característica que move o herói destemidamente na busca de concretizar seus planos de aprimoramento da Pátria, episódio após episódio no romance. A respeito desse caráter demoníaco do herói problemático no tipo romanesco do idealismo abstrato, este é o caráter de um herói que sai a campo em sua combatividade, ao mesmo tempo que sua problemática interna não se evidencia tanto na narrativa romanesca:

No primeiro caso, o caráter demoníaco do indivíduo problemático que, combativo, sai a campo é mais claramente manifesto que no segundo, mas ao mesmo tempo sua problemática interior vem à luz de modo menos gritante; à primeira vista, seu fracasso no contato com a realidade tem mais a aparência de um mero fracasso exterior (LUKÁCS, 2000, p. 99 – 100).

No caso específico do idealismo abstrato, o autor de *A teoria o romance* argumenta que é a ausência de uma problemática interna na alma do herói que o leva a buscar sucessivas aventuras externas que ele mesmo escolhe, por ser um herói cuja interioridade não aflora na trama, por este não encontrar-se em conflito consigo mesmo, o que faz com que a sua percepção da contradição e da degradação de um estado ideal dirija-se para fora de si mesmo, para o mundo.

A absoluta ausência de uma problemática internamente vivida transforma a alma em pura atividade. Como ela repousa intocada por todos em sua existência essencial, cada um de seus impulsos tem de ser uma ação voltada para fora. A vida de semelhante homem, portanto, tem de tornar-se uma série ininterrupta de aventuras escolhidas por ele próprio. Ele se lança sobre elas, pois para ele a vida só pode ser o mesmo que fazer frente a aventuras (LUKÁCS, 2000, p. 102).

Esta característica presente no romance de idealismo abstrato representa adequadamente a condição do herói Policarpo Quaresma, por este herói caracterizar-se pela narrativa de *Triste fim* como um pacato cidadão exemplar, e cuja condição problemática dá-se exatamente pelas iniciativas aparentemente excêntricas que toma, no que diz respeito aos projetos que elabora e tenta concretizar, trazerem a vista de todos com quem interage as virtudes intelectuais e morais que não se adequam ao ritmo degradado da sociedade que o engloba.

Nesse sentido, as ações do herói Policarpo Quaresma e as consequências que sofre devido ao impacto dessas ações no seu meio demonstram ainda que as máximas científicas positivistas e éticas republicanas não poderiam ser encarnadas por um indivíduo de forma isolada em uma sociedade que, apesar de louvar na pena estas qualidades, não demonstra inclinação para assumi-las, visto que este indivíduo ou estaria sujeito a corromper-se ou a voluntariamente exilar-se, ou a sofrer distintas formas de exílio, situação que está presente no romance de Lima Barreto, e que será analisada na terceira parte deste estudo.

## **2.4 Lima Barreto como crítico dos tempos modernos no Rio de Janeiro da Primeira República**

Foram discutidos até aqui alguns aspectos acerca do conflito entre o herói problemático e o seu mundo, devido ao idealismo abstrato desse herói que, de acordo com os tópicos levantados por Geórg Lukács em *A teoria do romance*, definem a própria composição

romanesca. Serão estudados agora os aspectos da produção romanesca de Lima Barreto que correspondem aos elementos modernos identificados por Lukács na composição do romance. O escritor fluminense capturou literariamente o tempo em que estava vivendo, o de uma incipiente República e da modernização que graçava sobre o Rio de Janeiro, ambos processos que apresentavam as suas contradições no que dizia respeito a atender as demandas das classes sociais menos privilegiadas.

Geórg Lukács argumenta que o herói épico na antiguidade não busca modificar o seu mundo, mas restabelecer a ordem do mundo contingencialmente perturbada, garantindo a harmonia dos homens com o cosmos, visto que o herói épico não trilha um caminho errante e solitário pelo mundo porque tem as estrelas como luminárias e pode contar com as próprias forças ordenadoras do mundo, o que contrasta com o herói romanesco na modernidade que é um peregrino errante, solitário, e que, ciente da incompletude de sua situação no mundo, busca modificar a sua realidade, até encontrar a nota necessária à restauração da harmonia perdida, ainda que não a possa encontrar ou não tenha a mínima ideia de como encontrá-la.

Partindo desse contraste do herói romanesco em relação ao herói épico, compreende-se a intenção de Lima Barreto enquanto ficcionista em explorar o herói visionário, aparentemente lunático, como um herói que propõe mudanças significativas na realidade em que vive, visto que é no visionário que o autor encontra um tipo de herói capaz de promover, obtendo êxito ou não em seu empreendimento, reformas no conjunto de valores consensualmente assentados na sociedade. Se o herói não chega a obter êxito na sua cruzada, pelo menos sua ação traz a lume a possibilidade de novas concepções de compreender e agir sobre a realidade estabelecida.

#### **2.4.1 Lima Barreto e a representação literária do Rio de Janeiro da Primeira República**

Enquanto jornalista, cronista e ficcionista que nasceu nas últimas décadas do século XIX e produziu sua obra nas primeiras décadas do século XX, Lima Barreto debateu-se com a sociedade em que viveu. Foi um homem nascido no Rio de Janeiro de tempos modernos e que tematizou em sua obra questões inerentes à modernidade. O pesquisador Flavio do Nascimento, inclusive, registrou em *Lima Barreto: espaço interno* a afirmação de um escritor contemporâneo ao autor de *Triste fim* quanto ao caráter moderno de sua obra:



Contemporâneo de Lima Barreto, muito cedo o jovem escritor Jaime Adour da Câmara manifestou admiração pela obra do romancista carioca. Em carta, escreveu: “O romance brasileiro tem na sua obra a sua verdadeira fase moderna” (NASCIMENTO, 1977, p. 15).

Uma noção acerca deste caráter do escritor pode ser vislumbrada nas próprias críticas que recebeu em vida. Lima Barreto, quando não foi simplesmente ignorado pela crítica, foi repreendido por, além de produzir uma ficção por demais autobiográfica, escrever com uma linguagem mais corriqueira, típica de sua veia jornalística, que prejudicaria a composição de suas narrativas. Todavia, Alfredo Bosi afirma que foi esta própria atividade jornalística de Lima Barreto que contribuiu para a sua originalidade temática e formal:

Nos romances de Lima Barreto, há, sem dúvida, muito de crônica: ambientes, cenas quotidianas, tipos de café, de jornal, da vida burocrática, às vezes só mencionados ou esboçados, naquela linguagem fluente e desambiciosa que se sói atribuir ao gênero. O tributo que o romancista pagou ao jornalista (aliás, ao bom jornalista] foi considerável: mas a prosa de ficção em língua portuguesa, em maré de conformismo e academismo, só veio a lucrar com essa descida de tom, que permitiu à realidade entrar sem máscaras no texto literário. (BOSI, 1973, p. 95).

Bosi questiona o suposto desleixo formal de Lima Barreto que lhe foi atribuído pela crítica contemporânea às suas primeiras publicações, argumentando que o despojamento de linguagem do escritor é muito mais conscientemente desenvolvido do que aparentemente instintivo:

Aliás, não é só no campo ideológico que sobressai a coexistência de representação e espírito crítico; também no estilístico. E qual poderia ter sido a linguagem desse lúcido cronista do subúrbio carioca? A mais corrente a mais desataviada possível? Sim e não. O que parece apenas espontâneo e instintivo em sua prosa é, na verdade, consciente e não raro polêmico. (BOSI, 1973, p. 95).

O estudioso continua seu argumento, sugerindo que não somente o despojamento da linguagem narrativa de Lima Barreto é consciente e intencional como representa o próprio embate ideológico do autor de *Triste fim de Policarpo Quaresma* com o estilo parnasiano adotado por escritores que lhe eram contemporâneos:

Já se tornou lugar-comum louvar a riqueza de observações e de sentimento desse romance para deplorar-lhe, em seguida, o desleixo da linguagem, enfeada por solecismos, cacófatos e repetições numerosas. Sem entrar no mérito da questão, ligada a um fenômeno estético-social complexo como o

do bom gosto, variável de cultura para cultura, pode-se ver, na raiz dessa língua “irregular” a própria dissonância espiritual do narrador com o estilo vitorioso no mundo das letras em que, dialeticamente, se inseria. (BOSI, 1973, p. 99).

Beatriz Resende em *Lima Barreto: a opção pela Marginália* relaciona a recusa do escritor à uma produção ficcional mais academicista, ao sabor da voga de seu tempo, com a intenção que tinha de aproximar-se das camadas mais populares

O academicismo recusado é também a recusa do distanciamento escritor-público, é a busca do elemento popular no autenticamente nacional. Na verdade, o antagonismo que Lima Barreto estabelece entre sua escrita e a “escrita coelho-netista” é correspondente ao antagonismo que cresce entre os bairros “aristocráticos”, “civilizados” de “gente fina” e os subúrbios com sua pequena burguesia e operariado de costumes e cultura próprios. A opção ao nível do uso da língua liga-se à valorização desta cultura popular que encontra expressão não apenas na linguagem, mas também na música, nas danças, nas formas de reunião social. Abre-se espaço para os ditos do bom-senso popular sem medo do despotismo da gramática, para as polcas e modinhas dengosas, a flauta do carteiro e o violão do capadócio, para as conversas entre cafezinhos e parati. (RESENDE, 1983, p. 75)

Lima Barreto presenciou a modernização da metrópole brasileira de fins do século XIX e das duas primeiras décadas do século XX até seu falecimento em 1922, especificamente no período de administração dos três primeiros presidentes civis, Prudente de Morais, Campos Sales e Rodrigues Alves, e a euforia que tomou conta da população por esse processo.

Lucia Miguel Pereira observa que no meio desta euforia, houve uma voz dissonante. O desencanto mais alarmante com o mundo moderno no Brasil, especificamente no Rio de Janeiro da Primeira República, veio de Lima Barreto, na condição de um ilustrado mulato dos subúrbios cariocas, onde as contradições entre a modernização da sociedade brasileira voltada a atender os mais altos setores da população em contraste com uma imensa camada populacional paupérrima que acabara de sair de um estado de escravidão eram de seu conhecimento diário, muito íntimo, por se tratar de uma realidade que acompanhava de perto.

A seguinte consideração de H. Pereira da Silva lembra ao leitor de Lima Barreto que a obra ficcional do escritor não contemplou apenas o Rio de Janeiro das grandes modificações urbanísticas que estavam sendo levadas a cabo no início do século XX, mas também do Rio de Janeiro anterior a estas modificações:

O Rio de Janeiro, condução, lojas, cafés, jornais, confeitarias e subúrbios, está nos seus romances. É o Rio antigo. O Rio de antes dos aterros, desmontes, alargamentos de ruas e, em alguns pontos, ainda iluminado a bico de gás. Um Rio que desapareceu. Um Rio que conhecemos apenas através de páginas literárias, históricas e raras fotos. Enfim, um Rio que virou lembrança. (SILVA, 1981, p. 22).

Deve-se levar em consideração que, como um escritor suburbano, era possível a Lima Barreto registrar o contraste da urbanização dos grandes centros com a predominância nos subúrbios do “Rio antigo”, zonas nas quais não se daria o processo de modernização/urbanização ou se daria com notório atraso.

#### **2.4.2 Lima Barreto como voz dos excluídos da moderna sociedade republicana**

José Murilo de Carvalho na obra *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não Foi* traça um panorama da capital brasileira com o advento da República e que expectativas cercavam o aguardado sistema de governo pela elite intelectual brasileira que a partir da segunda metade do século XIX começara a clamar pelo seu advento:

Tratava-se da primeira grande mudança de regime político após a independência. Mais ainda: tratava-se da implantação de um sistema de governo que se propunha, exatamente, trazer o povo para o proscênio da atividade política. A República, na voz de seus propagandistas mais radicais, como Silva Jardim e Lopes Trovão, era apresentada com a irrupção do povo na política, na melhor tradição da Revolução Francesa de 1789, a “revolução adorada”, como a chamava Silva Jardim. O regime monárquico, vivendo à sombra do Poder Moderador, era condenado pelo manifesto republicano de 1870 como incompatível com a soberania nacional, que só poderia ser baseada na vontade popular. O jornal *Revolução*, publicado no Rio em 1881 por um funcionário demitido da Alfândega, Fávila Nunes, conclamava o povo, segundo ele roubado em seus direitos pelo governo monárquico, a empunhar “o estandarte da liberdade – a bandeira da República – no meio da praça pública, ao som da Marselhesa, proclamando a soberania popular”. (CARVALHO, 1987, p. 11).

Encontrava-se esta camada populacional desprovida dos meios necessários para sustentar-se em uma sociedade que da noite para o dia estabelecia uma condição de igualdade política a todos os cidadãos, não levando em consideração que esta não possuía nenhum instrumental com o qual pudesse equiparar-se aos cidadãos brancos tradicionalmente livres, no trabalho para integrar-se aos ditames da civilização e para poder conquistar um espaço adequado nela, que ultrapassasse a categoria da subsistência.

Lima Barreto indagou muito da sociedade em que viveu em suas obras, e as indagações tanto partiram do contexto que lhe foi mais próximo, imediato, como o da condição de mulato e a questão da loucura, quanto questões mais abrangentes, referentes à sua sociedade como um todo.

Isto se dá porque Lima Barreto pode ser considerado um intérprete da moderna sociedade brasileira. Maria Cristina Teixeira Machado fala a respeito do caráter dos intérpretes da Era Moderna:

Considere-se, em primeiro lugar, o fato de a representação da modernidade nascer atrelada à sua crítica, sendo os porta-vozes da sociedade moderna precisamente seus mais eloqüentes críticos e, em segundo, a condição de essa peculiaridade estar estreitamente vinculada a uma outra constante das representações: a percepção do caráter contraditório da vida moderna. Em suas formulações, esses autores fazem ao mesmo tempo a apologia e a condenação da modernidade, ao constatarem a existência de riquezas culturais e materiais jamais vistas, ao lado da miséria mais degradante; o progresso científico e tecnológico convivendo com a regressão e a barbárie humanas; as infinitas possibilidades de desenvolvimento ao lado de condições de aniquilamento da espécie etc. (MACHADO, 2002, p.11).

Lima Barreto pode ser considerado como um intérprete da contradição existente entre a possibilidade de o negro, uma vez que tenha deixado de ser escravo, aparentemente conquistar um espaço na sociedade livre republicana através dos estudos, como qualquer outro cidadão, e a dura realidade de ser excluído, na prática, da sociedade, no que tange a obter um espaço profissional condizente com as aptidões legítimas que porventura tenha adquirido para exercer uma dada profissão, e a uma posição legitimamente respeitável nesta sociedade.

A crítica de Lima Barreto ao período republicano em que viveu é apontada por estudiosos como José Murilo de Carvalho e Maria Zilda Cury. Carvalho cita Lima Barreto em seus ataques à República instituída como um porta-voz do desagrado geral da população negra no Brasil com o fim da Monarquia e o advento do novo governo:

A simpatia dos negros pela Monarquia reflete-se na conhecida ojeriza que Lima Barreto, o mais popular romancista do Rio, alimentava pela República. Neto de escravos, filho de um protegido do visconde de Ouro Preto, o romancista assistira, emocionado, aos sete anos, às comemorações da abolição e às festas promovidas por ocasião do regresso do imperador de sua viagem à Europa, também em 1888. Em contraste, vira no ano seguinte seu

pai, operário da Tipografia Nacional, ser demitido pela política republicana. Irritava-o, particularmente, a postura do barão do Rio Branco, a quem acusava de renegar a parcela negra da população brasileira. (CARVALHO, 1987, p. 30).

Este desagrado está ligado às promessas de igualdade social proclamados pelos apóstolos dos ideais republicanos e não concretizados quando da instauração da República. Carvalho em *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil* escreve a respeito de como diferentes vertentes dos discursos republicanos, ainda que disseminadas na elite burguesa existente no Brasil do II Império, acabavam todas em suas apologias ganhando um caráter mais popular, ganhando portanto a simpatia de classes mais baixas:

Como discurso, as ideologias republicanas permaneciam enclausuradas no fechado círculo das elites educadas. Mas seja pelo próprio conteúdo do discurso, seja pelos elementos utópicos, elas acabavam por postular a saída do fechado e restrito mundo das elites, acabavam por defender, cada uma a sua maneira, o envolvimento popular na vida política. Este era certamente o caso dos jacobinos, cuja inspiração direta era a Revolução Francesa. À época da proclamação da República, essa revolução era o exemplo mais poderoso de explosão popular na arena pública. Era também, de certo modo, o caso dos positivistas ortodoxos. Embora em princípio contrários a movimentos revolucionários, tinham a Revolução de 1789 como marco na história da humanidade e sua visão da sociedade ideal era comunitária e incorporadora. Em menor escala, o modelo liberal poderia também incluir exigências de ampliação da participação. (CARVALHO, 1990, p. 199).

Maria Zilda Cury aponta como Lima Barreto percebeu e protestou acerca do desencontro entre a República idealizada desde meados do século XIX e a República sob cujas contradições esta vivendo:

Na maior parte de sua obra, Lima Barreto manifestou-se contra o regime republicano implantado no Brasil em 1889. Criticava a “mania do título de doutor” que assolava o ambiente intelectual republicano, denunciava os desmandos dos dirigentes e a sistemática desobediência aos ideais de igualdade civil e de ascensão social, ideais proclamados, mas não efetivados pela República nascente. (CURY, 2009, p. 133).

Cury demonstra como o escritor manifestou publicamente em periódicos suas críticas à República então em vigor, a Primeira República, buscando trazer ao conhecimento das autoridades republicanas e das classes mais abastadas a condição das comunidades suburbanas que se encontravam marginalizadas do processo de urbanização do Rio de Janeiro, assim como despertar a compreensão das próprias classes menos favorecidas neste processo. A taxa de analfabetismo em tais classes era a grande regra, e a formação de Lima Barreto, a

grande exceção, o que o levou a tornar-se representante, no exercício jornalístico e literário, dessas classes:

Nos jornais, onde publicou crônicas, sem interrupções, de 1902 até o ano de sua morte, em 1922, fez ácidas críticas ao funcionalismo público e à burocracia estatal que inchavam o aparelho de Estado no Brasil da Primeira República. Reclamava na imprensa, em nome dos menos favorecidos, contra o custo de vida, contra o precário calçamento das ruas dos subúrbios cariocas, região excluída dos projetos de embelezamento e modernização que modificavam o perfil dos bairros burgueses do Rio de Janeiro, a então capital da República. Os subúrbios são o palco de seus escritos, espaços ficcionais que traçam o “mapa sentimental” da cidade, com as tintas carregadas de indignação por ver os mais humildes excluídos das mudanças urbanas e desterrados de sua memória espacial. Espírito em constante ebulição, transformou seus romances e crônicas em instrumentos de seus ideais, guiando-se por uma concepção de arte como missão, claramente explicitada em vários escritos. (CURY, 2009, p. 132).

E partindo das críticas em jornais e revistas sobre a condição marginalizada dos negros no país, Lima Barreto leva tal problemática para o campo de sua produção ficcional. Cury argumenta:

Em Lima Barreto, as reivindicações de igualdade étnico – culturais e a matéria popular fazem pressão, causando estranhamento no ambiente intelectual, deslocando concepções de literatura como passatempo ou como mero adorno. Seus romances e contos, ao contrário de boa parte das obras literárias do período, desnudam o projeto de branqueamento social das elites brasileiras e como tal projeto permeia as demandas de modernização urbana do Rio de Janeiro da época que destituem os menos favorecidos de seu direito à cidade. (CURY, 2009, p. 133).

Esta contradição acerca do negro e do mulato na moderna sociedade brasileira parece ser o primeiro tópico de contradição dos tempos modernos no Brasil em seus primeiros 30 anos de República que aparece na obra de Lima Barreto, visto que a condição trágica do mulato, por mais qualidades de espírito e inteligência que este possa apresentar ao bom convívio com sua sociedade, foi uma condição que lhe tocava a própria condição pessoal, e aparece em três de suas ficções, *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, *Clara dos Anjos* e *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*.

Essa primeira contradição abre o precedente para Lima Barreto questionar outras contradições inerentes à sociedade em que vive, como por exemplo, no campo político, as ideias propostas na Constituição republicana e o funcionamento concreto da República,

questão que será tema de *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Contradições como esta se desenvolverão nas ficções do autor como uma constante: em diversas questões, políticas, sociais, culturais, serão constatadas várias tensões entre o ideal e o real.

Alfredo Bosi em *O pré-modernismo* escreve sobre a obra que “o desencontro vem a ser [...] a constante social e psíquica do romance” (BOSI, s/d., p. 99). Sônia Brayner em *Labirinto do espaço romanesco*, ao analisar os protagonistas de *Recordações*, *Triste fim* e *Vida e morte*, argumenta que estes três personagens “representam o trágico desencontro entre o realismo e o ideal heroico” (BRAYNER, 1979, p. 169), o que amplia a característica do desencontro entre o ideal e o real para outras obras do escritor.

Lima Barreto teve a capacidade de demonstrar a contradição entre os pontos positivos e negativos da modernização de uma dada sociedade e assim apontar o contraste entre os ideais apregoados pela exaltação a esse processo de modernização e as reais condições em que esta se encontra, a começar pelas camadas mais baixas que a compõem, desprovidas devidamente das aparentes benesses desse processo em contraste com as camadas mais altas (a quem de fato os esforços de modernização foram destinados), até chegar às camadas mais altas em que o escritor demonstrou não estarem imunes a uma realidade de corrupção em flagrante contraste com os ideais propostos pelo desenvolvimento da República.

### **2.4.3 O caráter utópico da produção literária de Lima Barreto**

O desencontro entre o ideal e o real vivenciado pelos heróis de Lima Barreto traz a lume a questão do caráter utópico que permeia, em diferentes graus, a postura desses heróis. Flavio do Nascimento, citando Karl Manheim, aposta no caráter revolucionário do pensamento utópico desposado pelos personagens de Lima Barreto:

Karl Manheim atribui caráter revolucionário, do ponto de vista social, à visão utópica, diferenciando-a de ideologia, comprometida com a estabilidade. A seu ver a utopia “não é exteriorização irracional, e sim produto de uma vontade consciente; a utopia não é mero aguilhão emocional, é visão do mundo que convoca as energias afetivas de grupos sociais sem perder seu caráter de arquitetura intelectual” (NASCIMENTO, 1977, p. 34).

O próprio ideal que Lima Barreto defendia acerca do propósito da literatura aponta o caráter utópico de seu pensamento e propicia uma luz sobre a postura igualmente utópica de

alguns de seus heróis. O autor defendia a literatura como fator de elevação do indivíduo à universalidade enquanto tipo humano, através da comunicação estabelecida entre autor e leitor acerca da condição humana pela obra literária, propiciando-lhes solidariedade mútua quanto à condição de que são co-partícipes.

Lima Barreto na conferência *O destino da literatura* escreve sobre a característica da arte literária de unir, ligar os homens, aparentemente diferentes mas iguais no sofrimento humano:

[...] mais do que nenhuma outra arte, mais fortemente possuindo essa capacidade de sugerir em nós o sentimento que agitou o autor ou que ele simplesmente descreve, a arte literária se apresenta com um verdadeiro poder de contágio que a faz facilmente passar de simples capricho individual, em traço de união, em força de ligação entre os homens, sendo capaz, portanto, de concorrer para o estabelecimento de uma harmonia entre eles, orientada para um ideal imenso em que se soldem as almas, aparentemente mais diferentes, reveladas, porém, por elas, como semelhantes no sofrimento da imensa dor de serem humanos (BARRETO, 1953, p. 103).

Esta ligação entre os homens se dá pela possibilidade de harmonização essencial de suas aparentes diferenças mediante solidariedade mútua, gerada pela identificação na obra literária dos aspectos que os igualam enquanto seres humanos, para além das diversas contingências histórico-sociais que os separam:

Ela sempre fez baixar das altas regiões, das abstrações da Filosofia e das inacessíveis revelações da Fé, para torná-las sensíveis a todos, as verdades que interessavam e interessam à perfeição da nossa sociedade; ela explicou e explica a dor dos humildes aos poderosos e as angustiosas dúvidas destes, àqueles; ela faz compreender, umas às outras, as almas dos homens dos mais desconhecidos nascimentos, das mais diversas épocas, das mais divergentes raças; ela se apieda tanto do criminoso, do vagabundo, quanto de Napoleão prisioneiro ou de Maria Antonieta subindo à guilhotina; ela, não cansada de ligar as nossas almas, umas às outras, ainda nos liga à árvore, à flor, ao cão, ao rio, ao mar e à estrela inacessível; ela nos faz compreender o Universo, a Terra, Deus e o Mistério que nos cerca e para o qual abre perspectivas infinitas de sonhos e de altos desejos. (BARRETO, 1953, p. 109).

O escritor, citando a obra de Jean Marie Guyau *A arte sob o ponto de vista sociológico*, argumenta que a Arte de uma forma geral, e a literatura particularmente, tem a capacidade e o propósito de servir como:



[...] “expressão da vida refletida e consciente, e evoca em nós ao mesmo tempo, a consciência mais profunda da existência, os sentimentos mais elevados, os pensamentos mais sublimes. Ela ergue o homem de sua vida pessoal à vida universal, não só pela sua participação nas ideias e crenças gerais, mas também ainda pelos sentimentos profundamente humanos que exprime”.

Quer dizer: o homem, por intermédio da Arte, não fica adstrito aos preceitos e preconceitos de seu tempo, de seu nascimento, de sua pátria, de sua raça; ele vai além disso, mais longe que pode, para alcançar a vida total do Universo e incorporar a sua vinda no Mundo. (BARRETO, 1953, p. 107).

Antonio Candido, no ensaio “Os olhos, a barca e o espelho”, menciona os requisitos indispensáveis para a criação literária no entender de Lima Barreto, que dizem respeito à sinceridade de propósitos do escritor e a solidariedade deste para com os problemas humanos em geral e aos sociais em particular. O escritor é movido a promover o enfoque literário destes problemas pela “missão de contribuir para libertar o homem e melhorar a sua convivência.” (CÂNDIDO, 1989, p. 39).

Dos personagens de Lima Barreto, o herói que, ao vivenciar a contradição do ideal com o real, mais contrapôs uma postura utópica à realidade que viveu foi o protagonista de *Triste fim de Policarpo Quaresma*, romance que constitui, para a presente dissertação, na obra literária concreta em que será analisado o conflito entre herói e mundo.

Simone Souza de Assunção argumenta acerca da importância do romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, apontando a possibilidade de o leitor poder conhecer a dinâmica de mundo concreta da Primeira República assim como a condição universal em que uma comunidade, e em que um indivíduo, podem estar sujeitos a um governo tirânico.

A particularidade do romance reside no estabelecimento da individualidade da obra. Essa, concretizada em situações típicas, dialeticamente contrapostas, permite que visualizemos o caráter singular dos primórdios do período republicano brasileiro ao mesmo tempo que identificamos, em *Triste fim de Policarpo Quaresma*, o caráter geral e universal do autoritarismo, característico dos chamados governos fortes, sejam eles de Primeiro ou de Terceiro Mundo (ASSUMPTÃO, 1993, p. 122).

O que Lima Barreto pretendia com *Triste fim de Policarpo Quaresma* assim como com toda sua produção ficcional era representar a era em que estava vivendo. Sonia Brayner demonstra como o escritor, apoiando-se no teórico Hippolyte Taine, buscava atingir esse objetivo:

Lima Barreto defende com ardor a presença da sociedade como elemento gerador e determinante da própria organização artística; em consequência, também para o crítico, seus critérios de valor abrigam elementos inferidos da ambiência social. Para compreender uma obra de arte, segue de perto as recomendações de Taine na *Philosophie de l'art*, que preconiza “representar com exatidão o estado geral do espírito e dos costumes do tempo a que pertence”. E é a “temperatura moral” do Brasil que Lima Barreto pretende revelar através de enredos e personagens carreadores da problemática da época. (BRAYNER, 1979, p. 148 e 149).

Sob a orientação do teórico francês, o escritor buscava revelar esta temperatura moral do país “por meio dos elementos artísticos e literários, do caráter essencial de uma ideia mais completamente do que ela se acha expressa nos fatos reais”, isto porque Lima Barreto tinha como intento apreender “o conjunto e o espírito” de seu tempo para literariamente não só cumprir no contexto em que viveu o “sacerdócio” de “pregar (...)o ideal de fraternidade e de justiça entre os homens e um sincero entendimento entre eles” (BARRETO, 1953, p. 109), mas de elevar à categoria universal as problemáticas de seu contexto que serviram de matéria às suas ficções para, trabalhando “pela união da espécie” humana, concorrer “para seu acréscimo de inteligência e felicidade” (IDEM, p. 108), o que está de acordo, como aponta Brayner, com o ideal artístico de Taine, “para quem o verdadeiro artista possui esse dom de síntese do caráter essencial dos objetos: ‘os outros homens veem apenas partes, ele apreende o conjunto e o espírito’”. (BRAYNER, 1979, p. 148 e 14).

O próximo passo deste estudo é proceder à análise do referido romance, relacionando-o aos tópicos até então abordados, quais são: o idealismo abstrato do herói problemático, assim como as características desse herói e a dinâmica de sua interação com o mundo com o qual se sente em conflito.

### **3 O CONFLITO ENTRE HERÓI E MUNDO EM *TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA***

Neste terceiro capítulo, que constitui o cerne da presente dissertação, o romance de Lima Barreto *Triste fim de Policarpo Quaresma* será analisado à luz dos tópicos teóricos levantados no capítulo anterior. O conflito entre o herói problemático e o seu mundo consiste no eixo da análise deste romance. Será observado no protagonista Policarpo Quaresma o idealismo abstrato que o leva a inadequar-se com a realidade que o cerca, colocando-o em um crescente conflito com a sua sociedade, a sociedade fluminense da Primeira República, e como se dá a dinâmica deste conflito no romance.

Esta parte da dissertação está dividida em: primeiro, na discussão do idealismo abstrato presente na trama de *Triste fim*; segundo, na caracterização de Policarpo Quaresma como herói problemático; e terceiro, na natureza do conflito entre este herói problemático e o seu mundo.

#### **3.1 *Triste fim de Policarpo Quaresma* como romance de idealismo abstrato**

*Triste fim de Policarpo Quaresma*, romance publicado pela primeira vez em folhetim no ano de 1911 e depois editado em livro em 1915, apresenta as desventuras de um pacato funcionário público de baixo escalão, subsecretário do Arsenal de Guerra, morador de subúrbio, no Rio de Janeiro do período em que a República acabava de ser instaurada no país, em suas tentativas de implementar projetos visando contribuir para um maior e mais efetivo desenvolvimento cultural, econômico e político da nação brasileira. As reações que sofre o herói às sucessivas ideias que abraça e busca concretizar se dão em um a escala crescente, da ridicularização e indiferença à sabotagem e por fim ao exílio e morte.

Será discutido aqui o idealismo abstrato de Policarpo Quaresma nos três momentos do romance em que o herói, movido por este idealismo, busca concretizar sucessivos projetos patrióticos. Mediante breve síntese do romance, veremos como se dá a reação da sociedade que o herói está buscando transformar.

Em um trabalho que até onde se tem notícia foi pioneiro em sua abordagem, Roberto José Ramos em *O idealismo abstrato no romance Triste fim de Policarpo Quaresma* desenvolveu todo um estudo relacionando este romance com o conceito de idealismo abstrato teorizado por Georg Lukács. Ramos define em que consiste este conceito no caso concreto do herói Policarpo Quaresma:

O Idealismo Abstrato de Policarpo Quaresma, um herói problemático, busca um nacionalismo, que tenta compatibilizar a teoria e a práxis, voltado para o absoluto da primordialidade. Por isso, as possibilidades históricas, relativas e precárias, oferecidas pela realidade, são insatisfatórias. Há o conflito entre o herói e o mundo. (RAMOS, 1990, p. 8).

A estrutura de *Triste fim* enquanto narrativa pode ser dissecada da seguinte forma: o romance inicia mostrando ao leitor a rotina do estudioso, autodidata, metódico, e patriota Policarpo Quaresma, como ponto de partida da trama do romance. Esta começa propriamente quando Quaresma, após trinta anos de estudo e reflexão, decide-se a colocar em prática propostas de valorização da cultura nacional, utilizando-se inicialmente das cantigas tocadas ao violão que têm um alcance popular extraordinário, o que o faz contatar os serviços do violonista Ricardo Coração dos Outros, seu fiel amigo a partir do aprendizado do violão. É desta primeira iniciativa e do desenrolar dos acontecimentos negativos em torno dela que o herói, buscando compensar o primeiro choque que sofre por não poder concretizar seu plano patriótico, busca alternativas que constituem o fio condutor de toda actância presente nas três partes do romance.

Dessas três partes em que é composta a trama de *Triste fim*, Simone de Souza Assumpção descreve a forma como a primeira parte encontra-se estruturada, em que o herói interage com o mundo suburbano de onde provém:

A forma romanesca de *Triste fim* de Policarpo Quaresma está organizada em três partes. Na primeira delas, conformam-se os espaços onde o Major transita: o subúrbio onde mora e seu local de trabalho na cidade. Essa aparente oposição encontra um ponto convergente, pois tanto em casa (no subúrbio) como na cidade (no trabalho) o herói é incompreendido. Temos, assim, a conformação de um universo urbano hostil onde a personagem, contrapondo-se à ordem estabelecida, está fadada ao fracasso, que se consolida em seu internamento num hospício. (ASSUMPCÃO, 1993, p. 125).

A síntese de *Triste fim* que se propõe aqui enfoca a sucessão de tentativas e fracassos do herói. A própria estrutura do romance remete-nos ao desfecho trágico sobre o terceiro dos projetos elaborados pelo herói. Será abordado o deslocamento de campo dos projetos concebidos por Policarpo Quaresma, que se inicia no plano cultural, passa pelo campo econômico e culmina no campo propriamente político, seguindo a forma como Maria Tereza Arruda Campos (citada em Ramos) estrutura o romance de Lima Barreto, visto que é nesse deslocamento de campo que o herói vai buscando contornar, ao longo do romance, os sucessivos fracassos em concretizar as ideias que julga necessárias ao desenvolvimento da Pátria.

Maria Tereza Arruda Campos divide a estrutura do enredo em três momentos, designados como projetos. O primeiro é o cultural, através das preocupações com a língua e o folclore; o segundo, agrícola, onde é um pequeno agricultor no interior do Rio de Janeiro; e o terceiro, o político, quando volta à capital federal e adere a Floriano Peixoto. (RAMOS, 1990, p. 79 e 80).

O romance desenvolve sua trama com a dinâmica de reações aos projetos de Quaresma, que vão sendo reformulados pelo protagonista, gerando por sua vez contrarrespostas às primeiras respostas e respostas gradativamente mais negativas, o que nos traz à tona a própria forma como se desenrola o clímax de *Triste fim*: tanto os projetos de Policarpo sofrem uma progressão no que tange às ambições do herói do romance para com o universo em que vive, quanto as sucessivas reações aos seus sucessivos projetos sofrem uma progressão no que tange à exclusão do herói, inconformado com a sociedade em que vive, desta mesma sociedade. Em suma: o romance apresenta duas progressões diametralmente opostas em que seu clímax culmina com a queda de um dos lados em tensão, a de Quaresma sob o poder instituído.

Simone Souza de Assumpção, em sua dissertação de mestrado *Triste fim de Policarpo Quaresma como reflexo estético da Primeira República brasileira: uma abordagem lukacsiana*, aponta para os sucessivos caracteres que Quaresma assume nos três diferentes ambientes em que interage conflituosamente com o seu mundo ao longo do romance, e a característica constante do herói nestes ambientes, que diz respeito ao seu isolamento, característica central na composição de um personagem que reflete acerca de sua realidade e propõe transformar a mesma:

O universo romanesco de *Triste fim de Policarpo Quaresma* estabelece três ordens de inserção das personagens no meio social. Na primeira, temos a representação de um universo suburbano no qual é enfatizada a profissão burocrática do protagonista, um funcionário público. Na segunda parte, temos sua mudança para o interior, quando Quaresma se torna um homem do campo. Na terceira parte, temos um Quaresma militar, adepto da ordem republicana, mas que ao final se rebela contra a mesma. A característica comum das três ambiências é o isolamento da personagem. Tal característica é determinante de sua compreensão de mundo do mundo e de si mesmo. (ASSUMPÇÃO, 1993, p. 39).

*Triste fim de Policarpo Quaresma* é narrado em terceira pessoa, sendo por isso considerado a sua obra-prima, devido ao fato de o autor ter conseguido distanciar-se mais do autobiografismo presentes em Isaías Caminha, herói-narrador de *Recordações do escrivão Isaías Caminha* e em Augusto Machado, personagem-narrador de *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* que intercala a biografia que faz do amigo Manuel Joaquim Gonzaga de Sá com suas próprias digressões.

Em *Triste fim* Lima Barreto obteve êxito em produzir um universo mais propriamente ficcional capaz de desmentir as críticas que lhe foram dirigidas acerca de uma excessiva projeção, no plano literário, de suas angústias pessoais e das críticas à sociedade carioca que lhe era contemporânea, embora tais elementos ainda se possam verificar em *Triste fim*. Alfredo Bosi aponta neste romance um maior esforço de elaboração formal por parte de Lima Barreto:

*Triste fim de Policarpo Quaresma* é um romance em terceira pessoa, onde se nota maior esforço de construção e acabamento formal. Lima Barreto nele conseguiu criar uma personagem que não fosse mera projeção de amarguras pessoais como o amanuense Isaías Caminha, nem um tipo pré-formado, nos moldes das figuras secundárias que pululam em todas as suas obras. (BOSI, 1973, p. 98).

O narrador do romance é um narrador parcial que, ainda que não deixe de apontar a excentricidade do protagonista Policarpo Quaresma, legitima a seriedade do personagem, subscrevendo a sua postura, inclusive defendendo os dois únicos personagens que se colocam incondicionalmente ao lado do herói, mesmo que lhe reconheçam a excentricidade: a afilhada Olga e o amigo e professor de violão Ricardo Coração dos Outros. O narrador não somente assume a visão de mundo de Quaresma como assume igualmente a visão de mundo de Olga e Coração dos Outros. O narrador contrapõe inclusive a visão de mundo desses três

personagens aos demais personagens do romance, dos que se opõem mais abertamente a Policarpo Quaresma àqueles que apresentam-se reticentes à postura do herói.

É interessante como *Triste fim* tem um narrador que definitivamente não é ufanista e não defende o ufanismo do herói que narra, mas defende o herói pela nobreza de seu caráter. O único momento do romance em que o herói de fato critica o próprio sonho patriótico é quando está à beira de sofrer a injusta execução. Mas não por considerar de fato subitamente que o seu ideal de Pátria esteja equivocado.

Assumpção ressalta que o narrador defende o herói frente a sua sociedade exatamente porque, apesar de abstraídos da República concreta em que vive, seus projetos idealistas são benéficos para a própria República, o que por si só constitui um contraste entre Quaresma e os seus semelhantes que, salvo Ricardo Coração de Leão e Olga, seus amigos legítimos, vivem voltados unicamente para realizarem-se pessoalmente, nos negócios, no casamento e no prestígio social.

Os ideais superiores de Quaresma são ratificados constantemente pelo narrador, que, através de comentários acerca de suas atitudes, toma partido ao lado da personagem. Mesmo distanciado da realidade, seus ideais são positivos. Trata-se de um intelectual despido de finalidades pessoais, dedicado a seu país e à ruptura com um pensamento colonizado. (ASSUMPÇÃO, 1993, p. 126).

O narrador também faz referência aos setores da sociedade com os quais Quaresma vai esbarrando ao longo da trama quando busca pôr em prática seus projetos de melhorias para o progresso da nação. Destas descrições podemos inferir o grau de simpatia do narrador com a sociedade em que vive o herói. Critica a mania da classe suburbana de emular a alta sociedade carioca:

É uma sociedade muito especial e que só é alta nos subúrbios. Compõe-se em geral de funcionários públicos, de pequenos negociantes, de médicos com alguma clínica, de tenentes de diferentes milícias, nata essa que impa pelas ruas esburacadas daquelas distantes regiões, assim como nas festas e nos bailes, com mais força que a burguesia de Petrópolis e Botafogo. Isto é só lá, nos bailes, nas festas e nas ruas, onde se algum dos seus representantes vê um tipo mais ou menos, olha-o da cabeça aos pés, demoradamente, assim como quem diz: aparece lá em casa que te dou um prato de comida. Porque o orgulho da aristocracia suburbana está em ter todo dia jantar e almoço, muito feijão, muita carne-seca, muito ensopado – aí, julga ela, é que está a pedra de toque da nobreza, da alta linha, da distinção.

Fora dos subúrbios, na Rua do Ouvidor, nos teatros, nas grandes festas centrais, essa gente míngua, apaga-se, desaparece, chegando até as suas mulheres e filhas a perder a beleza com que deslumbram, quase diariamente, os lindos cavalheiros dos intermináveis bailes diários daquelas redondezas. (BARRETO, 1998, p.25).

Beatriz Resende analisa como se dá o processo de emulação dos valores da alta elite pelas “elites” suburbanas, que chega a anular os valores que seriam mais legítimos a essas baixas elites, como a demanda por oportunidades de vida estendidas a uma esfera mais ampla da população de homens livres que compõe a nação brasileira sob os auspícios da República:

Revela-se aí o poder do ideológico estendendo-se sobre os valores comportamentais, éticos, de gosto, dos dominados, por vezes esvaziando-os mesmo de seus valores autênticos ou fazendo com que busquem repetir as atitudes dos poderosos. (RESENDE, 1983, p. 76).

Dentre as comunidades com quem interage Policarpo Quaresma, Antônio Arnoni Prado, em seu trabalho de literatura comentada acerca da obra de Lima Barreto, descreve a que interage com o herói, relativamente mais próxima dele devido ao seu próprio trabalho como subsecretário do Arsenal de Guerra. Em um contexto de militares de escritório e burocracia, até mesmo Quaresma é apelidado de “major”.

Cercavam-no militares medíocres e sem vocação: o general Albernaz, preocupado com o casamento da filha Ismênia com o doutor Cavalcanti; o contra-almirante Caldas, a quem foi dado o comando de um encouraçado que jamais chegou a localizar [soube-se depois que tinha ido a pique na Guerra do Paraguai]; e o major Bustamante, um “demandista” que só se interessava pelos papéis de sua aposentadoria. (PRADO, 1980, p. 20).

É essa comunidade de militares incompetentes com quem Quaresma vai interagir novamente na terceira e última parte da trama de *Triste fim*. Trata-se de um corpo militar que só se apresenta feroz uma vez que o inimigo, abatido, encontre-se a mercê de cruéis retaliações e perseguições, como aconteceu com os presos políticos da suprimida Revolta da Armada e com o próprio herói.

O narrador de *Triste fim* faz as mais diversas considerações acerca do universo de Policarpo Quaresma. Além de tecer comentários sobre o sistema político vigente (a República em berço), chega inclusive descrever a topografia dos subúrbios do Rio de Janeiro:



Nada mais irregular, mais caprichoso, mais sem plano qualquer, pode ser imaginado. As casas surgiram como se fossem semeadas ao vento e, conforme as casas, as ruas se fizeram. Há algumas delas que começam largas como *boulevards* e acabam estreitas em nem vielas; dão voltas, circuitos inúteis e parecem fugir ao alinhamento reto com um ódio tenaz e sagrado. (BARRETO, 1999, p. 83).

O trecho a seguir do romance diz respeito aos tipos que permeiam as mais baixas classes da sociedade carioca na primeira década da República, o contexto histórico representado na trama de *Triste fim*.

Não se podem imaginar profissões mais tristes e mais inopinadas da gente que habita tais caixinhas. Além dos serventes de repartições, contínuos de escritórios, podemos deparar velhas fabricantes de rendas de bilros, compradores de garrafas vazias, castradores de gatos, cães e galos, mandingueiros, catadores de ervas medicinais enfim, uma variedade de profissões miseráveis que as nossas pequena e grande burguesias não podem adivinhar. Às vezes num cubículo desses se amontoa uma família, e há ocasiões em que os seus chefes vão a pé para a cidade por falta do níquel do trem. (BARRETO, 1999, p. 84).

Todas essas descrições são feitas para ilustrar as contradições existentes na sociedade em que vivia Quaresma, descortinando um cenário que aponta os contrastes entre as camadas sociais que compõem essa sociedade, tanto na cidade quanto no campo, ficando visível ao leitor que se implantadas, as ideias de Quaresma tiraria setores de sua sociedade da miséria, mas também torna-se visível ao leitor a corrida de alguns indivíduos no romance para superar a condição suburbana e ganhar algum espaço, mínimo que seja, no rol da elite republicana, e que portanto não se importam em refletir acerca da condição suburbana em si e muito menos almejam o modificar o *status quo*.

Vejamos como é caracterizado o herói do romance: Policarpo Quaresma, para identificar em que medida suas características já apontam o conflito que o herói trava, internamente a princípio, e depois no plano concreto, com o seu mundo.

Policarpo Quaresma é um personagem dado a um estado de reflexão contínuo. As iniciativas que toma ao longo do romance são as tentativas de concretização dos projetos concebidos em suas reflexões acerca das condições necessárias ao desenvolvimento pleno de sua Nação. Seu heroísmo abstrato tem base em seu nacionalismo exaltado que o remete às maiores abnegações. Cabe, todavia, ressaltar, que trata-se aqui de uma exaltação não espontânea, e sim estudada, fruto de anos de reflexão:

Policarpo era patriota. Desde moço, aí pelos vinte anos, o amor da Pátria tomou-o todo inteiro. Não fora o amor comum, palrador e vazio; fora um sentimento sério, grave e absorvente. Nada de ambições políticas ou administrativas; o que Quaresma pensou, ou melhor: o que o patriotismo o fez pensar, foi num conhecimento inteiro do Brasil, levando-o a meditações sobre os seus recursos, para depois então apontar os remédios, as medidas progressivas, com pleno conhecimento de causa. (BARRETO, 1998, p. 22).

Por ser um personagem tão ligado ao estudo e à reflexão, Policarpo Quaresma não somente é apresentado na trama como alguém que concebe projetos, mas como alguém que reflete acerca da inviabilidade de seus projetos, tanto pelas próprias limitações dos mesmos no tocante às possibilidades de suas aplicações na realidade em que vive, quanto pelos evidentes impedimentos concretos desses projetos por intervenção de setores da sociedade cujos interesses estão na contramão do caráter público das iniciativas altruístas do herói. Em ambos os casos de inviabilização de seus projetos, Quaresma sofre os efeitos do conflito que vivencia com o seu mundo.

A primeira parte do romance concentra-se nas aspirações culturais de Quaresma. A segunda parte concentra-se em seu projeto econômico alicerçado na agricultura. E a terceira parte concentra-se em sua resolução de defender a república instituída e na elaboração de um memorial com o balanço das necessidades da nação e propostas para a solução das mesmas.

Após a descrição de algumas características de Policarpo Quaresma, a trama do romance propriamente inicia-se quando o herói, após anos de estudo sobre as coisas da Pátria, sente-se impelido a colocar em prática alguns projetos. O narrador descreve o exato momento em que Quaresma decide-se a dar o primeiro passo de uma rotina de reflexão acerca da realidade que o rodeia a uma ação concreta de intervenção nesta realidade:

A convicção que sempre tivera de ser o Brasil o primeiro país do mundo e o seu grande amor à pátria, eram agora ativos e impeliram-no a grandes cometimentos. Ele sentia dentro de si impulsos imperiosos de agir, de obrar e de concretizar suas ideias. Eram pequenos melhoramentos, simples toques, porque em si mesma (era sua opinião), a grande pátria do Cruzeiro só precisava de tempo para ser superior à Inglaterra. (BARRETO, 1999, p. 35).

O primeiro projeto concreto de Quaresma é de ordem cultural, sendo concebido no contexto da primeira questão que ocupa os pensamentos do herói no romance: a questão da promoção de um folclore genuinamente nacional.

De acordo com a sua paixão dominante, Quaresma estivera muito tempo a meditar qual seria a expressão poética musical característica da alma nacional. Consultou historiadores, cronistas e filósofos e adquiriu certeza que era a modinha acompanhada pelo violão. Seguro dessa verdade, não teve dúvidas: tratou de aprender o instrumento genuinamente brasileiro e entrar nos segredos da modinha. Estava nisso tudo *a quo*, mas procurou saber quem era o primeiro executor da cidade e tomou lições com ele. O seu fim era disciplinar a modinha e tirar dela um forte motivo original de arte. (BARRETO, 1999, p. 26).

Policarpo Quaresma enquanto personagem era um homem que estudava muito antes de buscar a concretização de seus propósitos. Isto é ressaltado na narrativa de *Triste fim* em mais de uma ocasião. Vejamos como o narrador descreve a progressão de suas idéias acerca das tradições e canções folclóricas, que o levam a se interessar por costumes indígenas:

Comprou livros, leu todas as publicações a respeito, mas a decepção lhe veio ao fim de algumas semanas de estudo.

Quase todas as tradições e canções eram estrangeiras; o próprio “Tangolomango” o era também. Tornava-se, portanto, preciso arranjar alguma coisa própria, original, uma criação da nossa terra e dos nossos ares. Essa idéia levou-o a estudar os costumes tupinambás; e, como uma idéia traz outra, logo ampliou o seu propósito e eis a razão por que estava organizando um código de relações, de cumprimentos, de cerimônias domésticas e festas, calcado nos preceitos tupis. (BARRETO, 1998, p. 37).

Silviano Santiago, no texto *Uma ferroada no peito o pé (dupla leitura de Triste fim de Policarpo Quaresma)*, faz uma interessante síntese da trama do romance de Lima Barreto. Santiago descreve os três desencantos que sofre Policarpo Quaresma em contraste às três tentativas de contribuir efetivamente para o progresso da Pátria brasileira. O autor descreve essas três decepções que sofre o herói criado por Lima Barreto da seguinte forma, a começar pela decepção gerada com a sua investida em primeiro lugar na sua busca por identificar e promover uma cultura genuinamente nacional:

Na busca radical de estabelecer uma vez por todas as legítimas tradições brasileiras, Policarpo acredita que o mal está na língua que tomamos de empréstimo aos descobridores. É preciso devolver a língua portuguesa aos seus legítimos “proprietários”, e buscar, onde ela se perdeu, a nossa língua autêntica. Esta seria capaz de traduzir as nossas belezas e ao mesmo tempo adaptar-se-ia perfeitamente aos nossos órgãos vocais e cerebrais. Além do mais, parariamos de receber as humilhantes censuras dos proprietários portugueses, que o diga José de Alencar. Através de um requerimento, facultado pela nossa Constituição, Policarpo pede que o “Congresso Nacional decreta o tupi-guarani como língua oficial e nacional do brasileiro”. Seu gesto, produto de um sonho, “incubado e mantido vivo pelo calor dos seus livros” (p. 63), encontra a incredulidade geral. É vítima das

brincadeiras e perseguições dos seus companheiros. Consideraram-no louco. É internado num hospício. Primeira decepção. (SANTIAGO, 1982, p. 169).

Com a decepção da descoberta de que as tradições celebradas em solo brasileiro pelo colonizador têm suas raízes na velha Europa, Quaresma propõe ao Congresso Nacional a adoção do Tupi como idioma nacional, a fim de, a partir de um código lingüístico autônomo, produzir-se então a buscada e inexistente cultura genuinamente nacional.

Policarpo Quaresma, cidadão brasileiro, funcionário público, certo de que a língua portuguesa é emprestada ao Brasil; certo também de que, por esse fato, o falar e o escrever em geral, sobretudo no campo das letras, se vêem na humilhante contingência de sofrer continuamente censuras ásperas dos proprietários da língua; sabendo, além, que, dentro do nosso país, os autores e os escritores, com especialidade os gramáticos, não se entendem no tocante à correção gramatical, vendo-se, diariamente, surgir azedas polêmicas entre os mais profundos estudiosos do nosso idioma – usando do direito que lhe confere a Constituição, vem pedir que o Congresso Nacional decrete o tupi-guarani, como língua oficial e nacional do povo brasileiro.

O suplicante, deixando de parte os argumentos históricos que militam em favor de sua idéia, pede vênias para lembrar que a língua é a mais alta manifestação da inteligência de um povo, é a sua criação mais viva e original; e, portanto, a emancipação política do país requer como complemento e consequência a sua emancipação idiomática.” (BARRETO, 1999, p. 52 -53).

A iniciativa de Quaresma trouxe-lhe aborrecimentos na repartição em que trabalhava como subsecretário e por todo lugar que andasse. Ganhou, de súbito, a custo da ridicularização, uma notoriedade que não lhe fez justiça. Isto devido às chacotas da qual era vítima na imprensa e que eram comentadas na secretaria, e ao fato de terem até feito uma caricatura sua, o que permitiu que pessoas o identificassem e o apontassem na rua:

Assinado e devidamente estampilhado, este requerimento do major foi durante dias assunto de todas as palestras. Publicado em todos os jornais, com comentários facetos, não havia quem não fizesse uma pilhéria sobre ele, quem não ensaiasse um espírito à custa da lembrança de Quaresma. Não ficaram nisso; a curiosidade malsã quis mais. Indagou-se quem era, de que vivia, se era casado, se era solteiro. Uma ilustração semanal publicou-lhe a caricatura e o major foi apontado na rua.

Os pequenos jornais alegres, esses semanários de espírito e troça, então! Eram de um encarniçamento atroz com o pobre major. Com uma abundância que marcava a felicidade dos redatores em terem encontrado um assunto fácil, o texto vinha cheio dele: o Major Quaresma disse isso; o Major Quaresma fez aquilo. (BARRETO, 1999, p. 53).

Quaresma não tinha intenção de obter fama, menos ainda fama a qualquer custo, passando por cima dos outros, por exemplo. E muito menos ainda a custo do ridículo. Cultivava suas idéias no anonimato. Esta seria a primeira vez que iria expor seu nome ao público enquanto cidadão. O estranhamento que obteve de seus concidadãos em decorrência de sua proposta causou-lhe imenso dissabor:

Tudo isto irritava profundamente Quaresma. Vivendo há trinta anos quase só, sem se chocar com o mundo, adquirira uma sensibilidade muito viva e capaz de sofrer profundamente com a menor coisa. Nunca sofrera críticas, nunca se atirou à publicidade, vivia imerso no seu sonho, incubado e mantido vivo pelo calor dos seus livros. Fora deles, ele não conhecia ninguém; e, com as pessoas com quem falava, trocava pequenas banalidades, ditos de todo dia, coisas com que a sua alma e o seu coração nada tinham que ver.

Nem mesmo a afilhada o tirava dessa reserva, embora a estimasse mais que a todos.

Esse encerramento em si mesmo deu-lhe não sei que ar de estranho a tudo, às competições, às ambições, pois nada dessas coisas que fazem os ódios e as lutas tinha entrado no seu temperamento.

Desinteressado de dinheiro, de glória e posição, vivendo numa reserva de sonho, adquirira a candura e a pureza d'alma que vão habitar esses homens de uma idéia fixa, os grandes estudiosos, os sábios, e os inventores, gente que fica mais terna, mais ingênua, mais inocente que as donzelas das poesias de outras épocas.

É raro encontrar homens assim, mas o há e, quando se os encontra, mesmo tocados de um grão de loucura, a gente sente mais simpatia pela nossa espécie, mais orgulho de ser homem e mais esperança na felicidade da raça. (BARRETO, 1999, p. 54).

Com um posterior mal-entendido com o seu superior no Ministério da Guerra, o requerimento de Quaresma, que já havia lhe granjeado uma crescente antipatia por parte do chefe, acabou por culminar em sua demissão, e o aborrecimento do herói chegou ao ponto deste ser internado no hospício local.

Internado, viveu sua reclusão de forma pacata, inteirando-se da condição dos convivas de sanatório, inteiração que lhe causou maior tristeza acerca da condição a que se encontram fadados certos homens a viver:

Quaresma viveu lá, no manicômio, resignadamente, conversando com os seus companheiros, onde via ricos que se diziam pobres, pobres que se queriam ricos, sábios a maldizer da sabedoria, ignorantes a se proclamarem sábios; mas deles todos, daquele que mais se admirou, foi de um velho e plácido negociante da Rua dos Pescadores que se supunha Átila. Eu, dizia ele, sou Átila, sabe? Sou Átila. Tinha fracas notícias da personagem, sabia o nome e nada mais. Sou Átila, matei muita gente – era só.

Saiu o major mais triste ainda do que vivera toda a vida. De todas as coisas tristes de ver, no mundo, a mais triste é a loucura; é a mais depressora e pungente. (BARRETO, 1999, p. 74).

O segundo projeto de Quaresma é de ordem econômica. Ao deixar o sanatório, Quaresma vivendo recolhido, longe do funcionalismo público, acaba por aceitar a proposta da afilhada de mudar-se da cidade para o campo, onde resolve se dedicar à agricultura, visando com isso estimular outras iniciativas que culminassem em uma abundante produção agrícola nacional.

Santiago analisa a segunda tentativa de Policarpo Quaresma de fazer algo significativo, relevante à sua pátria, que lhe redonda em sua segunda decepção. A criação de uma “forte base agrícola” que o herói pretendia que fosse catapultar a nação rumo a uma maior autonomia econômica, trabalhando na terra de seu sítio para dar o exemplo do quanto o solo brasileiro é rico, estimulando assim outras iniciativas, viu-se impedida devido ao fato de, contrariando os livros, o solo não ser tão rico como se pretendia e por Quaresma incomodar-se por não querer se envolver com a política local, a qual os senhores de terras o estavam pressionando a tomar algum partido:

Continua o romance: “as conseqüências desastrosas do seu requerimento em nada tinham abalado suas convicções patrióticas” (p. 111). Pensa que só a partir de uma “forte base agrícola” (p. 87) é que o Brasil poderá finalmente ultrapassar o estágio da humilhação e da miséria em que se encontra. Parte para o campo, instala-se no sítio do Sossego e começa a cuidar da terra. Logo descobre que tal tarefa não era tão fácil quanto diziam os livros ufanistas. A saúva que tudo destrói e a mesquinha da política interiorana que tudo carcome expulsam-no do campo. Segunda decepção. (SANTIAGO, 1982, p. 169).

Trata-se de um progresso estimulado internamente e para usufruto interno, cuja relação com a ordem internacional estabelecida dá-se no máximo em seu ímpeto de afirmação da jovem nação e infante república frente à mesma. Quaresma, ao pensar o progresso da nação, não deixa de sacrificar a idéia de progresso econômico acima de tudo à idéia de uma nacionalidade que fortaleça a si mesma sem necessitar do paternalismo de outras nações.

Planejou a sua vida agrícola com a exatidão e meticulosidade que punha em todos os seus projetos. Encarou-a por todas as faces, pesou as vantagens e ônus; e muito contente ficou em vê-la monetariamente atraente, não por ambição de fazer fortuna, mas por haver nisso mais uma demonstração das excelências do Brasil.

E foi obedecendo a essa ordem de idéias que comprou aquele sítio, cujo nome – “Sossego” – cabia tão bem à nova vida que adotara, após a tempestade que o sacudira quase um ano. Não ficava longe do Rio e ele o escolhera assim mesmo maltratado, abandonado, para melhor demonstrar a força e o poder da tenacidade, do carinho, no trabalho agrícola. Esperava grandes colheitas de frutas, de grãos, de legumes; e do seu exemplo nasceriam mil outros cultivadores, estando em breve a grande capital cercada de um verdadeiro celeiro, virente e abundante a dispensar os argentinos e europeus. (BARRETO, 1999, p. 75).

Simone Assunção aponta em sua síntese como o herói de *Triste fim*, após deixar o hospício e mudar-se para o campo, continua buscando uma forma de intervir positivamente em sua nação, mesmo após o trauma causado pela primeira exposição pública a que ficou sujeito com a proposta do tupi ao congresso:

O primeiro embate, entretanto, não desvia a personagem da busca de seus objetivos: o conhecimento e a valorização do Brasil. Assim é que, na segunda parte do romance, temos o deslocamento da ação para o espaço rural. Vemos, novamente, que o imaginário do intelectual configura um país que não encontra suporte na realidade efetiva. Os projetos acadêmicos, particularizados na mecanização da lavoura e na utilização do conhecimento científico para a produção rural de pequeno porte, não condizem com os propósitos econômicos daquele período específico da história brasileira. Tais esforços encontram oposição nos interesses oligárquicos, que objetivam a manutenção do latifúndio exportador. (ASSUMPÇÃO, 1993, p. 125).

Roberto José Ramos observa igualmente a insistência, progressiva na trama de *Triste fim*, que o herói tem em intervir concretamente, se não mais no âmbito cultural, agora no âmbito econômico, na Pátria concreta em que vive, sempre aquém da possibilidade de Pátria que vislumbra:

O nacionalismo de Policarpo tenta materializar o ideal. Não somente insiste em dizer que o país tem as terras mais férteis do mundo, mas procura demonstrar pela prática. Alimenta o objetivo tornar o “Sossego” um exemplo de resgate da vocação agrícola brasileira. Para tanto, se sujeita a pegar na enxada e se dedicar à capina, contrariando a sua cultura urbana. (RAMOS, 1990, p. 113).

Como conseqüências da iniciativa, Quaresma colheu como frutos a desilusão para com os reveses do solo até então tido como riquíssimo e das dificuldades de conservação das plantações, mas o herói se mostrava resoluto a superar tais dificuldades.

Ramos descreve como a humildade e generosidade de espírito de Quaresma chegou a ser incrivelmente mal interpretada pelos senhores de terra ligados à política da região interiorana em que o Major havia se estabelecido:

A presença de Quaresma repercute no município. É um homem bom, solícito e prestador de favores. Não poderia estar ali por acaso. Deveria perseguir algum cargo político. Tal interpretação foi feita pelas lideranças políticas locais, trabalhando com a perspectiva de que alguém só realiza alguma coisa para outrem à espera de retorno. (RAMOS, 1990, p. 117 e 118).

Quaresma sofre um primeiro desapontamento em sua empreitada agrícola, no que diz respeito às dificuldades inerentes ao próprio cultivo de um solo que não se lhe apresentava tão rico quanto registravam os livros ufanistas acerca da pátria que guardava em sua estante:

Esses contratempos, essas contrariedades abateram muito o cultivador entusiástico dos primeiros meses; entretanto não passara pela mente de Quaresma abandonar os seus propósitos. Adquiriu compêndios de veterinária e até já tratava de comprar as máquinas agrícolas descritas nos catálogos. (BARRETO, 1999, p. 115).

Porém o que mais lhe afligiou no sítio do Sossego foi a politicagem mesquinha de senhores do campo em que se viu envolvido involuntariamente, que inutilizava a possibilidade de uma política comum de progresso econômico de base agrícola para a nação, o que acabou por levá-lo a desistir da empreitada.

A luz se lhe fez no pensamento... Aquela rede de leis, de posturas, de códigos e de preceitos, nas mãos desses regulotes, de tais caciques, se transformava em potro, em polé, em instrumento de suplícios para torturar os inimigos, oprimir as populações, crestar-lhes a iniciativa e a independência, abatendo-as e desmoralizando-as.

Pelos seus olhos passaram num instante aquelas faces amareladas e chupadas que se encostavam nos portais das vendas preguiçosamente; viu também aquelas crianças maltrapilhas e sujas, d'olhos baixos, a esmolar disfarçadamente pelas estradas; viu aquelas terras abandonadas, improdutivas, entregues às ervas e insetos daninhos; viu ainda o desespero de Felizardo, homem bom, ativo e trabalhador, sem ânimo de plantar um grão de milho em casa e bebendo todo o dinheiro que lhe passava pelas mãos – este quadro passou-lhe pelos olhos com a rapidez e o brilho sinistro do relâmpago; e só se apagou de todo, quando teve que ler a carta que a sua afilhada lhe mandara. (BARRETO, 1999, p. 114).

O terceiro projeto é de ordem política, aliás, além de um projeto consiste em uma postura, que diz respeito à resolução de Quaresma de tomar partido ao lado de seu ídolo, o



Marechal Floriano Peixoto, então presidente da República, para conter a Revolta da Armada, a fim de manter a ordem e garantir a existência da infante República estabelecida.

Simone Assumpção aponta na terceira e última parte de *Triste fim* a plenificação do conflito vivenciado por Policarpo Quaresma, em que o romance chega ao seu clímax com a compreensão, como que em uma revelação final, do herói acerca da lógica que permeia a sociedade que buscava aprimorar, o que o coloca tanto em profundo desgosto, questionando-se inclusive como pôde ter se esforçado para atuar positivamente na mesma, quanto ressalta o caráter superior que sustentou por toda a vida, e que o levaria a morte:

Na terceira parte do romance, que desloca o eixo das oposições urbano/rural para o dos regimes de força/regimes de direito, temos nova tentativa de viabilizar um projeto nacional e um novo fracasso. Dessa vez, entretanto, a personagem consegue superar sua visão estreita da sociedade e percebe os reais empecilhos para o desenvolvimento de um país viável para amplos setores da sociedade. Quaresma percebe que seu projeto pessoal encontra oposição no do poder instituído. Trata-se do êxito no fracasso. A personagem vê ruírem diante de si todos os ideais que nortearam sua vida e que acabaram por levá-lo a um “triste” fim. Entretanto, sua impossibilidade de adaptação àquele tipo de sociedade implica a manutenção de ideais superiores que não são corrompidos, pois a personagem mantém sua integridade, mesmo que questione suas ações passadas. (ASSUMPÇÃO, 1993, p. 126).

O narrador chega a discordar de Quaresma quanto ao caráter do presidente Marechal Floriano. “Entretanto, não era assim”. Esta é a expressão usada pelo narrador para opor a tibieza de ânimo, a qual descreve em Floriano, à energia e supervidência que Quaresma lhe atribui:

O seu entusiasmo por aquele ídolo político era forte, sincero e desinteressado. Tinha-o na conta de enérgico, de fino e supervidente, tenaz e conhecedor das necessidades do país, manhoso talvez um pouco, uma espécie de Luís XI forrado de um Bismarck. Entretanto, não era assim. Com uma ausência total de qualidades intelectuais, havia no caráter do Marechal Floriano uma qualidade predominante: tibieza de ânimo, e no seu temperamento, muita preguiça. Não a preguiça comum, essa preguiça de nós todos; era uma preguiça mórbida, como que uma pobreza de irrigação nervosa, provinda de uma insuficiente quantidade de fluido no seu organismo. Pelos lugares que passou, tornou-se notável pela indolência e desamor às obrigações dos seus cargos. (BARRETO, 1999, p. 130).

É interessante observar como Quaresma compreende a sucessão de projetos a que se dedica de corpo e alma de uma maneira progressiva. À luz de sua proposta agora claramente

política, as propostas anteriores lhe soam como ingenuamente e juvenilmente artificiais, mais movidos pelo ímpeto de mudança do que de um projeto racionalmente mais elaborado e amadurecido:

Quaresma veio a recordar-se do seu tupi, do seu *folk-lore*, das modinhas, das suas tentativas agrícolas – tudo isso lhe pareceu insignificante, pueril, infantil.

Era preciso trabalhos maiores, mais profundos; tornava-se necessário refazer a administração. Imaginava um governo forte, respeitado, inteligente, removendo todos esses óbices, esses entraves, Sully e Henrique IV, espalhando sábias leis agrárias, levantando o cultivador... Então sim! o celeiro surgiria e a pátria seria feliz. (BARRETO, 1999, p. 116).

O projeto mais racional, elaborado de forma mais madura, propriamente dito, consiste em um memorial, um relatório escrito por Quaresma e endereçado ao presidente, que disserta sobre quais são os desafios a serem vencidos para o progresso da nação e como tais desafios podem ser superados, baseado em seus esmerados estudos:

Aproveitara os dias até para redigir um memorial que ia entregar a Floriano. Nele expunham-se as medidas necessárias para o levantamento da agricultura e mostravam-se todos os entraves, oriundos da grande propriedade, das exações fiscais, da carestia de fretes, da estreiteza dos mercados e das violências políticas. (BARRETO, 1999, p. 128).

Considerava Quaresma este memorial como a realização mais efetiva, mais abrangente, de seu intuito de transformar positivamente a nação. Alistado voluntariamente, com a supressão da Revolta, recebe a função de cárcere de insurgentes. Ao deparar-se com o fato de os prisioneiros estarem sendo executados de forma injusta e aleatória, sem direito a julgamento formal, Quaresma protesta com veemência por escrito e se torna incômodo ao processo de retaliação que estava sendo levado a cabo contra aqueles inimigos políticos:

Não se pudera conter. Aquela leva de desgraçados a sair assim, a desoras, escolhidos para uma carniçaria distante, falara fundo a todos os seus sentimentos; pusera diante dos seus olhos todos os seus princípios morais; desafiara a sua coragem moral e a sua solidariedade humana. (BARRETO, 1999, p. 206).

Esta postura o leva a ser acusado de traição, aprisionado e executado, sob ordem de ninguém menos que o próprio presidente cujo direito de governar a República Quaresma se propôs a defender com o empenho da própria vida.

Silviano Santiago descreve por fim como o herói se frustra com o seu terceiro e mais ousado projeto de apoio à República estabelecida, equivocando-se quanto às qualidades que atribuíra a Floriano Peixoto enquanto dirigente da nação, o homem que chamou Quaresma de visionário, ignorou o memorial escrito por ele e ainda o encerrou na Ilha das Cobras quando o fiel patriota, mas acima disso, humanista ilustrado, questionou a arbitrariedade injusta da retaliação a qual queriam que tomasse parte contra os inimigos encarcerados que participaram da Revolta da Armada:

Reanimado pela posse do Marechal Floriano Peixoto na Presidência da República, pensa que antes de mais nada “torna-se necessário refazer a administração” e já imagina um “governo forte, respeitado, inteligente” (p. 135), a quem hipotecaria todo o seu apoio. O Marechal de Ferro não se cola à imagem que dele fazia. “O seu entusiasmo por aquele ídolo político era forte, sincero, desinteressado. Tinha-o na conta de enérgico, de fino e supervidente, tenaz e conhecedor das necessidades do país (...). Entretanto, não era assim. Com uma ausência de qualidades intelectuais, havia no caráter do Marechal Floriano uma qualidade predominante: tibieza de ânimo; e no seu temperamento, muita preguiça” (p.152). Contra a mediocridade reinante, contra o rancor e o gosto de vingança dos homens fortes do momento, Policarpo insurge-se. Rebelar-se contra as ordens desumanas que recebe e que deve executar como carcereiro. Vira inimigo do poder e sujeito às crueldades de um governo autoritário. É preso na ilha das Cobras, onde encontra o seu fim. Terceira e última decepção. (SANTIAGO, 1982, p. 169 - 170).

É narrado que Policarpo Quaresma repassa no cárcere, amargurado, os projetos a que se dedicou, depois de anos de cultivo intelectual e admiração das coisas da pátria, para com infortúnio questionar a relevância de sua dedicação abnegada para a própria felicidade:

Iria morrer, quem sabe se naquela noite mesmo? E que tinha ele feito de sua vida? Nada. Levava toda ela atrás da miragem de estudar a sua pátria, por amá-la e querê-la muito, no intuito de contribuir para a sua felicidade e prosperidade. Gastara a sua mocidade nisso, a sua virilidade também; e, agora que estava na velhice, como ela o recompensava, como ela o premiava, como ela o condecorava? Matando-o. E o que não deixara dever, gozar, de fruir, na sua vida? Tudo. Não brincara, não pandegara, não amara – todo esse lado da existência que parece fugir um pouco à sua tristeza necessária, ele não vira, ele não provara, ele não experimentara.

Desde dezoito anos que o tal patriotismo lhe absorvia e por ele fizera a tolice de estudar inutilidades. Que lhe importavam os rios? Eram grandes? Pois que fossem...Em que lhe contribuiria para a felicidade saber o nome dos heróis do Brasil? Em nada...O importante é que ele tivesse sido feliz. Foi? Não. Lembrou-se das suas coisas de tupi, do folk-lore, das suas tentativas agrícolas...Restava disso tudo em sua alma uma satisfação? Nenhuma! Nenhuma!

O tupi encontrou a incredulidade geral, o riso, a mofa, o escárnio; e levou-o à loucura. Uma decepção. E a agricultura? Nada. As terras não eram ferazes

e ela não era fácil como diziam os livros. Outra decepção. E, quando o seu patriotismo se fizera combatente, o que achara? Decepções. Onde estava a doçura de nossa gente? Pois ele não a viu combater como feras? Pois não a via matar prisioneiros, inúmeros? Outra decepção. A sua vida era uma decepção, uma série, melhor, um encadeamento de decepções. (BARRETO, 1999, p. 174 -175).

A certa altura de sua agonia, o patriota Quaresma chega mesmo a colocar em xeque o próprio conceito de Pátria. Este trecho é muito interessante porque demonstra não somente a erudição de Lima Barreto (erudição de historiador, ele que pretendia escrever uma história da escravidão no Brasil) como a relativização que faz muito consciente da noção de Pátria:

A pátria que quisera ter era um mito; era um fantasma criado por ele no silêncio do seu gabinete. Nem a física, nem a moral, nem a intelectual, nem a política que julgava existir, havia. A que existia de fato, era a do Tenente Antonino, a do doutor Campos, a do homem do Itamarati.

E, bem pensado, mesmo na sua pureza, o que vinha a ser a Pátria? Não teria levado toda sua vida norteado por uma ilusão, por uma idéia a menos, sem base, sem apoio, por um deus ou uma deusa cujo império se esvaia? Não sabia que essa idéia nascera da amplificação da credence dos povos greco-romanos de que os ancestrais mortos continuariam a viver como sombras e era preciso alimentá-las para que eles não perseguissem os descendentes? Lembrou-se do seu *Fustel de Coulanges*... Lembrou-se de que essa noção nada é para os Menenanã, para tantas pessoas... Pareceu-lhe que essa ideia como que fora explorada pelo conquistadores por instantes sabedores das nossas subserviências psicológicas, no intuito de servir às suas próprias ambições...

Reviu a história; viu as mutilações, os acréscimos em todos os países históricos e perguntou de si para si: como um homem que vivesse quatro séculos sendo francês, inglês, italiano, alemão, podia sentir a Pátria?

Uma hora, para o francês, Franco-Condado era terra dos seus avós, outra não era; num dado momento, a Alsácia não era, depois era, e afinal não vinha a ser.

Nós mesmo não tivemos a Cisplatina e não a perdemos; e, por ventura, sentimos que haja lá manes dos nossos avós e por isso sofremos qualquer mágoa?

Certamente era uma noção sem consistência racional e precisava ser revista. (BARRETO, 1999, p. 175 -176).

O que o herói acaba fazendo obviamente na condição extrema em que se encontra é um balanço do quanto gastou a sua vida, que agora está por terminar, dedicando-se a uma complexa questão, a da nação e as condições necessárias ao seu salutar desenvolvimento, e o quanto privou-se de cuidar de assuntos mais concernentes à sua própria pessoa, como casar-se, ter filhos, reunir amigos e familiares em banquetes etc. O protagonista de *Triste fim* chega a censurar-se por não ter se aventurado a cometer “sequer uma asneira”.

Os questionamentos com que se debate o herói alcançam agora um nível de tamanho desalento pelo caminho trilhado até então que o desespero da iminência da morte lhe sugere à alma que o seu proceder, acima da média na sociedade em que viveu, não passou de um completo desperdício:

Mas, como é que ele tão sereno, tão lúcido, empregara a sua vida, gastara o seu tempo, envelhecera atrás de tal quimera? Como é que não viu nitidamente a realidade, não a pressentiu logo e se deixou enganar por um falaz ídolo, absorver-se nele, dar-lhe em holocausto toda a sua existência? Foi o seu isolamento, o seu esquecimento de si mesmo; e assim é que ia para a cova, sem deixar traço seu, sem um filho, sem um amor, sem um beijo mais quente, sem nenhum mesmo, e sem sequer uma asneira? Nada deixava que afirmasse a sua passagem e a terra não lhe dera nada de saboroso. (BARRETO, 1999, p. 176).

Quaresma tenta se agarrar por um instante à ideia consoladora de que outros espíritos de boa vontade poderiam futuramente dar continuidade ao trabalho iniciado por ele, mas esta esperança logo se desfaz ao constatar o herói que não conseguiu deixar nenhum legado em termos de trabalho elaborado, para que pudesse ser acessado e desenvolvido:

Contudo, quem sabe se outros que lhe seguissem as pegadas não seriam mais felizes? E logo respondeu a si mesmo: mas como? Se não se fizera comunicar, se nada dissera e não prendera o seu sonho, dando-lhe corpo e substância?

E esse seguimento adiantaria alguma coisa? E essa continuidade traria enfim para a terra alguma felicidade? A quantos anos vidas mais valiosas que a dele, se vinham oferecendo, sacrificando e as coisas ficaram na mesma a terra na mesma miséria, na mesma opressão, na mesma tristeza.

E ele se lembrava que há bem cem anos, ali, naquele mesmo lugar onde estava, talvez naquela mesma prisão, homens generosos e ilustres estiveram presos por quererem melhorar o estado de coisa de seu tempo. Talvez só tivessem pensado, mas sofreram pelo seu pensamento. Tinha havido vantagem? As condições gerais tinham melhorado? Aparentemente sim; mas, bem examinado, não.

Aqueles homens, acusados de crime tão nefando em face da legislação da época, tinham levado dois anos a ser julgados; e ele, que não tinha crime algum, nem era ouvido, nem era julgado; seria simplesmente executado! (BARRETO, 1999, p. 176).

É verdade que escreveu o memorial, que poderia ser estudado e aperfeiçoado, ou mesmo já ser posto em prática dado algum contexto mais favorável, mas confiou-o nas mãos de ninguém menos que seu algoz, Floriano Peixoto, que desprezou a iniciativa de imediato.

Por fim, o lamento do herói fixa-se na consciência de ter sido um homem de bem que terminaria seus dias de uma forma indigna, e separado de forma brusca das pessoas que amava e que o amavam:

Fora bom, fora generoso, fora honesto, fora virtuoso – ele que fora tudo isso, ia para a cova sem o acompanhamento de um parente, de um amigo, de um camarada...

Onde estariam eles? Sobre o Ricardo Coração dos Outros, tão simples e tão inocente na sua mania de violão, ele não poria mais os olhos? Era tão bom que o pudesse, para mandar à sua irmã o último recado, ao preto Anastácio um adeus, à sua afilhada um abraço! Nunca mais vê-los-ia, nunca! E ele chorou um pouco. (BARRETO, 1999, p. 176 e 177).

O “triste fim” da existência deste herói é narrado de forma abrupta, trocando a cena da própria situação de Quaresma para a de Ricardo Coração dos Outros e Olga tentando salvá-lo do iminente fim. Primeiro Coração dos Outros tenta ele mesmo intervir a favor do amigo e, não obtendo sucesso, procura Olga para aumentar a possibilidade de ajuda ao injustiçado Major. Ambos não o conseguem.

O romance não mostra explicitamente Quaresma sendo executado, mas sugere que o seu fim será semelhante ao dos rebeldes da Armada, sobre cujas arbitrárias execuções a mando de Floriano, protestou com veemência.

Assumpção escreve acerca do momento em que o herói toma enfim uma visão panorâmica de toda a complexa situação que vigora em sua nação, e aponta que o herói termina por romper com o sistema republicano a que havia aderido com paixão.

Policarpo, num momento de superação, passa a entender o que está efetivamente acontecendo em seu país. Ele localiza o problema na tirania instaurada com o regime republicano e identifica assim o obstáculo para seus projetos nacionalistas. Tratando-se de um homem conservador, que só deixa de usar sua cartola e suas roupas austeras – símbolos do regime monárquico – no momento em que se acirra a luta entre florianistas e dissidentes, podemos questionar a postura de Policarpo diante da República. Sua compreensão final indica sua ruptura com o governo florianista e, conseqüentemente, com o regime. (ASSUMPÇÃO, 1993, p. 126 e 127).

Porém o rompimento do herói não pode ser restringido a um rompimento com o florianismo e em sequência com o republicanismo em sentido lato, visto que o herói estava sendo injustiçado e mandado ao matadouro exatamente sob o governo republicano de

Florianos, o que não é de surpreender nem um pouco o estado de tenebrosa perplexidade de alguém que está a ponto de ser executado pelo regime que defendeu ardorosamente. O rompimento do herói se deu com o próprio mundo de vez a partir do momento em que percebeu a insanável degradação deste mundo para com a concretização dos ideais mais sãos.

Ramos argumenta que o idealismo abstrato de Policarpo Quaresma é inconciliável com as possibilidades de constituição da sociedade que, historicamente, o herói pôde vislumbrar dentro de seu contexto e da cultura que adquiriu.

Nenhuma possibilidade histórica satisfaz ao Idealismo Abstrato de Quaresma. As opções históricas se mostram relativas, contraditórias, precárias, impuras. O seu Idealismo Abstrato reivindica o absoluto, o não-contraditório, o sublime, o puro. Não há como mediá-los. A segunda ruptura, com doses românticas, é decisiva: a morte. Só assim o herói poderia ser feliz. O mundo apenas lhe reservava a infelicidade. (RAMOS, 1990, p. 149).

Passemos agora para a parte seguinte de nosso estudo, onde será analisada a condição do chamado herói problemático, para podermos então analisar as características dessa condição em Policarpo Quaresma.

### **3.2 Policarpo Quaresma como herói problemático**

Em *A teoria do romance* Georg Lukács afirma que “o heroísmo tornou-se polêmico e problemático; ser herói não é mais a forma natural de existência da esfera essencial; antes, é o elevar-se acima do que é simplesmente humano, seja da massa que o circunda ou dos próprios instintos” (LUKÁCS, 2000, p. 41).

Esse é o caso do herói Policarpo Quaresma. É um personagem que se eleva acima de sua comunidade e que supera seus próprios instintos, visto ser um personagem cujos vícios não são apresentados ao leitor.

Ramos escreve acerca do que Lukács chama de demonismo do herói problemático, que caracteriza-se pela obstinação do personagem em posicionar-se no seu mundo, e agir neste mundo, de acordo com a concepção particular que adota acerca do mundo, que é gerada pela certeza de que a sua concepção de mundo é digna de ser materializada para transmutar o mundo em que vive, por considerá-la superior.

O demonismo é esta certeza inabalável, irremovível de que o ideal abstrato se mostra, aos olhos, como uma realidade concreta. Não existe obstáculo intransponível. Tudo se viabiliza no mundo cristalizado do subjetivo. Ele apresenta a possibilidade divina de resgatar a perfeição, o puro e o sublime, que cega os olhos para o homem comum, o profano e o imperfeito. (RAMOS, 1990, p. 115).

Policarpo Quaresma é descrito como um personagem hermético, que vivia fechado em seu mundo, voltado para seus estudos, não sendo dado a reuniões costumeiras com os amigos:

Não recebia ninguém, vivia num isolamento monacal, embora fosse cortês com os vizinhos que o julgavam esquisito e misantropo. Se não tinha amigos na redondeza, não tinha inimigos, e a única desafeição que merecera, fora a do doutor Segadas, um clínico afamado no lugar, que não podia admitir que Quaresma tivesse livros: “Se não era formado, para quê? Pedantismo!” (BARRETO, p.19).

Policarpo Quaresma aqui é apresentado em suas características físicas, sendo que a descrição principal gira em torno de seus olhos, cuja descrição remete-nos ao seu espírito compenetrado e perscrutador da realidade que o cerca:

Quaresma era um homem pequeno, magro, que usava *pince-nez*, olhava sempre baixo, mas, quando fixava alguém ou alguma coisa, os seus olhos tomavam, por detrás das lentes, um forte brilho de penetração, e era como se ele quisesse ir à alma da pessoa ou da coisa que fixava. Contudo, sempre os trazia baixos, como se se guiasse pela ponta do cavanhaque que lhe enfeitava o queixo. Vestia-se sempre de fraque, preto, azul, ou de cinza, de pano listrado, mas sempre de fraque, e era raro que não se cobrisse com uma cartola de abas curtas e muito alta, feita segundo um figurino antigo de que ele sabia com precisão a época. (BARRETO, p.20).

Policarpo Quaresma em sua juventude procurou carreira militar, mas foi barrado em sua aspiração pela junta de saúde, buscou estar em contato com o universo militar, mesmo de uma forma indireta, através do serviço administrativo. Foi nos intervalos propiciados pelo próprio ritmo do ambiente burocrático que o herói dedicou-se a estudar a sua pátria sob os mais diversos ângulos de abordagem possíveis, do âmbito de sua fauna e flora à política interna e externa que vinha sendo exercida pelos seus dirigentes:

Logo aos dezoito anos quis fazer-se militar; mas a junta de saúde julgou-o incapaz. Desgostou-se, sofreu, mas não maldisse a Pátria. O ministério era liberal, ele se fez conservador e continuou mais do que nunca a amar a “terra que o viu nascer”. Impossibilitado de evoluir-se sob os dourados do exército, procurou a administração e dos seus ramos escolheu o militar.



Durante os lazes burocráticos, estudou, mas estudou a Pátria, nas suas riquezas naturais, na sua história, na sua geografia, na sua literatura e na sua política. Quaresma sabia as espécies de minerais, vegetais e animais que o Brasil continha; sabia o valor do ouro, dos diamantes exportados por Minas, as guerras holandesas, as batalhas do Paraguai, as nascentes e o curso de todos os rios. (BARRETO, p.23).

Quaresma quis ser militar quando jovem e não foi considerado apto pela junta de saúde, e quando surgiu a questão da revolta contra Floriano, além de elaborar o mencionado plano de desenvolvimento da República, redigindo um memorial, buscou dar vazão a seu heroísmo voluntariando-se para enfrentar o próprio campo de batalha, sendo ele homem de meia idade e sem ter obtido treinamento militar em sua juventude pelo próprio impedimento que sofreu no ingresso dessa carreira.

Temos um dado interessante aqui. Já foi mencionado que a trama do romance inicia propriamente quando Quaresma resolve a uma certa altura de sua vida pôr em prática projetos que considera relevantes ao desenvolvimento da nação. Isto mostra que apesar de ser descrito como um personagem contemplativo, dado às coisas do intelecto, os próprios ideais do Major o empurram para uma ação concreta na sociedade.

Não se trata de um personagem que afasta-se da civilização para passar a vida inteira entretido em suas leituras, prezando pelo máximo de conforto em uma vida retirada. Policarpo afasta-se da sociedade somente para observá-la da forma mais panorâmica possível. Uma vez concebido um dado quadro da sociedade que o rodeia, observando sua lógica de funcionamento, passa a nela de forma mais ativa, com o intuito de transformá-la. A condição do herói problemático é a do herói demoníaco, como um anjo caído de seu estado de luz original que, desnortado na escuridão, se obriga a encontrar uma via alternativa para dar um significado realizador à sua própria existência.

Obriga-se este herói a buscar essa via alternativa porque o processo de interiorização do homem e proporcional distanciamento da natureza ao qual se encontrou sujeito por contingências históricas é irreversível. A fusão com a natureza conforme os tempos estrelados de outrora não poderá se repetir, a cisão essencial entre homem e mundo não pode ser reparada.

Uma vez dado o distanciamento, a distinção de essências é cabal. O mundo não pode, nem sob consciente intervenção humana com este intuito, por meio de algum êxodo urbano em massa planejado e a eliminação do sistema econômico burguês, voltar a integrar o homem à natureza. O próprio desenvolvimento cultural e científico não o permitirá, não importa a que concepções neo-anímicas o homem se apegue. O elemento mítico que propicia a coesão entre homem e cosmos dos tempos homéricos não pode ser emulado.

O homem pode cultivar hoje o pensamento místico, como atestam várias vertentes de misticismo existentes na contemporaneidade, mas o pensamento mítico, que dá plena explicação metafísica da concepção do cosmos e dispõe o homem seu lugar de forma ordenada nele, em uma simplicidade objetiva que sujeita os espíritos e concede-lhes inclusive a possibilidade de descanso, como ilustra a expressão “sono dos justos”, este tipo de convicção, ao homem moderno da civilização ocidental (saliento aqui, visto que a modernidade trabalhada com Lukács é a modernidade fruto do pensamento ocidental, sendo esta inclusive uma concepção ocidental, que de maneira eurocêntrica serviu de padrão de medição cultural para o resto do planeta), não é possível refazer.

Típico herói do mundo burguês moderno, Policarpo Quaresma vive essa contradição de uma consciência instintiva, gravada em sua alma, de um mundo autêntico que se perdeu, e de que o mundo em que vive é repleto de contradições, inautêntico em essência, mas que, para possibilitar a sua própria existência, tem de apresentar-se ao homem como autêntico no *modus vivendi* que preconiza. *Modus vivendi* ao qual o herói não adere em essência. Trabalha, relaciona-se com familiares, amigos e vizinhos, mas mantém-se a parte da forma de compreender e vivenciar o mundo que homogeneiza estes e o marginaliza enquanto indivíduo.

Como um exemplo do herói moderno que experimenta a cisão essencial com o mundo e a impossibilidade de reverter essa cisão, Policarpo concebe, na própria interioridade, a Pátria ideal. E não pode fazer diferente, no seu caso por duas razões: primeiro, porque, no que o identifica com o típico herói problemático “europeu”, encontra-se historicamente encerrado no mundo moderno industrial burguês, e segundo, geograficamente, porque o Brasil enquanto nação nunca teve uma época áurea a que se recorrer nostalgicamente, por ser uma nação infante, e uma República recém-nascida.

A concepção ideal de República de Quaresma teve de ser importada da Europa. Seu ideal é tão inaudito em solo brasileiro que explica a pronta defesa do herói em proteger o regime republicano recém instituído, visto que para concretizar seu modelo idealizado necessita garantir a manutenção do progresso político já adquirido.

Roberto Ramos resume a proporção do contraste que deve se estabelecer entre o herói do idealismo abstrato e o seu mundo, em que tal proporção se dá à medida que aumenta o abismo entre a incorruptibilidade do herói e a corruptibilidade do meio que o cerca, o que torna cada vez mais impossível a comunicação entre ambos. No caso de Policarpo, em todos os setores da sociedade republicana o herói encontra-se deslocado do pensamento comum que vigora em cada um destes meios, e este deslocamento impede-o de realizar seus propósitos, já que ele se apresenta como o único indivíduo cujas ideias não se harmonizam às demandas do *status quo*.

Quanto mais puro, ingênuo e sublime é o herói problemático, mais impura, corrupta e precária, a realidade. O romancista o coloca frente a frente com os mais diferentes patamares sociais. Primeiro, é a superestrutura, compreendida pela culinária, folclore, modinha e o tupi-guarani, e o fracasso na política, através da Câmara dos Deputados. Segundo, é a infra-estrutura, a agricultura, mas reprimindo a experiência anterior, surgindo as perseguições dos líderes políticos. Terceiro, é a tentativa de juntar a superestrutura, agora adesão a Floriano, com a infra-estrutura, projeto agrícola. Mais uma surpresa: a presença do aparelho repressivo do Estado. (RAMOS, 1990, p. 150).

Serão explorados agora alguns tópicos referentes a caracterização de Policarpo Quaresma, primeiro como um herói fechado em seu próprio mundo, o que por sua configura-o em um indivíduo que concebe uma realidade alternativa à sua Pátria, de acordo com a idéia de Pátria que cultiva em suas meditações. Em seguida, e pode-se dizer de certa forma em decorrência lógica desse isolamento de um personagem interiorizado que concebe uma realidade mais purgada de contradições do que a realidade em que vive, será observada a característica visionária do herói. E um último tópico que caracteriza Policarpo Quaresma, entrelaçado com os dois primeiros, diz respeito à sua postura superior frente às contingências pelas quais passa na interação com sua comunidade.

### 3.2.1 Quaresma, o herói fechado em si mesmo

- O major, hoje, parece que tem uma ideia, um pensamento muito forte.

- Tenho, filho, não de hoje, mas de há muito tempo.

- É bom pensar, sonhar consola.

*Consola, talvez; mas faz-nos também diferentes dos outros, cava abismos entre os homens...* Lima Barreto, *Triste fim de Policarpo Quaresma*.

Como aponta Carlos Nelson Coutinho o herói Policarpo Quaresma concebe e aprimora seus estudos e meditações sobre a Pátria de forma interiorizada, vivendo uma rotina tanto profissional quanto pessoal em ambientes fechados e calmos, na secretaria do Ministério da Guerra e em casa com a irmã, e ainda afastado, abstraído mentalmente de qualquer elemento presente na rotina desses ambientes que lhe atrapalhasse o andamento de suas particulares investigações, o que lhe granjeava inclusive a incompreensão no trabalho por parte de seus colegas de repartição quanto no próprio lar por parte de sua irmã:

Lima Barreto nos apresenta a figura do Major Policarpo como a de um homem que, incapaz de explicitar sua essência no vazio mundo burocrático em que é forçado a viver, desenvolve no isolamento de sua subjetividade um profundo amor pelo seu país, um profundo desejo de empregar seus talentos e capacidades a serviço do progresso nacional. Assim, ironizado pelos que querem “levar ao ridículo aqueles que trabalham em silêncio para a grandeza e a emancipação da Pátria”, o herói de Lima Barreto vai “levando a vida, metade na repartição [burocrática], sem ser compreendido, e a outra metade em casa, também sem ser compreendido”. (COUTINHO, 1974, p. 37 e 38).

Policarpo Quaresma enquanto herói romanesco é a representação do indivíduo fechado em si mesmo, em seu universo próprio. A afirmação é do autor e crítico da literatura Osman Lins em *Lima Barreto e o espaço romanesco*, que identifica dois temas fundamentais em *Triste fim*, o ilhamento das personagens e a inoperância das ações de cada uma sobre as outras e sobre o seu meio:

[...] Policarpo Quaresma gira no âmbito da sua paixão, fechado em si e na sua ideia fixa: “vivia imerso no seu sonho” e apenas trocava com as pessoas “pequenas banalidades, ditos de todo o dia, cousas com que a sua alma e o seu coração nada tinham que ver”. [...] Notam-se, no livro, variações importantes de dois temas fundamentais: o do ilhamento [meio oculto sob outros, mais familiares e ostensivos]; o da inoperância dos atos de cada personagem sobre o próximo e sobre o meio. (LINS, 1976, p. 37).

Esta condição do herói romanesco estar fechado em si mesmo é característica elementar do idealismo abstrato. Baseado em Lukács, Roberto José Ramos analisa o conflito em *Triste fim* ressaltando dois aspectos referentes ao idealismo abstrato do herói romanesco, os quais apontará em Policarpo Quaresma. O primeiro aspecto diz respeito ao chamado “encurtamento da alma” do herói, conceito que caracteriza a sua busca obstinada em superar a distância entre a realidade com que se depara e a realidade que idealiza, ainda que a realidade idealizada sofra abalos com o gradativo conhecimento que o herói vai obtendo, ao longo da trama, do mundo em que vive. No caso de Quaresma, o quadro panorâmico que este obtém de sua realidade constitui o próprio clímax da trama de *Triste fim*, panorama que o herói vai formando mentalmente em um crescendo, episódio após episódio, no decorrer da narrativa.

O encurtamento da alma é consequência do seu caráter demoníaco. Ela está possuída por uma idéia elevada, absolutizada, dogmatizada, como única realidade. O conteúdo e a intensidade de semelhante comportamento conduzem a alma ao sublime mais autêntico. Reforçam o que ela tem de grotesco na relação do real imaginado e o de fato. (RAMOS, 1990, p. 24).

O segundo aspecto diz respeito à contraditória discrepância entre a interioridade resolvida do herói com a inadequação de seus atos na busca prática de intervenção transformadora da realidade: “A alma do herói é imóvel e calma e acabada, como uma obra de arte ou divindade, de acordo com Lukács. No entanto, no mundo exterior, este ser exprime-se através de aventuras inadequadas.” (RAMOS, 1990, p. 24).

Todavia, Alfredo Bosi aponta para a coerência dos atos do herói em relação aos valores nacionalistas que defende, visto que se trata de um herói cuja aparente ingenuidade patriótica o leva a trabalhar em prol desses valores em pleno contraste com a apatia dos personagens que constituem a máquina administrativa da República.

O Major Quaresma não encarna apenas a obsessão nacionalista, o fanatismo xenófobo; criatura viva e convincente, suas reações revelam a coerência do ingênuo, a distanciá-lo do conformismo em que e arrastam os demais burocratas e militares reformados cujos bocejos amornecem os serões do subúrbio. (BOSI, 1973, p. 98).

Roberto José Ramos explorará bastante em sua dissertação o encurtamento de alma de Policarpo Quaresma e a consequente inadequação de suas ações no esforço que o herói empreende para transformar a sua realidade, demonstrando as incoerências dos projetos de

Quaresma devido à sua incapacidade de observar a engrenagem infra-estrutural que regia os fundamentos da sociedade em que estava vivendo.

O estudioso argumenta que Policarpo Quaresma buscava realizar apenas reformas sob um prisma moderado, em uma iniciativa mais particular do que revolucionária, coletiva, no sentido de opor-se frontalmente à sociedade vigente, o que denunciava em sua visão uma certa ingenuidade em seus projetos e nas ações que tomava para tentar concretizá-los.

Por este motivo o autor afirma em sua dissertação que, segundo a visão lukacsiana, os métodos empregados pelo herói em sua autêntica aspiração de contribuir para o desenvolvimento da Pátria acabaram por se tornar insuficientes em relação aos objetivos.

Lembrando a síntese de Goldman sobre Lukács quanto aos valores autênticos e inautênticos que permeiam a relação herói-mundo no romance, pode-se dizer que os valores que Quaresma defende são autênticos, visto que condizem com o projeto republicano esboçado no pensamento iluminista. Porém sua ação é inautêntica devido a insuficiência de suas ações em gerar o efeito transformador da realidade à luz da ideia concebida.

Por outro lado, as ações dos personagens que representam a infante e já corrupta República em que vive o herói são autênticas, porque encontram-se em total consonância com os valores degradados da mesma, o que torna por sua vez os valores que subjazem às suas “autênticas” ações valores inautênticos, visto que não condizem, não somente em ações, mas em concepções mesmo, com o projeto republicano esboçado.

Ramos argumenta acerca da caracterização de Policarpo Quaresma como um herói sem mácula que Lima Barreto utilizou para demonstrar como pode ser desastroso o contraste das mais nobres ideias com uma dada realidade, principalmente quando há um esforço de transformar a realidade através da concretização dos propósitos concebidos.

Lima Barreto valeu-se de um herói puro, ingênuo, cujo o conhecimento da realidade se origina da literatura ufanista, sobremodo, dos autores do Classicismo e do Romantismo. Policarpo tenta compatibilizar a teoria livresca, materializando-a em uma práxis. Todavia, a sua ingenuidade, a sua pureza e o seu demonismo fazem ter-lhe uma consciência estreita diante da complexidade da realidade. Ele busca valores autênticos, mas por um método inautêntico. (RAMOS, 1990, p.149 e 150).

Exploraremos a seguir o aspecto visionário do caráter de Policarpo Quaresma, que é decorrente de sua introspecção, uma vez que é segundo essa característica que o herói se volta diligentemente para suas leituras e meditações acerca de quais meios seriam necessários para garantir um futuro glorioso para a Pátria.

O patriotismo de Quaresma tem dois momentos lógicos: o primeiro momento consiste em seu ufanismo acerca do caráter edênico do Brasil que provém dos próprios escritos ufanistas de que dispõe em sua biblioteca, e o segundo momento surge na tentativa de adequar a realidade circundante da nação degradada que contempla diariamente, no trabalho, no subúrbio onde mora, depois no campo e por fim em contexto de guerra, ao progresso que concebe para esta nação.

### 3.2.2 Quaresma, o visionário

O pesquisador Carlos Erivany Fantinati explora o caráter messiânico, que consiste em um tipo de postura visionária, da obra de Lima Barreto. Dias, em sua dissertação sobre a recepção crítica da obra de Lima Barreto, expõe a visão de Fantinati:

O estudioso que é na esfera da tradição judaico-cristã, na imagem principalmente dos profetas, que se encontra explicação para a contradição vivenciada pelo artista militante. Para ele, tanto este como aqueles estão imbuídos de um sentido de missão e dotados de carisma. Constata que, ao aparentarem pessimismo na tarefa de denunciar, recriminar e castigar as falhas e fraquezas dos contemporâneos, revelam-se otimistas pela crença, fé e esperança na construção de um futuro melhor. (DIAS, 1988, p.178).

É notável que os valores e contradições inerentes ao caráter messiânico que Fantinati aponta no trabalho do escritor apresentam-se nitidamente sintetizados em Policarpo Quaresma. O próprio Lima Barreto coloca seu herói frente a uma situação em que recebe uma exclamação taxativa de visionário. É interessante observar como, em *Triste fim*, é o próprio ídolo de Quaresma e seu futuro algoz, que lhe faz a significativa observação: “- Você, Quaresma, é um visionário!”.

A afirmação é ambígua. Esta é feita em uma conversa informal que o presidente tem com o herói, em que este lhe comenta sobre o memorial que escreveu dissertando sobre as reformas administrativas que considera necessárias ao progresso da Pátria e questiona se Floriano já o leu.

O Marechal ficou aborrecido com a pergunta. Visionário neste contexto tanto pode ser uma crítica velada sobre a ingenuidade do herói em crer que o presidente gastaria seu tempo lendo o memorial e colocaria em prática as propostas ali contidas, ou uma falsa exclamação de admiração do caráter de Quaresma como um homem que antevê as coisas.

De qualquer maneira, o exercício de antecipação de realidades alternativas seguido do esforço de torná-las concretas, que caracteriza a condição de visionário de Policarpo Quaresma, não aparenta ser uma característica admirada pelo Marechal Floriano de Lima Barreto, a julgar pelos traços de tibieza e indolência com que é representado no romance.

Enfim, a alcunha de visionário que é dada a Quaresma pelo presidente da República coroa na trama de *Triste fim* o conflito dos ideais do patriota com a pátria concreta que conhece, visto que a frase define o herói em seu contexto, representando claramente este conflito.

Alfredo Bosi desmente típicas análises artificiais de *Triste fim de Policarpo Quaresma* que tendem a tornar desastrosamente cômicas as desventuras do herói Policarpo. Bosi aponta com maior cuidado os pontos mais cômicos referentes à extravagância dos atos de Quaresma sem descuidar o todo da trama que, ressalta, é melancólico:

Seus requerimentos e ofícios pedindo às autoridades que introduzissem o tupi como língua oficial; sua insólita forma de receber as visitas, chorando e gesticulando como um legítimo goitacá; suas baldadas pesquisas folclóricas na tapera de uma negra velha que mal recorda cantigas de ninar: eis alguns dos recursos do autor para ferir a tecla do riso. Mas o episódio da morte de Ismênia, o contato e a desilusão de Quaresma com Floriano Peixoto (descrito em páginas antológicas, as desventuradas experiências junto à terra e, sobretudo, as páginas finais de solidão e desencanto voltam a colorir com tinta de melancolia a prosa limabarretiana. (BOSI, 1973, p. 98)

Sobre as características referentes ao herói problemático, falta analisar brevemente o traço de sua incorruptibilidade, um traço necessário ao protagonista de *Triste fim*, visto que o seu caráter é forjado na trama para contrastar bruscamente com o modo de pensar e de viver do mundo que o cerca. Este traço será analisado no tópico a seguir.

Lima Barreto em *O elogio da morte* escreveu como considerava serem os “malucos”, os “doidos” os grandes heróis da sofrida humanidade, tidos pelo criador de Policarpo



Quaresma como artífices de mudanças ao longo da História que promoveram melhorias á condição humana:

Estou cansado de dizer que os malucos foram os reformadores do mundo [...] São eles os heróis, são eles os reformadores, são eles os iludidos, são eles que trazem as grandes idéias, para melhoria das condições de existência de nossa triste humanidade”. (LIMA BARRETO, 1953, p. 30).

Barreto contrapõe a postura do herói intrépido em seu idealismo, ainda que “iludido” quanto às possibilidades de concretização dos ideais cultivados, com o que chama, no contexto nacional, de “covardia mental e moral do Brasil”:

A covardia mental e moral do Brasil não permite movimentos de independência; ela só quer acompanhadores de procissão, que só visam lucros ou salários nos pareceres. Não há, entre nós, campo para as grandes batalhas de espírito e inteligência. Tudo aqui é feito com o dinheiro e os títulos. A agitação de uma ideia não repercute na massa e quando esta sabe que se trata de contrariar uma pessoa poderosa, trata o agitador de louco. (LIMA BARRETO, 1953, p. 29 - 30).

Silviano Santiago escreve que *Triste fim de Policarpo Quaresma* é obra exemplar na literatura nacional na temática da perseguição perpetrada ao que chama de “intelectual dissidente”, e ressalte-se aqui que não somente dissidente, mas também autodidata, argumentando o pesquisador que a dissidência de Policarpo Quaresma dos valores de seu meio não se evidencia na práxis em si do herói, que se demonstra paulatinamente malograda do início ao fim da trama, mas no ideal que persegue, a ponto de insurgir-se contra as “forças dominantes” que o cercam e sofrer repressão:

Vemos que *Triste fim* é dos romances brasileiros o que melhor tematiza a questão da repressão ao intelectual dissidente, pois disso trata todo o tempo o romance. A força de dissidência não reside tanto nas ações patrióticas do personagem com vistas a uma mudança radical no Brasil, mas no fato de Policarpo ter as suas ações norteadas por um ideal, e é perseguindo a este que se insurge contra as forças dominantes no contexto sócio-político e econômico brasileiro. São estas: a força da facilidade com que adotamos o português como língua materna, com que nos desvencilhamos do nosso passado indígena; a força do abandono a que relegamos as nossas terras férteis; a força do autoritarismo centralizado na capital da República. Insurgindo contra essas forças dominantes que mantêm o Brasil e os brasileiros submissos, medíocres e inconsequentes, Policarpo atiza a ira dos Jupiteres menores e do grande Júpiter. A repressão à dissidência aparece, então, no *Triste fim* e não com as roupagens da violência física e destruidora, mas sob o véu sutil com que a encontramos na modernidade ocidental. A

violência do manicômio; a violência das regras municipais manipuláveis; a violência do sistema carcerário. (SANTIAGO, 1982, p. 170).

Santiago define as forças dominantes contra as quais se insurge o herói como forças impessoais de caráter social, político e econômico às quais adere toda a sociedade da Primeira República representada por Lima Barreto, mas que, quando questionadas, são protegidas principalmente por aqueles que se encontram na hierarquia de comando da sociedade republicana, tanto por aqueles que se encontram nos mais altos quanto por aqueles que se encontram nos mais baixos escalões desta hierarquia. Nesta sociedade que busca modernizar-se e civilizar-se emulando as sociedades britânica, francesa e norte-americana, a repressão que Policarpo Quaresma sofre dá-se de forma gradual, sob um véu de civilidade até certo ponto possível de atenuar o regime que vigora no primeiro período da República Velha, o período da República da Espada, em que os primeiros presidentes são militares.

Porém, é com a repressão à chamada Revolta da Armada, episódio em que Policarpo Quaresma idealisticamente se envolveu a favor de manter a ordem no governo instituído, sob a presidência do Marechal Floriano Peixoto, que o seu protesto clamando contra a retaliação brutal dos rebeldes aprisionados, o que afrontou diretamente ao presidente a quem o herói apoiava, que a sua condição de “visionário” não pôde ser mais tolerada em seu meio. A essa altura, o véu havia se rompido.

### 3.2.3 Quaresma, o herói sem máculas

Apesar de o herói romanesco sob a ótica de Geórg Lukács configurar-se como um herói problemático, no sentido de inadequação desse herói com o mundo em que está inserido, o herói de *Triste fim de Policarpo Quaresma* apresenta-se ao leitor como um herói sem máculas. A inadequação do herói aqui não diz respeito às contradições internas do próprio herói.

Se em *Recordações do escrivão Isaías Caminha* o protagonista é um personagem que demonstra ter se deixado quando jovem seduzir pelo bacharelismo, pelo carreirismo acadêmico, para ir com o tempo relativizando a legitimidade dessa pretensão, em *Triste fim de Policarpo Quaresma* não existe no protagonista essa pretensão, sequer como uma visão distorcida que depois é corrigida como é o caso de Isaías. Policarpo Quaresma é apresentado como um herói que nunca sentiu arroubos de arrogância intelectual.

Enquanto Isaías Caminha ia superando ao poucos a pretensão bacharelesca, em parte devido à falta de oportunidade mesmo e em parte devido a uma legítima crítica ao bacharelismo vazio, Quaresma pôde opor desde o início de *Triste fim* uma postura que por si só era um testemunho de sabedoria autenticamente cultivada, que feria a retórica intelectual desprovida de conteúdo de seus colegas de trabalho e de todos os “doutores” com quem se deparou o herói ao longo do romance.

Silviano Santiago procura relacionar o nome do protagonista de *Triste fim* com a condição em que este se encontra na trama do romance de Lima Barreto através da condição irônica tanto dos acontecimentos que contrastam as desventuras do herói com o seu primeiro nome quanto no próprio contraste entre seu nome e sobrenome:

“Policarpo”, informa-nos o *Dicionário Moraes*, significa “que tem ou produz muitos frutos”. Ora, o nosso Policarpo nada deixa de si, daí a ironia maior do seu nome. Ironia que está na redundância de “triste fim” que se encontra na raiz *carpo* de Policarpo: carpir, lamentar, chorar, cantar tristemente. Ironia que está ainda em *carpo*, pulso, “lugar onde o antebraço se junta à mão”. O Policarpo de Lima Barreto é de triste fim porque é de nenhum fruto e é também de pulso fraco. [...] O nosso personagem já trazia no estranho nome toda a carga irônica que se patenteia no resumo das suas aventuras que se encontra no final do romance.

E este final melancólico de uma triste vida besta se encontra expresso na polissemia da outra parte do seu nome, Quaresma. É tanto o período de quarenta dias de jejum que se segue ao sacrifício de Cristo, como ainda uma espécie de coqueiro do Brasil. É tanto o sinal que indicia o caminho em vão do bode expiatório, como ainda o símbolo romântico por excelência da brasilidade ufanista que é o coqueiro. (SANTIAGO, 1982, p. 173- 174).

Já Roberto José Ramos traçando também uma relação entre o nome e o sobrenome do herói entre si e com os acontecimentos que o envolvem apresenta outra leitura dessa relação, bem mais sucinta que a de Santiago e exime o herói de um “pulso fraco” frente às circunstâncias que teve de lidar:

O nome do herói já introduz os seus problemas. O prefixo “poli” significa “muitos”; “carpo”, “frutos” e “quaresma”, “sacrifício de Jesus Cristo”. Portanto, o nacionalismo afirma a ideia de alguém que possuía muitos valores, mas que acabou sendo sacrificado. (RAMOS, 1990, p. 86 e 87).

Policarpo Quaresma vive as contradições do herói moderno quanto ao ser e ao dever-ser. Mas é um herói que, se não consegue transformar positivamente o mundo em que vive, vence a lógica desse mundo com o seu espírito, com a postura que sustenta. É um herói

visivelmente superior ao mundo. Quaresma assemelha-se aos destinatários das palavras do Apóstolo João em uma de suas epístolas, quando diz que estes venceram o mundo, levando-se em consideração que o apóstolo escrevia aos detentores de uma crença recente que estava sob perseguição de morte tanto por correntes radicais do judaísmo ortodoxo como pelo Império Romano.

Vencer o mundo neste sentido era encontrar-se espiritualmente superior aos valores do mundo. Este foi exatamente o caso do bispo Policarpo de Esmirna que, já ancião, foi condenado à morte por recusar-se a negar sua crença na divindade de Jesus e adorar o imperador. O Policarpo de Lima Barreto adorou por um tempo o líder de sua pátria, mas só até descobri-lo um ídolo falaz. Mostrou-se logo superior a este ídolo. Por fim, como um mártir que não negou seus ideais, perdeu a vida, mas venceu o mundo.

Policarpo Quaresma encarna o herói moderno cuja inadequação de seu patriotismo idealista ao *modus vivendi* da sociedade republicana de seu tempo (a sociedade dos primeiros anos da chamada Primeira República, na última década do século XIX), representa a inadequação do herói moderno com o seu mundo.

Seguindo Lukács, a inadequação do herói moderno com o mundo em que vive tem sua origem no advento da sociedade burguesa, desvinculada da natureza com a crescente urbanização que ocorre na Idade Moderna e que dá um salto significativo, consolidando este processo de urbanização, com a Revolução Industrial.

O universo habitado pelo homem moderno, criado artificialmente por uma combinação de instâncias historicamente identificáveis, como o êxodo rural, o desenvolvimento industrial, a queda do Antigo Regime monárquico, valores humanistas competindo com o monopólio espiritual da religiosidade, as crescentes atribuições de funções do Estado, em todas as instâncias mencionadas, constitui-se em um universo alheio à própria natureza humana.

Para conformar-se a esse novo universo, ditado pela inaudita ordem econômica que se estabelece então, o homem buscará reformular seus valores, mesmo adequá-los, à nova lógica de vida, a lógica do trabalho intensivo e compartimentado.

Destituído de uma conexão cósmica que lhe garanta o funcionamento do ciclo de vida de acordo com uma ordem superior e fragmentado em seu sustento diário por uma lógica de trabalho que consome muito tempo e especifica/restringe suas aptidões, de tal forma que perde uma compreensão mais ampla do próprio ofício, o homem moderno e urbano obriga-se a usufruir as poucas horas em que não está trabalhando para descansar e cuidar da família de acordo com parâmetros que a própria sociedade industrial no decorrer de seu desenvolvimento estipula, criados para garantir a sustentação dessa sociedade.

Assim, indústrias e Estado, laicos e burgueses, é que promoverão atividades culturais voltadas para garantir a conformação do trabalhador de massa ao ritmo frenético da Ordem em vigor. Festas, teatros, organizações religiosas moderadas e moderadoras, tudo o que possa, dentro desse universo novo, proporcionar o relaxamento necessário à manutenção da docilidade de ânimos do trabalhador para que renove sua energia de trabalho e mantenha-se integrado ao ritmo.

O herói moderno é aquele indivíduo que consegue observar o quadro amplo de contradições do universo em que vive, do ponto de vista das relações humanas [geradas pela crescente artificialidade dessas relações em paralelo com a crescente complexidade estrutural de uma sociedade cada vez mais calcada em aspectos abstratos econômica e politicamente que propiciem o seu funcionamento], que considera inautêntico em essência. O herói busca superar essas contradições esforçando-se por intervir nele, atuando para sua transformação ou ao menos esforçando-se por distinguir-se dele. Não pode, todavia, distinguir-se de todo desse universo uma vez que, sendo parte dele, comunga de muitos aspectos do mesmo. Isto porque este herói não deixa de ser homem de seu tempo, sujeito a muitos atributos da sociedade da qual é oriundo. Mesmo assim, ainda que não possa distinguir-se completamente de seu meio, ele age como uma nota dissonante que fere a aparente harmonia do todo.

Os homens que não encontram-se integrados a esse ritmo vão refugiar-se em filosofias alternativas de vida à do *mainstream*, ou a uma religiosidade que, cada vez menos dissociada do Estado, torna-se personalizada, assunto de fórum íntimo, ou estarão militando de alguma forma para desestabilizar a sociedade industrial em andamento.

Essas alternativas de escapismo são geradas tanto no seio dos que são marginalizados nessa sociedade (desempregados, deficientes físicos impossibilitados de adequarem-se ao

mercado de trabalho, indivíduos e grupos detentores de tradições culturais dissonantes no âmbito de tradições hegemonicamente estabelecidas, etc) quanto por aqueles que aparentemente estão integrados em sua estrutura.

Quaresma é um exemplo de herói que aparentemente vive integrado ao seu mundo (pelo menos no local de trabalho), e que demonstra sua inadequação à lógica do mundo em que vive concebendo gradativamente a sua Pátria ideal. Quietos e reservados, Policarpo pode ser analisado como um personagem que vive boa parte de sua vida em um escapismo, paralelo ao seu trabalho burocrático, mas que não se choca com a sua realidade.

Entusiasta discursador das coisas da Pátria quando lhe surgia a ocasião, não figura como um polemista radical, arrazoador. É quando decide-se a promover a genuína cultura brasileira, o primeiro de seus projetos, que o herói se coloca em tensão com o seu meio. E mesmo assim, seu ato inicial, ainda que comentado por sua escandalizada vizinhança, é uma simples iniciativa de aprender a tocar violão.

Essa humilde iniciativa com o violão já demonstra o curso dos próximos projetos de Quaresma. Mesmo ampliando a esfera de atuação de suas iniciativas, cultural, econômica e política, Quaresma se apresenta um herói pacifista. Não é beligerante nem quando está sob atuação militar a favor de Floriano.

Quaresma permanece pacato ao longo da trama de *Triste fim*. Choca-se com o seu mundo mas não quer chocar-se. Não quer embates violentos, não quer partidarizar-se, como o embate a que foi arrastado involuntariamente na zona rural em que passou a viver no Sítio do Sossego. O próprio caso da incompreensão em sua repartição quanto à proposição do tupi como língua oficial, que gerou animosidade de seu superior (que aproveitou o primeiro pretexto para demitir o Major) causou-lhe profundo abatimento, levando-o às raias da loucura. Tamanha foi a negatividade do choque.

O caso da politicagem interiorana sabotou tanto o projeto agrícola de Quaresma quanto a dificuldade de lidar com a saúva, se é que não foi o fator mais importante. Tem-se frisado aqui que, embora se costume ao falar de *Triste fim* frisar o contraste entre a República ideal do herói e a República em que vive, dando a impressão que a causa de sua ruína é este idealismo que não sabe lidar com a realidade, o episódio que determina o seu “triste fim” é o

de seu protesto à execução dos inimigos políticos encarcerados com o fim da Revolta da Armada.

O seu idealismo só lhe causou ruína no sentido do herói recusar-se a corromper a consciência. A atitude “sensata” que teria lhe cabido para evitar incomodar-se com o governo seria a de simplesmente acatar a execução dos encarcerados. É incrível a demonstração neste romance de como um genuíno patriota, defensor do *status quo* político, pode sofrer exílio e execução.

O não acatamento dessa arbitrariedade por Quaresma não tem relação nenhuma com uma visão distorcida da realidade, ou “estreita”, no dizer de Goldmann. O não barganhamento com a própria consciência em face de uma questão crucial, e o fato de Quaresma não se retratar quando sofre a represália, coroa o seu heroísmo ao fim da trama, cuja postura nobre, ao parecer do autor do presente estudo, suplanta o desencanto que sofre o herói, embora uma coisa não anule a outra. O desencanto de Quaresma é tão significativo no romance quanto a postura honrada que manifesta episódio após episódio.

Mas seu desencanto não demonstra que, em face da morte, Quaresma gostaria de ter vivido de outra maneira, manifestando outro caráter. Poderia ter casado, deixado filhos, escrito seus projetos, antes do memorial que fora desprezado pelo presidente, que garantisse a veiculação de suas ideias. Mas não demonstra que, se não tivesse em face da morte, ficaria satisfeito em casualmente corromper-se, integrar-se mais à realidade em que vivera.

Deve-se ter em mente que o desencanto de Quaresma não ocorre somente no final do romance, a cada projeto sabotado o herói sofreu desencanto, e mesmo não modificou seu caráter. Policarpo não é um entusiasta ingênuo da República em que vive, que depois se decepciona ao compreender mais lucidamente a lógica de seu funcionamento. É um entusiasta do próprio modelo de República que concebe, cujas ações buscam contribuir para sua concretização.

É a não possibilidade de fomento a esta República ideal que um dia pretende que se concretize, por questões que ao longo da trama têm como denominador comum a injustiça na forma como detentores de poder na sociedade republicana recém instituída tratam os

subordinados (na prática, a massa dos cidadãos agora “republicanos”), que leva Policarpo a uma profunda decepção.

A mudança estratégica dos planos que Quaresma vai concebendo situação após situação demonstra que o seu idealismo não o obstina a tentar pôr em prática um dado modelo rígido de projeto. Pode-se observar também que o herói adapta seus projetos às circunstâncias em que se encontra, o que também é sinal de sua mobilidade estratégica quando se trata de insistir em fazer algo concreto em prol da nação.

Quaresma concebe o seu projeto agrícola a partir do momento em que concorda com a sugestão da afilhada de mudar-se para um sítio. Da mesma forma, é quando se dá a Revolta da Armada que o herói, somando a crise instaurada na capital com o saldo negativo que estava obtendo no Sítio do *Sossego*, fruto dos revezes da natureza difícil de domar e da politicagem a cabresto que vigora no Interior. Decide-se a proteger a República recém nascida, voluntariando-se para combater a revolta, ao mesmo tempo que elabora um projeto escrito para garantir a sobrevivência do novo sistema de governo e o progresso desse sistema.

Após anos recluso, o herói começa a sofrer as consequências do choque com o seu meio a partir do momento que resolve aprender violão. Este ato concreto movido por um ideal de cultura nacional o lançará em uma torrente de acontecimentos que lhe escapam ao controle, e o colocarão em conflito crescente com a sociedade que o circunda.

Mas o Major é um herói sensato, que sabe mensurar as possibilidades, não se atém obstinadamente a um ou outro ponto específico de atuação. Quando teve sua proposta de implementação do Tupi como língua oficial da nação, embora revendo os argumentos de sua proposta devido às críticas que recebe e sustentando ainda assim intelectualmente esses argumentos, Quaresma acatou sem revolta o veto. Sua indignação ateu-se às ridicularizações (pela imprensa) e mesmo retaliações no ambiente de trabalho que sofreu. Uma vez no sítio, essa proposta já estava engavetada para dar lugar à próxima.

Quando começou a pôr em prática o projeto agrícola, Quaresma não adotou certos métodos, que considerava estrangeirismos desnecessários, mas posteriormente os reconheceu como legítimos na luta para tornar o solo produtivo, passando então a lançar mão deles.



A imagem que formulou de Floriano inicialmente também vai se desvanecendo à medida que se desenrola o episódio da Armada. Tal mudança de perspectiva do herói sobre o ídolo Floriano não se dá somente lá no cárcere.

Todos estes exemplos episódicos citados demonstram como Lima Barreto construiu um herói que sabe voltar atrás em suas reflexões, dando amostras constantes de sensatez, ainda que não se desfaça de sua visão de mundo.

Quaresma não faz concessões no campo da moral. Faz algumas concessões e reavaliações no que tange aos métodos a utilizar na transformação a que se propõe de sua realidade, como quando resolve utilizar técnicas agrícolas que a um primeiro momento se recusa, e quando percebe que a imagem que faz de Floriano Peixoto não se adequa ao Floriano com quem trava diálogo. Mas no campo da moral o herói mantém-se até o fim do romance inflexível em sua pureza. Escrevendo sobre Policarpo Quaresma como típico herói do idealismo abstrato, Ramos comenta acerca do crescente distanciamento que ocorre entre o herói e o seu mundo no universo romanesco, no que se refere a este contraste moral:

Quanto mais puro e ingênuo se mostra o herói; mais impura e “safada” se mostra a sociedade. Ambos estão desconectados, divorciados de objetivos. Os mundos objetivo e subjetivo não conseguem mais se organizar um ao outro. A ruptura é irreversível. (RAMOS, 1990, p. 81).

Feita a discussão de alguns tópicos relativos ao caráter do herói Policarpo Quaresma, serão discutidas a seguir as implicações do conflito entre herói e mundo no universo de *Triste fim*.

### **3.3 A natureza do conflito entre Policarpo Quaresma e o seu mundo (causas, consequências e implicações do conflito)**

A natureza do conflito entre herói e mundo no romance *Triste fim* tem como causa primária a dissociação entre homem e natureza, cujos efeitos podem ser encontrados na evolução da narrativa literária, forjando, como gênero que surge neste contexto histórico-filosófico, o gênero do romance.

Há um segundo fenômeno a ser observado nessa dissociação: o surgimento do indivíduo. O surgimento do indivíduo se dá no contexto moderno uma vez que, transplantado progressivamente do campo para os burgos em busca do sustento, os homens distanciam-se também progressivamente da típica coletividade patriarcal das zonas rurais para constituírem núcleos familiares cada vez menores, de acordo inclusive com os espaços compartimentados que caracterizam o cenário urbano.

Cada vez mais despojados da noção de coletividade, os homens partilham cada vez menos de uma única visão de mundo, compartilhada como que religiosamente por diferentes classes sociais, como durante a era medieval, e passam a conceber gradativamente visões de mundo particulares, fragmentadas. Existe, claro, visões de mundo compartilhadas mas, com exceções no terreno da religião, as visões de mundo compartilhadas diferenciam-se cada vez mais de classes para classes, e confrontam-se umas às outras inclusive com violência.

Simone Assumpção trabalha a questão do conflito que se dá entre o herói e o seu mundo na modernidade sob a lógica marxista do conflito entre indivíduo e Estado no sistema capitalista:

A divisão capitalista do trabalho institui a fragmentação e o não-reconhecimento do homem em relação ao seu processo de produção. Alienando-se assim de sua própria humanidade, o homem passa a ser, na exterioridade do mundo, hierarquicamente inferior àquilo que produz e consome. O humano, assim, perde a primazia sobre as realizações objetivas. O Estado moderno e suas instituições deixam de atender aos interesses dos homens para transformar-se em burocracia, alienando-se de seu objetivo primordial: a realização humana. Na sociedade capitalista, indivíduo e Estado constituem interesses distintos, formando duas forças contraditórias entre si. Para Lukács, no momento em que o indivíduo não se reconhece nas instituições burguesas e capitalistas, sua necessidade de recompor-se o levará a um movimento de reação no sentido de reaver a integridade perdida. (ASSUMPÇÃO, 1993, p. 23).

O trabalho de Simone Souza de Assumpção, que cita o trabalho de Ramos, diferencia-se deste, com todos os pontos que possam haver em comum por analisarem o romance de Lima Barreto embasados teoricamente em Lukács. O estudo teórico de Ramos sobre *Triste fim* é desenvolvido em bases nitidamente marxistas, de um marxismo bastante cru por sinal. Já o estudo desenvolvido por Assumpção, apesar de utilizar-se da *Estética* de Lukács, apoiando-se na fase marxista do teórico húngaro, trabalha a questão do reflexo em termos mais literários.

Ramos enfoca as contradições a que se vê envolvido Policarpo Quaresma com a sua realidade, devido às implicações de seu idealismo abstrato e às consequências dessas implicações, que geram um conflito irremediável entre herói e mundo.

Assumpção enfoca a forma como o particular pode trazer à compreensão o universal na refiguração do mundo e, especificamente, na refiguração estética do mundo estética do mundo, terreno que importa à compreensão literária, ponto de partida para a análise de *Triste fim* de Policarpo Quaresma. Dentro desta lógica, a autora analisa como os tipos que figuram em *Triste fim* propiciam uma compreensão estética, enquanto forma de saber distinta da compreensão científica pelo caráter antropomorfizador daquela, da época da Primeira República brasileira.

Ambos os trabalhos sobre o romance apontam para o caráter contraditório das ações de Quaresma, tanto no que diz respeito ao choque de suas ações calcadas no ideal com os ditames da realidade, quanto no que diz respeito a algumas atitudes em face da matriz de seu pensamento, e até mesmo à transformação dessa matriz de pensamento a uma dada altura do romance, sendo que Ramos aponta que certas contradições de Quaresma estão relacionadas à sua falta de compreensão dos mecanismos que regem a máquina estatal, sendo esta falta de compreensão característica mesmo da estreiteza de visão do idealismo abstrato.

Assumpção, por sua vez, aponta que, apesar do herói apresentar algumas contradições em sua jornada nacionalista, a uma certa altura do romance, supera as contradições que até então estava sujeito em sua práxis, por desconhecimento de um quadro mais completo da situação, quando passa a ter esse conhecimento, vencendo as próprias contradições embora ainda se encontre sujeito às contradições do governo de Floriano.

No tocante às decorrências deste conflito, no choque entre o indivíduo e o seu mundo, ainda que tal interação gere efeitos sobre ambos os lados, como evidentemente o mundo é muito mais amplo, mais vasto que o herói, tratando-se aqui de forças desiguais, os efeitos das ações do mundo com o qual o herói interage sobre este herói são muito maiores do que os efeitos das ações deste herói sobre o seu mundo. Falaremos aqui, portanto, das consequências, para o herói, de seu conflito com o mundo que o circunda.

As conseqüências a que está sujeito o herói no embate com o seu meio dependem do nível de sucesso ou insucesso de sua ação transformadora do meio. Também depende de, se acaso o herói não consegue interferir significativamente no seu meio para o transformá-lo à imagem do mundo ideal que concebe em contraste das agruras que sofre no mundo concreto, ao menos, para manter-se identificado com os próprios ideais que abraça, até que ponto encontra-se disposto a resistir à cooptação da visão de mundo dominante neste meio.

### **3.3.1 Causas e conseqüências do conflito de Policarpo Quaresma com o seu mundo**

Feita breve reflexão acerca das causas e conseqüências que constituem a dinâmica de conflito do herói romanesco com o seu mundo em termos contextuais, a última parte desta dissertação se deterá na análise dessa dinâmica no âmbito do universo de *Triste fim*.

Busca-se aqui enfatizar que os efeitos que advêm da dissonância dos ideais de Policarpo Quaresma com o seu meio social podem ser os seguintes, levando em conta algumas considerações que foram elaboradas pelo autor desta dissertação como um exercício de reflexão sobre as variantes de interação deste herói com o seu universo:

No primeiro efeito, advindo do choque entre o herói e o seu mundo, o indivíduo não compactua com os valores hegemônicos em seu meio, mas, para evitar conflitos, não se manifesta, se recolhe (conseqüência 1).

No segundo possível efeito deste choque, os valores do indivíduo cedem, em diferentes graus, aos valores do meio, não diferindo aqui se os valores abraçados o são devido a uma aderência idealista a esses valores ou a uma aderência interessada aos mesmos (conseqüência 2).

E no terceiro, o indivíduo manifesta abertamente sua oposição aos valores vigentes (conseqüência 3) e: primeiro, ou o indivíduo consegue efetuar alguma transformação nesses valores (conseqüência 3.1); segundo, ou os valores do indivíduo são rejeitados pela força dos valores estabelecidos (conseqüência 3.2), o que poderá incorrer: no relegar desse indivíduo à indiferença com que quotidianamente são tratados os mendigos e os lunáticos (conseqüência 3.2.1); no exílio político desse indivíduo (conseqüência 3.2.2); terceiro, na sua execução propriamente (conseqüência 3.3.3).

Policarpo Quaresma experimenta no início do romance o primeiro efeito fundamental referido quando um indivíduo encontra-se em desacordo de valores com o seu meio social. Recolhe-se, mas logo em seguida vivencia a terceira reação fundamental advinda de seu meio: expõe-se, e então conhece a rejeição. E da terceira (consequência numerada como 3.2), que se seguirá por todo o resto do romance, não sofre somente um de seus desdobramentos, sofre o primeiro e o terceiro, não sofrendo necessariamente o segundo porque não chega a ser deportado para longe de sua idolatrada pátria (embora conheça o amargor do cárcere isolador), ou seja, o herói experimenta uma rejeição que vai da indiferença à sua causa e que culmina em sua execução.

Este gradativo rechaçar das ideias de Quaresma (que as mantêm por um tempo para si até considerar que já é tempo propício para trazê-las a lume após anos de pesquisa e reflexão) pelos setores da sociedade com os quais vai travando contato (com o funcionalismo público na primeira parte do romance, com o coronelismo interiorano na segunda parte, e com o militarismo ditatorial na terceira parte), em suma, enquadra Quaresma, de acordo com o terceiro efeito, na categoria do indivíduo que manifesta seus propósitos, aclamados ou não, e atira-se ao labor para concretizá-los, o que o fará ser notado, e se não aclamado, estará sujeito a variações de rejeição por parte de seu meio social, como as elencadas grosso modo em meu esquema.

Quaresma é um herói nacionalista, vivendo no século XIX, marcado pelo nacionalismo no Brasil. Onde se encontra o conflito? O que o torna um personagem original? O que o realiza um herói problemático, em crise com a realidade?

Ele vai ter como fonte de inspiração nacionalista a literatura, sobretudo de bases ufanistas. No Classicismo, Basílio da Gama e o Frei Santa Rita Durão e, na historiografia, Frei Vicente do Salvador e Rocha Pita; no Romantismo, Gonçalves Dias e José de Alencar e, mais tarde, Capistrano de Abreu.

Hegemonicamente, Policarpo tem contato com a ideologia dominante, por intermédio da literatura, que prega um nacionalismo ambíguo e ufanista. A partir dela, ele busca resgatar a essência primordial da brasilidade. O seu nacionalismo implica uma tentativa de compatibilização entre o discurso e a práxis. Possui um grande ideal, mas uma consciência estreita da complexidade do mundo. (RAMOS, 1990, p. 79).

Em *Triste fim de Policarpo Quaresma*, o nacionalismo do protagonista do romance é um nacionalismo de caráter abstrato, forjado nos livros, em densos estudos. É um nacionalismo teórico, acadêmico, entusiasticamente moldado em um nacionalismo heroico de raiz europeia que permeou os espíritos esclarecidos ao longo de todo o século XIX.

A temática do conflito de ideias do herói com o seu meio, que gera consequências tanto para o herói quanto para o meio com o qual está interagindo, funciona como eixo da trama do romance, tanto no romance em geral quanto no romance de Lima Barreto.

No caso do romance de Lima Barreto, o nacionalismo abstrato do herói Policarpo Quaresma conflitua, em escala crescente, com os valores nacionais constituídos pela própria prática política levada a cabo no país, ou seja, o nacionalismo teoricamente inegociável nos valores de Quaresma choca-se com um nacionalismo maleável, negociável, à medida que constitui-se em um nacionalismo sujeito não a fiéis apegos à noção de *res publica* (coisa pública) estabelecida no país, por parte dos que a dirigem, mas a propósitos particulares que sobrepõem-se ao zelo público.

Por sinal, o nacionalismo de Policarpo Quaresma é indissociável de seu republicanismo, inclusive o narrador aproveita as contradições entre o republicanismo de Quaresma e a República estabelecida para tecer comentários críticos à instituição republicana no Brasil. Aliás, não são apontadas apenas contradições entre o republicanismo ideal do herói e a República instituída, mas entre o próprio discurso oficial da República instituída e as práticas de seus dirigentes.

Enquanto que as autoridades republicanas representam a sobreposição de suas próprias aspirações pessoais às aspirações da nação como um todo, Policarpo Quaresma, enquanto entusiasta do sistema republicano, representa a insistência em consolidar da melhor forma possível um projeto nação e um projeto de república.

Se por um lado ao lidar com a tensão entre o ideal e o real, existam romances que tematizam questões como a tensão entre o amor idealizado e o amor vivenciado, por outro lado existem romances que tematizam a tensão entre abstrato e concreto de outras naturezas, como a tensão entre a política ideal e a política concretamente exercida, a sociedade ideal e a sociedade concreta e etc.

A temática de *Triste fim de Policarpo Quaresma* é essencialmente política. O conflito que se estabelece neste romance é um conflito de natureza política. Policarpo Quaresma está tão envolvido com seus projetos de contribuição ao desenvolvimento de sua nação que não

tem tempo para se apaixonar, contrair núpcias, criar filhos, ou seja, figura como um intelectual solteiro de meia idade.

Verifica-se o empreendimento, puramente individual, do herói para tentar concretizar o seu ideal. Ele se abandona dos procedimentos mais simples da vida: namorar e casar, por exemplo, entregando-se, afetiva e unilateralmente, à pátria, um conceito tão difuso e abstrato. Não existe nenhuma perspectiva de retorno pessoal, apenas de doação. (RAMOS, 1990, p. 113).

Tanto é que, para abordar questões ligadas à temáticas amorosas, Lima Barreto precisa se utilizar de outros personagens do romance para protagonizar essas questões, que são abordadas por sinal de forma um tanto crítica, o amor em si não é abordado no romance, mesmo que de forma periférica. A instituição casamento sim, esta é que é abordada com toda uma problematização, de tabu social no romance. Mas de longe não ofusca o tópico principal: o idealismo político do herói. Toda a sequência de projetos de Policarpo Quaresma tem um pano de fundo político.

O projeto inicial de Quaresma é cultural, mas também é político. A autonomia cultural da nação é uma demanda política. Da mesma forma a autonomia econômica do Brasil frente a outras nações que o herói almeja, ao buscar pôr em prática seu projeto agrário, tem seu matiz político. O memorial que elaborou depois coroa a sua tentativa de contribuir para a possibilidade da nação autogerir-se o máximo possível.

O último projeto, o memorial, que surge como resultado de um natural amadurecimento de projetos anteriores do herói é francamente, por fim, um projeto político, e constitui-se como o ápice da tentativa de Quaresma de colocar em prática anos de reflexões acerca das ações necessárias ao desenvolvimento da nação. Digno de nota é que, para além da frustração do herói para com o desprezo a seus projetos pela autoridade máxima do País, o que lhe granjeia um Triste fim é, acima de tudo, sua postura frente o que considera uma injustiça perpetrada contra os presos políticos oriundos da Revolta da Armada que acabara suprimida pelo governo.

### **3.3.2 Personagens desintegrados e integrados no universo de *Triste fim***

Se há diferentes personagens em *Triste fim* que representam diversas instâncias de negociação com a engrenagem republicana para proveito próprio, há mais personagens no

romance de Lima Barreto que experienciam, junto a Policarpo Quaresma, a tensão entre o ideal/abstrato e o concreto/real. Ricardo Coração dos Outros e Olga são personagens que compartilham com Quaresma essa tensão, e que fazem, como ele, reflexões sobre o mundo que os circunda.

Quaresma é um personagem que experimenta verdadeiros *insights* de sua realidade no romance. Olga e Coração dos Outros seguem-no como os personagens de *Triste fim de Policarpo Quaresma* que são representados como tendo *insights*, lampejos de compreensão do mundo em que vivem.

Olga e Ricardo Coração dos Outros mantêm profunda amizade com Quaresma e nutrem profunda admiração por ele, ao mesmo tempo que sofrem a triste sorte do protagonista, e vivenciam os seus próprios conflitos com o mundo. São apresentados como co-heróis, à medida que o narrador vai descrevendo ao leitor a firmeza e nobreza de caráter de ambos, similar ao caráter de Quaresma, encontrando-se distanciados da sociedade que os rodeia tanto quanto ele, por também perseguirem valores autênticos em uma sociedade que se lhes apresenta inautêntica.

No romance, são exatamente estes três personagens que representam nitidamente o conflito entre o herói moderno e seu mundo. Existe em *Triste fim* pelo menos um momento em que Olga e Ricardo Coração dos Outros seguem Policarpo Quaresma em *insights* reveladores do mundo em que habitam, todos esses *insights* com reconhecimentos decepcionantes da sociedade que lhes é descortinada.

Assumpção escreve acerca da condição em que se encontram Quaresma, Olga e Ricardo no universo de uma República corrompida:

Representar um homem íntegro em desacordo com o regime recém-instaurado e aludir à solidez e dignidade do regime anterior constitui uma ironia que acompanha a totalidade do romance. Ricardo e Olga, por sua vez, são os únicos que, de uma certa forma, além de Policarpo, rebelam-se contra o estado de coisas. E também para eles não há espaço num regime tirânico como o representado em *triste fim*...Coerentemente com essa constatação, as personagens restantes, bem ajustadas à sociedade republicana, tipificam militares, burocratas e arrivistas. Lima Barreto figura uma república minada em suas bases, onde não há espaço para cidadãos íntegros. (ASSUMPÇÃO, 1993, p. 128).



O personagem Ricardo Coração dos Outros vivencia a tensão entre o ideal artístico da expressão musical nacional e a real interação desta expressão com a sua sociedade. Coração dos Outros, em seu próprio drama de artista não devidamente reconhecido, experimenta o seguinte *insight*:

E ele estava ali só, só com a sua glória e o seu tormento, sem amor, sem confidente, sem amigo, só como um deus ou como um apóstolo em terra ingrata que não lhe quer ouvir a boa nova.

Sofria em não ter um peito amado, amigo em que derramasse aquelas lágrimas que iam cair no solo indiferente. Por aí, lembrou-se dos famosos versos:

“Se choro...bebe o pranto a areia quente”...

Com a lembrança, ele baixou um pouco o olhar à terra e viu que, no tanque da casa, um tanto escondida dele, uma rapariga preta lavava. Ela abaixava o corpo sobre a roupa, carregava todo o seu peso, ensaboava-a ligeira, batia-a de encontro à pedra, e recomeçava. Teve pena daquela pobre mulher, duas vezes triste na sua condição e na sua cor. Veio-lhe um afluxo de ternura e, depois, pôs-se a pensar no mundo, nas desgraças, ficando um instante enleado no enigma do nosso miserável destino humano. (BARRETO, 1999, p. 85)

E em sua solidariedade para com Quaresma, Coração dos Outros, ao entristecer-se pela condição trágica do amigo, experimenta uma torrente de compreensão desencantada do mundo:

Ricardo veio andando triste e desalentado. O mundo lhe parecia vazio de afeto e de amor. Ele que sempre decantara nas suas modinhas a dedicação, o amor, as simpatias, via agora que tais sentimentos não existiam. Tinha marchado atrás de coisas fora da realidade, de quimeras. Olhou o céu alto. Estava tranqüilo e calmo. Olhou as árvores. As palmeiras cresciam com orgulho e titanicamente pretendiam atingir o céu. Olhou as casas, as igrejas, os palácios e lembrou-se das guerras, do sangue, das dores que tudo aquilo custara. E era assim que se fazia a vida, a história e o heroísmo: com violência sobre os outros, com opressões e sofrimentos. (BARRETO, 1999, p. 179)

Outro *insight* comovente de Ricardo Coração dos Outros. Além de se entristecer com a situação de Quaresma, Coração dos Outros vê-se abalado pela consciência de se encontrar em uma posição social que não lhe possibilita exercer quaisquer influências no intuito de intervir em prol do injustiçado amigo:

E Genelício seguiu com o seu passo cauteloso de quem poupa as solas das botas, enquanto Ricardo ficava de pé a olhar o largo, a gente que passava, a estátua imóvel, as casas feias, a igreja... Tudo lhe pareceu hostil, mau ou indiferente; aquelas caras de homens tinham cataduras de feras e ele quis por

um momento chorar de desespero por não poder salvar o amigo. (BARRETO, 1999, p. 178)

Olga, a afilhada de Policarpo Quaresma é uma personagem que apresenta um caráter tão altaneiro quanto o do padrinho, não sendo gratuito no romance a peculiar a identificação que o Major tem com ela. O espírito altaneiro de Olga pode ser exemplificado no grande *insight* que a toma ao fazer um passeio na região rural quando visita o padrinho no sítio do *Sossego*:

O que mais a impressionou no passeio foi a miséria geral, a falta de cultivo, a pobreza das casas, o ar triste, abatido da gente pobre. Educada na cidade, ela tinha dos roceiros idéia de que eram felizes, saudáveis e alegres. Havendo tanto barro, tanta água, por que as casas não eram de tijolos e não tinham telhas? Era sempre aquele sapê sinistro e aquele “sopapo” que deixava ver a trama de varas, como o esqueleto de um doente. Por que, ao redor dessas casas, não havia culturas, uma horta, um pomar? Não seria tão fácil, trabalho de horas? (BARRETO, 1999, p. 102)

Olga se questiona acerca da falta da típica harmonia entre homem e natureza que caracteriza o ideal da vida rural, indagando acerca da feiura das casas, da pobreza das hortas, da indolência e tristeza do homem rural:

E não havia gado, nem grande nem pequeno. Era raro uma cabra, um carneiro. Por quê? Mesmo nas fazendas, o espetáculo não era animador. Todas soturnas, baixas, quase sem o pomar olente e a horta suculenta. A não ser o café e um milharal, aqui e ali, ela não pôde ver outra lavoura, outra indústria agrícola. Não podia ser preguiça só ou indolência. Para o seu gasto, para uso próprio, o homem tem sempre energia para trabalhar. As populações mais acusadas de preguiça, trabalhavam relativamente. Na África, na Índia, na Conchinchina, em toda parte, os casais, as famílias, as tribos, plantam um pouco, algumas coisas para eles. Seria a terra? Que seria? E todas essas questões desafiavam a sua curiosidade, o seu desejo de saber, e também a sua piedade e simpatia por aqueles párias, maltrapilhos, mal alojados, talvez com fome, sorumbáticos!...

Pensou em ser homem. Se o fosse passaria ali e em outras localidades meses e anos, indagaria, observaria e com certeza havia de encontrar o motivo e o remédio. (BARRETO, 1999, p. 102)

O trecho citado abaixo é significativo porque Olga se depara com uma região rural totalmente avessa à ideia de vida no campo que concebera enquanto pessoa nascida na cidade, nunca tendo antes se afastado da esfera urbana. É significativo esse choque porque foi Olga que havia sugerido ao padrinho para buscar uma vida mais descansada no campo, retirando-se para um sítio. Quando recebe o choque de um cenário de roça mal cuidada, somado a um clima de abatimento Ao refletir sobre a pobreza da cultura agrária local, Olga, no intuito de

obter respostas a pelo menos algumas das várias indagações que levanta, dialoga com um roceiro:

- É grande o sítio de você?
  - Tem alguma terra, sim senhora, “sá dona”.
  - Você por que não planta para você?
  - “Quá sá dona!” O que é que a gente come?
  - O que plantar ou aquilo que a plantação der em dinheiro.
  - “Sá dona” tá pensando uma coisa e a coisa é outra. Enquanto planta cresce, e então? “Quá, Sá dona”, não é assim.
- Deu uma machadada; o tronco escapou: colocou-o melhor no picador e, antes desferir o machado, ainda disse:
- Terra não é nossa...E “frumiga”?... Nós não “tem” ferramenta...isso é bom para italiano ou “alamão”, que governo dá tudo...Governo não gosta de nós...
- (BARRETO, 1999, p. 103)

É de Olga o último grande *insight* do romance, que é narrado em seguida à afilhada do Major constatar a impossibilidade de impedir o “triste fim” que recaiu sobre o nobre patriota:

Saiu e andou. Olhou o céu, os ares, as árvores, de Santa Teresa, e se lembrou que, por estas terras, já tinham errado tribos selvagens, das quais um dos chefes se orgulhava de ter no sangue o sangue de dez mil inimigos. Fora há quatro séculos. Olhou de novo o céu, os ares, as árvores de Santa Teresa, as casas, as igrejas; viu os bondes passarem; uma locomotiva apitou; um carro, puxado por uma linda parelha, atravessou-lhe na frente, quando já a entrar do campo... Tinha havido grandes e inúmeras modificações. Que fora aquele parque? Talvez um charco. Tinha havido grandes modificações nos aspectos, na fisionomia da terra, talvez no clima... Esperemos mais, pensou ela; e seguiu serenamente ao encontro de Ricardo Coração dos Outros. (BARRETO, 1999, p. 182).

A personagem Olga vivencia, enquanto mulher, a tensão gerada por sua visão de mundo com a sua condição de mulher em uma sociedade patriarcal, tradicional e machista, no que tange ao papel do sexo feminino nesta sociedade. Olga experimenta esta condição primeiro quando reflete em meio ao passeio no campo que gostaria de ser homem para ter a abertura social necessária a fim de pôr em prática o plano que concebeu de visitar as zonas rurais do país, descobrir as causas do que estivesse impedindo seu progresso e buscar então a solução do problema.

Experimenta novamente a vívida condição de mulher na República patriarcal quando se vê na obrigação de tentar socorrer o padrinho e tem que se indispor com o próprio marido. Nesse sentido pode-se dizer que Olga também vivencia, como Quaresma, as contradições da

República enquanto sistema idealizado de governo e a República que efetivamente foi instaurada.

É relevante fazer essa comparação entre República abstrata e República concreta porque a toda a simbologia republicana que passa a vigorar no Brasil remete à necessidade de identificar o governo instituído com o que há de mais autêntico professado por este modelo de governo. E em termos de simbologia, a própria efígie da República brasileira, como figura feminina, tem sua influência por exemplo na pintura de Eugène Delacroix, onde um modelo de subversão da ordem tradicional não poderia ser mais evidente, em que uma mulher é retratada, com um seio desnudo, encabeçando a revolução.

Mesmo assim, figuram no romance de Lima Barreto mulheres totalmente identificadas com o patriarcalismo como a própria irmã de Quaresma, que defendia que este deveria casar-se e constituir família, e Ismênia, a moça que entristece-se tragicamente por não conseguir casar-se. Olga, a grande figura feminina diferencial do romance, vê-se, por sua vez, presa exteriormente, ainda que seja apresentada interiormente como uma livre pensadora, com as mãos atadas para levar uma vida em consonância com a própria consciência.

Eis aqui o grande diferencial de Policarpo, Olga e Coração dos Outros em relação aos demais personagens que transitam em *Triste fim*. Estes três personagens cultivam o anseio de transformar a realidade em que vivem, mas não de forma egoística, para proveito próprio. E no caso deles trata-se de ansiar transformações significativas, embora não se trate de revolucionários, de personagens que queiram revolver as bases estruturais de sua sociedade, muito menos fazer uso da força para isso. Trata-se de reformistas, progressistas.

Assumpção compara Quaresma e Ricardo Coração dos Outros a dois mensageiros de uma Boa Nova, referente a seus ideais de desenvolvimento da nação, Quaresma no plano intelectual e Coração dos Outros no plano artístico.

A situação de Quaresma como propagador de uma Boa Nova, faz ecos a um apostolado não somente nas constantes demonstrações de entusiasmo em sua “prédica” dos valores da pátria brasileira, mas também às intempéries a que está sujeito um apóstolo em sua missão, como é o caso do internamento de Quaresma no hospício ser atribuído por seus conhecidos a efeitos nocivos advindos de seu apurado hábito de leitura, lembrando o episódio

neotestamentário da crítica feita ao apóstolo Paulo após este ter discursado sobre os fundamentos de sua crença: “Paulo, as muitas letras te fazem delirar!”. Segundo os conhecidos de Quaresma, as muitas letras o levaram ao delírio.

- O Quaresma está doido.
- Mas...o quê? Quem foi que te disse?
- Aquele homem do violão. Já está na casa de saúde...
- Eu logo vi, disse Albernaz, aquele requerimento era de doido.
- Mas não é só, general, acrescentou Genelício. Fez um ofício em tupi e mandou ao ministro. [...]
- Nem se podia esperar outra cousa, disse o doutor Florêncio. Aqueles livros, aquela mania de leitura...
- Pra que ele lia tanto? Indagou Caldas.
- Telha de menos, disse Florêncio.
- Genelício atalhou com autoridade:
- Ele não era formado, para que meter-se em livros?
- É verdade, fez Florêncio.
- Isto de livros é bom para os sábios, para os doutores, observou Sigismundo.
- Devia até ser proibido, disse Genelício, a quem não possuísse um título “acadêmico” ter livros. Evitavam-se assim essas desgraças. Não acham?
- Decerto, disse Albernaz. (BARRETO, 1999, p. 50 -51 ).

Ricardo Coração dos Outros também experimenta o lado negativo de seu apostolado pela modinha como expressão genuinamente nacional, quando o narrador o compara a um “apóstolo em terra ingrata, que não recebeu sua mensagem”.

Mas os demais personagens, a exemplo de Ismênia e de Genelício, são personagens que almejam obter uma posição satisfatória na sociedade que conhecem. Não almejam outra forma de sociedade. Não questionam o modelo de sociedade em que vivem. Poderia-se objetar que Quaresma também não, já que é um ardoroso patriota republicano, que vive em uma república e a defende quando esta se encontra em crise. Mas os sucessivos projetos do Major evidenciam que a República em que vive lhe soa inautêntica face à República que tem em mente.

O mesmo se pode dizer de Ricardo Coração dos Outros e Olga. Ricardo Coração dos Outros estaria satisfeito se fosse mais reconhecido enquanto músico e Olga estaria satisfeita se tivesse maiores liberdades, maior mobilidade enquanto mulher na sua sociedade. Mas não é o caso. E o exemplo mais claro disso é que, ao serem confrontados com a situação de Quaresma, ambos não gostam do que vêem. Entristecem-se, indignam-se, ficam perplexos ao

observarem como a sociedade não reconhece a justeza de caráter de Quaresma e ainda o condena a um castigo do qual não é merecedor.

Os *insights* de Coração dos Outros tem vislumbres da história acontecendo, as eras passando, e este padrão de maldade aparecendo em contínuo. Coração dos Outros não lamenta apenas a sua condição de artista incompreendido e a do amigo de sábio incompreendido, lamenta também a condição de seus concidadãos de subúrbio.

Assim também é com Olga. Olga tanto no episódio do passeio rural quanto na crise em torno do padrinho, deplora a maldade humana e lamenta a condição dos menos favorecidos socialmente de não poderem se defender das injustiças perpetradas pelos senhores do mundo.

Ismênia, Genelício e Albernaz, por outro lado, estão completamente integrados ao mundo que Quaresma se encontra em situação de conflito. Ismênia almeja realização no casamento como a sua irmã, e sofre por não poder realizar este objetivo. Albernaz, seu pai, não representa ser inescrupuloso como o genro Genelício, mas relativiza seus valores se necessário para se acomodar ao novo estamento. Genelício por sua vez, adere completamente ao estamento vigente e não mede artifícios para fazer parte das mais altas “castas” da nação, demonstrando lógica de pensamento semelhante a do marido de Olga inclusive, com quem esta se indis põe na defesa do padrinho, deplorando-lhe a inescrupulosidade em favor de seu carreirismo.

O carreirismo de Genelício está presente na própria representação feita em *Triste fim* sobre o Marechal Floriano Peixoto, o segundo presidente na história da República brasileira, ou seja, do líder máximo da nação àqueles que desejam colocar-se sua esfera de influencia, o fenômeno do carreirismo envolve vários personagens do romance visto que consiste em um pensamento comum na sociedade em que viveu Quaresma.

Existem trechos no romance que descrevem com detalhes como estes personagens encontram-se absorvidos nos valores subscritos pela sociedade da Primeira República, alguns obtendo êxito na aspiração desses valores e outros não, como é o caso trágico de Ismênia.

Noiva havia quase cinco anos, Ismênia já se sentia meio casada. (...) Casar, para ela, não era negócio de paixão, nem se inseria no sentimento ou nos sentidos: era uma idéia, uma pura idéia. Aquela sua inteligência rudimentar

tinha separado da idéia de casar o amor, o prazer dos sentidos, uma tal ou qual liberdade, a maternidade, até o noivo. Desde menina, ouvia a mãe dizer: “Aprenda a fazer isso, porque quando você se casar...”.

A todo instante e a toda hora, lá vinha aquele – “porque quando você se casar...” – e a menina foi se convencendo de que toda a existência só tendia para o casamento. A instrução, as satisfações íntimas, a alegria, tudo isso era inútil; a vida se resumia numa cousa: casar. (BARRETO, 1999, p. 47-48).

Ismênia, uma das filhas do General Albernaz, que representa a típica jovem de família que sofre a frustração de não poder cumprir com o papel que lhe é designado tradicionalmente na sociedade, o de contrair um matrimônio que aos olhos de sua comunidade era certo devido ao fato de seu noivo ter lhe abandonado a pretexto de uma viagem, não suportou a decepção da rejeição e literalmente desfaleceu. Com o tempo, a sua própria família e amigos já tinham percebido que o noivo da moça não voltaria para consumir o casamento, enquanto ela própria agarrava-se à ideia de que ele haveria de voltar.

Por fim, com o casamento da irmã e toda celebração na família gerada com o evento, e sentindo-se privada de obter e proporcionar à família a mesma satisfação, Ismênia fechou-se de tal forma que, deixando-se tomar por um crescente desânimo que debilitou seu próprio corpo, deixou este mundo vestida de noiva, sem nem ao menos cogitar a possibilidade de encontrar outro pretendente, tamanho era o relevo gerado socialmente pela condição de preterida que por acidente lhe recaía sobre a pessoa.

Flavio do Nascimento, em seu trabalho *Lima Barreto: espaço interno*, que analisa o tema da Morte e do Acaso na obra do escritor de uma forma geral e especificamente em *Vida e obra de M. J. Gonzaga de Sá*, comentando a presença da Morte em *Triste fim de Policarpo Quaresma*, menciona a situação do triste desfecho consequente à “desrealização” do propósito vital de Ismênia:

Em *Triste fim de Policarpo Quaresma*, o peso de uma realidade mata Ismênia: o casamento. A moça, frágil como um bibelot, não resistiu à desrealização desse objetivo e se consome até falecer vestida da fantasia de noivado. No funeral, os pombos brancos, as aves de Vênus, deusa do amor, sobrevoam o caixão saudando a passagem daquele sonho extinto. (NASCIMENTO, 1977, p. 5).

A forma como o narrador descreve Genelício figurando como o típico pseudo-intelectual que se vale da mística popular em torno do diploma de bacharel para ascender socialmente é de um desdém, ou seja, não são os atos de Genelício que lhe configuram na

trama um caráter inescrupuloso, tornando-o grotesco, mas o personagem já é apresentado ao leitor sob esta caracterização:

Empregado do Tesouro, já no meio da carreira, moço de menos de trinta anos, ameaçava ter um grande futuro. Não havia ninguém mais bajulador e submisso do que ele. Nenhum pudor, nenhuma vergonha! Enchia os chefes e os superiores de todo o incenso que podia. Quando saía, remancheava, lavava três ou quatro vezes as mãos, até poder apanhar o diretor na porta. Acompanhava-o, conversava com ele sobre o serviço, (...) criticava este ou aquele colega, e deixava-o no bonde, se o homem ia para casa. (BARRETO, 1999, p. 56).

O tratamento que o narrador dá ao General Albernaz, o militar reformado que atuou por toda a vida no setor burocrático e nunca conheceu a guerra, é ambíguo. O narrador não o trata nem com a compaixão com que trata a pobre e simplória Ismênia e nem com o indisfarçado desdém com que trata o Genelício:

O general nada tinha de marcial, nem mesmo o uniforme que talvez não possuísse. Durante toda sua carreira militar, não viu uma única batalha, não tivera um comando, nada fizera que tivesse relação com a sua profissão e o seu curso de artilheiro. Fora sempre ajudante de ordens, assistente, encarregado disso ou daquilo, escriturário, almoxarife, e era secretário do Conselho Supremo Militar, quando se reformou em general (...). Nada entendia de guerras, de estratégia, de tática ou de história militar. (BARRETO, 1999, p. 36).

Há algo de simpático na figura do General Albernaz, no que diz respeito de todos os cuidados que ele despende à sua família, às suas filhas em particular, e se esta característica paternal não o torna simpático, não deixa de ser familiar ao leitor no que tange a relações familiares.

Feita a descrição dos personagens que compõem o universo do herói de *Triste fim*, surge a questão: o que é o mundo de Policarpo Quaresma afinal, para entendermos como o herói entra em conflito?

Policarpo Quaresma entra em conflito com praticamente todas as variantes de elite da sua sociedade. Não entra apenas com as classes mais baixas, a ralé. Porque com a alta elite e com a “elite” suburbana o conflito se estabelece, assim como com a elite rural. Dos mais pobres, tanto na cidade quanto no campo, Policarpo não granjeia inimizade, no máximo incompreensão, perplexidade frente à sua excentricidade.



Quaresma granjeia desafetos desde um simplório doutor que o acusa de pedante devido ao herói dispor de uma biblioteca particular não tendo nenhum diploma de bacharel a ostentar ao próprio presidente da República a quem serviu com a melhor das intenções.

Seus colegas de repartição pública o ridicularizavam pelas costas, mas seu superior, após a inaudita iniciativa intelectual da proposta pelo Tupi, hostilizava-o abertamente, até encontrar pretexto para eliminar da repartição o único homem que rivalizava intelectualmente com ele e com os demais funcionários (a narrativa deixa claro, na verdade, que Quaresma suplantava a todos em termos de profissionalismo, cultura e humanismo na maneira de olhar o semelhante, Lima Barreto realmente leva o seu herói às raias de um titã isolado e incompreendido). No Sítio do Sossego, Policarpo foi hostilizado por ambos coronéis que rivalizavam entre si na candidatura local e que não o permitiram estar alheio à política interiorana.

Mas é digno de nota que, mesmo em se tratando do presidente da República, não há de fato uma elite genuína que intente esmagar Quaresma como um pequeno inseto porém nocivo. Todos, do doutor da vizinhança a Floriano, são descritos no romance como mesquinhos com alguma posse que possuem afetações de nobreza, longe de figurarem como fidalgos distantes da massa pela própria natureza de sua condição social. Altivos, do menor ao maior, elevam a si próprios da condição histórica de fazendeiros, burgueses, pequeno-burgueses, funcionários do Estado, a castas superiores aos demais cidadãos, e o fazem não interessa a relatividade de valor de suas posses.

Existe no romance também personagens que não hostilizam Quaresma e até parecem admirá-lo, mas que estão totalmente integrados ao mundo ao qual o herói se encontra em estado de conflito. É o caso do general Albernaz, militar reformado que vive contando histórias de guerra das quais não participou por ter trabalhado a vida inteira no serviço burocrático das forças armadas, e que vivia promovendo festas em sua residência alardeando às redondezas do subúrbio sua generosidade enquanto pai de família abastado, bem-sucedido na vida, exemplo da família burguesa ideal.

É sob o contexto de sua busca por ostentar prosperidade em todos os níveis em sua família que Albernaz acaba por colocar a filha Ismênia, personagem mais triste, débil e oprimida pelas convenções sociais do mundo de Quaresma, em uma situação de

desesperadora inadequação social, por esta ver a sua irmã se casar, e como este evento foi celebrado por sua família, e não poder se casar e proporcionar igual satisfação aos pais, visto que o seu pretendente a quem aguardou retornar de viagem fugiu.

Quando no fim do romance, no episódio da prisão de Quaresma, Albernaz se vê obrigado a escolher intervir a favor de Policarpo, sob risco de se indispor com Floriano, ou deixar o herói à própria sorte, visto que o general se encontrava em uma posição satisfatória no regime, opta por não se envolver no caso do “amigo”.

Na recusa de auxiliar Quaresma, porém, a atitude covarde de Albernaz não chega a ser tão revoltante quanto à de Genelício. Temos que convir que o narrador construiu bem a imagem do bacharel carreirista, oportunista e vazio intelectualmente sobre a figura de Genelício. A forma como recusa intervir a favor de Quaresma quando Ricardo Coração dos Outros o procura é de uma vilania aberrante, demarcando seu caráter dissimulado.

A triste condição de Ismênia, por sinal, difere da de Quaresma, Olga e Ricardo Coração dos Outros, por estes, cada um à sua maneira, detectarem a inautenticidade do mundo em que vivem, sendo que o que os aprisiona é a sua condição social, e a de Olga especificamente, a condição que comunga com Ismênia: a de mulher que tem suas funções definidas na sociedade patriarcal.

Mas os três personagens que são caracterizados no romance como verdadeiros pensadores sobre a sociedade em que vivem, exatamente por serem assim caracterizados, ao colocarem-se à margem da mentalidade que vigora em seu meio, libertam-se mentalmente dessa inautêntica realidade que os circunda, vislumbrando, como que a distância, a possibilidade de realidades mais autênticas.

Porém, Ismênia não. Esta pobre personagem não vislumbra realidades mais autênticas. Sua tristeza dá-se exatamente por não conseguir concretizar a convenção socialmente imposta. E em tamanho sentimento de fracasso, Ismênia definha. Nesse sentido, seu triste fim soa muito mais aterrador que o de Quaresma, o homem que não só detectou as contradições de sua realidade como os limites da própria realidade que concebeu, a qual foi humilde para reformulá-la obtendo uma visão bastante panorâmica do seu mundo.

O triste fim de Ismênia no mundo do Major não goza sequer da “honorável recompensa”, se assim se pode dizer, de que gozam este, Olga e Ricardo, de causar uma perturbação no meio em que vivem e sofrer reações indignas à nobreza de seus espíritos, por parte de seus semelhantes, devido ao brilho contrastante de suas posturas idealistas, em contraste com o acomodamento ideológico dos demais personagens do romance, como tanto enfatiza o narrador. Isto porque a visão de mundo de Ismênia não contrasta com a de seus familiares, amigos, vizinhos, conhecidos, enfim, a da sociedade que a rodeia tanto quanto rodeia os três inconformados.

### **3.3.3 O sentido da dinâmica de conflito entre Policarpo Quaresma e seu mundo**

A lógica do conflito entre herói e mundo tem seu início no interior do herói, no que diz respeito à capacidade deste em ajustar-se com o meio social circundante, à medida que esta capacidade está ligada aos ideais que persegue e o quanto estes ideais estão em sintonia com os ideais das pessoas que pertencem às esferas de sua interação. Logo, o ajustar-se ou não externo do herói com seu mundo decorre do quanto o herói está disposto a ajustar-se com esse mundo no plano de sua interioridade.

Uma vez dissociado em seu interior do mundo de que é parte, a um dado momento, no decorrer das sucessivas interações a que se vê o herói obrigado a estabelecer com o seu meio, a dissociação que está presente no espírito do herói, do mundo com o qual constantemente interage, manifestará-se em ações gradativamente concretas, uma vez que o processo de dissociação interna é igualmente gradativo, sejam as manifestações desta dissociação tímidas ou ousadas no plano concreto, sejam manifestações de fuga do mundo ou sejam manifestações de desafio a este mundo. Inclusive a gradação pode se dar de manifestações tímidas para ousadas tanto na busca de isolamento do mundo quanto de seu enfrentamento, assim como podem oscilar de isolamento para enfrentamento e vice-versa.

No caso do herói Quaresma, já foi apontado no presente estudo que o herói opta por um tempo em sua vida pelo isolamento do mundo, que se dá na prática pela sua reclusão da vida social e imersão nos estudos, mas que a certo ponto da vida, com a mente transbordando de concepções acerca da sua pátria, o grande objeto de seus estudos e meditações, o herói põe-se a externalizar sua busca pela pátria ideal que concebe ao longo de anos, e começa a trabalhar em prol desse ideal. Aqui o herói passa do isolamento para o enfrentamento da

realidade com que convive. E a passagem se dá gradativamente de uma postura tímida para uma postura ousada.

Poderia ser diferente, poderia acontecer de o herói ser um ferrenho crítico militante do mundo que o circunda em sua juventude e, à medida que fosse envelhecendo este acabasse buscando maiores reconciliações com o seu mundo, ou mesmo resignando-se, no intuito de prover-se a si mesmo alguma paz de espírito. Mas com Quaresma se dá exatamente o contrário. De uma proposta de caráter cultural, que falha, o herói pensa como desenvolver a Pátria em uma esfera que considera mais abrangente e fundamental, a esfera econômica, a partir da agricultura.

Vendo que não somente as dificuldades de trabalhar o solo são maiores do que pudesse imaginar inicialmente, mas que as politicagens mesquinhas do Interior refletem as deficiências do sistema político republicano recém implantado, passa a meditar na esfera propriamente política quando elabora o seu memorial, e quando se depara com uma flagrante injustiça a ser perpetrada, que contradiz de forma aberrante o que defende ser justo na gestão dos assuntos de ordem política para a Nação, toma a mais ousada de suas iniciativas, a de recusar-se a executar os prisioneiros capturados com a supressão da Revolta da Armada, escrevendo inclusive um veemente protesto endereçado ao presidente.

Policarpo Quaresma arcou com os efeitos da sua gradual dissociação com o mundo, que oscilou do isolamento para o enfrentamento, e com a forma como o seu mundo reagiu, em várias instâncias, a essa dissociação. Assim como o herói se viu cada vez mais impossibilitado de conciliar-se com o mundo, à medida que suas convicções referentes ao mundo alternativo que concebera iam se fortalecendo, da mesma forma o seu meio circundante, negando-se a sofrer as transformações que o herói buscava levar a cabo, foi expelindo-o gradualmente, marginalizando-o no emprego, no campo por este não querer envolver-se em política, e por fim quando este resolveu envolver-se em questões de natureza política.

A passagem de um projeto cultural para um econômico, e depois para um político, foi motivado pela necessidade do herói de contribuir fosse como fosse para a concretização da nação idealizada, o que fez com que buscasse o lócus mais adequado que propiciasse uma transformação a nível estrutural da nação. É por isto que há uma expansão da esfera de atuação do primeiro para o terceiro projeto. Mesmo assim, essa transformação a nível

estrutural não se daria usando meios revolucionários, tanto é que o major escreveu o seu memorial para ser lido pelo homem que considerava ter a energia necessária para pôr em prática o seu conteúdo, Floriano, sendo este o presidente da República.

Quaresma formula seus projetos com cada vez mais ousadia em sua amplitude, buscando alterar a realidade, mas nunca em tons subversivos da ordem vigente. Pelo contrário, defensor daquilo que já havia sido alcançado pela Nação com o estabelecimento de uma sociedade mais democrática, Quaresma desejava que esta alçasse maiores vôos frente às demais nações. Acusado de traidor da Pátria, era um conservador da ordem instituída que tinha intenções de desenvolvê-la sem lançar mão de métodos repressivos, mas através dos meios os mais legítimos, legalmente falando, de intervenção social.

### **3.3.4 A busca da coerência entre ideia e prática como real causa do conflito de Quaresma**

Não sendo a proposta deste estudo a problematizar a real eficácia ou não da aplicação dos projetos de Policarpo Quaresma, como foi a proposta de Roberto José Ramos ao longo de sua dissertação, importa aqui ressaltar que é a postura heróica de Policarpo Quaresma que configura-lhe a imagem de mártir dos ideais republicanos nacionais. A tensão que se estabelece, portanto, no clímax do romance, vai além do que se projeta e do que pode ser aplicado em termos de recursos em prol da nação, mas adentra a esfera da tensão entre o justo e o injusto no âmbito político, conferindo nobreza ao caráter do protagonista. Ou seja, não é a excentricidade dos projetos inaplicáveis por qualquer ingenuidade metodológica do herói que o coloca em apuros com a sociedade em que vive, mas a própria integridade do personagem, que o impede de calar-se frente a uma situação política que considera indigna dos dirigentes da nação que idolatra.

Mas o que está sendo afirmado aqui não conclui em si o porquê do protagonista ter entrado em conflito com a sua sociedade. A questão do justo sofrer nas mãos do injusto é genérica demais para definir a especificidade do conflito que se estabelece no romance. O que conecta o nacionalismo idealista de Policarpo Quaresma com a integridade de sua índole tal qual é apresentada no romance é exatamente o fato de um ideal de nação postular o bem comum a todos os pertencentes a uma dada nação, postular valores como justiça e paz que

beneficiem a sociedade como um todo (ou pelo menos que promova as ferramentas para a possibilidade de cada indivíduo pertencente à nação construir sua vida).

Robert John Oackley em *Lima Barreto e o destino da literatura* escreveu que o “fascínio de *Triste fim de Policarpo Quaresma* é devido precisamente ao retrato de um herói intelectual não meramente contemplativo” e sim um “intelectual atuante, que se empenha em afrontar a problemática realidade da nova República” (OACKLEY, 2011, p. 86 e 87), mas cuja “paixão e sinceridade comprometedoras o destroem, assim que”, do início ao fim da trama, cada “destinatário de sua mensagem é obrigado a levá-lo a sério”. (p. 96).

Ao não abrir mão destes princípios, automaticamente Quaresma apresentou um caráter que configurou-se na narrativa de *Triste fim* como acima da média, não resumindo-se este choque entre o herói e seu meio portanto a uma questão meramente moral, no sentido de o herói encontrar-se moralmente correto e a sociedade com que se defronta moralmente errada. Trata-se de o herói demonstrar coerência em atos com os seus princípios patrióticos, em contraste com a incoerência da sociedade republicana estabelecida com os princípios que oficialmente advoga. O próprio idealismo de Policarpo Quaresma lhe confere uma moral distinta de seu meio.

Isto se dá porque Quaresma é um intelectual genuíno. A sua “moral” distingue-se da que prevalece em seu meio pelo fato de, como autêntico pensador das coisas de sua pátria, Policarpo Quaresma busca seguir os passos de uma lógica que compreende ser a propiciadora de um real funcionamento da máquina republicana. É um personagem extremamente lógico nesse sentido. Seu entusiasmo com a Pátria não pode confundir-lo com um indivíduo que advoga grandes ideais mas falha metodologicamente em levá-los a cabo. Quaresma é um legítimo produto da ciência, da ilustração.

Apesar do que disse Lucien Goldmann, ao definir resumidamente o conceito elaborado por Lukács de “romance de idealismo abstrato”, de que a visão de mundo do herói é mais limitada que o que lhe descortina o seu meio social, não é unicamente a estreiteza da visão de mundo de Quaresma que o põe em apuros com a realidade em que este se encontra, como se essa limitação dissesse respeito a uma sabedoria, a um discernimento limitado, tacanho, para lidar adequadamente com essa realidade, o autor desta dissertação entende que o que choca o idealismo abstrato do herói contra o seu mundo é a opção que este faz pelo padrão concebido

em sua visão de mundo cuja barganha com o mundo lhe é inaceitável à medida que o padrão de mundo que o herói concebe advém da própria dinâmica de interação com o mundo em que vive.

Neste sentido, Ramos aponta que o conhecimento que Policarpo Quaresma buscava constantemente sobre sua realidade não era apenas livresco, colocando-o em uma constante tentativa de adequá-la a concepções impossíveis de se concretizarem em um real contexto social, mas tratava-se de um conhecimento que o tempo todo estava sendo colocado à prova.

Policarpo preservava a mesma linha de conduta. O conhecimento não era apenas um fruto que se colhe no pomar dos livros. A teoria não se bastava. Significava uma parte do conhecer, que só se completava com a práxis. Tal coerência, mais uma vez, lhe custaria o alto preço de inúmeras dificuldades. (RAMOS, 1990, p. 118).

O herói não apenas concebe um padrão prévio de mundo que se choca com o concreto e necessita ser reformulado. Foi Alfredo Bosi que observou que o idealismo de Policarpo Quaresma não o torna um personagem caricato, de ações previsíveis inerentes aos seus rasgos de patriotismo, quando escreveu que “a grandeza de Lima Barreto reside justamente no ter fixado o desencontro entre o ideal e o real, sem esterilizar o fulcro do tema – isto é, sem reduzi-lo a símbolo imóvel de um só comportamento”. (BOSI, 1973, p. 99). Como Quaresma é apresentado no início da trama como um personagem que não é mais jovem, a visão de mundo que concebe e defende já carrega consigo provavelmente suas alterações face à interação que teve com a realidade que o cerca até o momento em que decide pôr em prática os sucessivos planos elaborados sob seus ideais.

Se o texto de *Triste fim* permite aparentemente uma leitura sobre a exposição de projetos utópicos frente a um mundo que concretamente os invalida, também permite uma leitura que demonstre a sabotagem de uma sociedade incoerente com o seu discurso nacionalista sobre um indivíduo pertencente a esta sociedade, mas abstraído dela devido à própria coerência de suas ações com os seus projetos vinculados a seu ideal de nação. O idealismo abstrato aqui é a nação abstrata e a república abstrata de Quaresma. Abstrato, porém, não é sinônimo de fantasioso ou ingênuo.

É válido notar que a tensão causada pelo ideal e o real que confronta o modelo de nação de Quaresma com a nação em que vive também confronta a postura que o herói espera

de si mesmo enquanto pretensão concretizador de seus projetos com os resultados de suas iniciativas. Ou seja, o próprio herói coloca-se como indivíduo em tensão quanto à imagem que busca construir de si mesmo comparada com a fisionomia que se lhe vão desenhando os fracassos de seus projetos.

Mais uma vez, é necessário lembrar que esta tensão interna ao próprio herói do romance, assim como a tensão entre o projeto de nação deste com a nação em que vive, não representam construções ingênuas de auto-imagem nem de mundo por parte do herói. Da mesma forma que a tensão entre herói e mundo se dá devido à insistência do herói em não negociar o modelo de mundo que concebe, enquanto indivíduo frente ao mundo com que se depara ainda que se exaspere com a impossibilidade de conciliar ambos mundos, também a tensão entre a imagem que o herói aspira para si mesmo enquanto transformador de realidades e as reais ações que toma em seu meio de atuação não diz respeito estritamente ao fato de o herói concluir-se fracassado pela impossibilidade de implementar seus projetos abstratos no mundo concreto.

Diz respeito à convicção pela qual este herói é tomado de que o que está concebido de si mesmo no abstrato é mais perfeito, mais justo, mais digno de ser adotado enquanto caráter, do que o caráter que apresenta na prática, encontrando-se o herói sob esta condição constantemente esforçando-se para concretizar em suas práticas tal caráter concebido.

O conflito do herói com o seu mundo, portanto, dá-se em duas instâncias: a instância da própria dissonância com o meio em que este vive, em função da tensão estabelecida entre a sua concepção de mundo e o mundo com que se depara, e a instância, como partícipe do mundo concreto ao qual encontra-se dissonante, de buscar adequar-se em suas práticas à visão de mundo que concebe em oposição ao mundo com o qual interage. A segunda instância constitui-se em um desdobramento da primeira.

Há uma lógica que relaciona estas duas instâncias: uma vez que um dado indivíduo concebe um ideal em contraste com o concreto que vivencia, como um modelo de mundo ideal opondo-se ao mundo que observa, este indivíduo buscará ser um representante de um mundo que poderia ser real frente ao mundo que lhe é real. Policarpo Quaresma vivencia a trama de *Triste fim* como representante do próprio projeto de nação que concebe. Quaresma



vivencia a sua república ideal aparte à República em que vive. Performatiza, personifica, o cidadão de sua sociedade ideal.

Todavia vale ressaltar aqui que embora haja essa segunda preocupação do herói, Quaresma não é construído como um personagem ambíguo, não é apresentado ao leitor como um personagem com vícios e consciente das virtudes, em que tenta vencer suas próprias fraquezas.

Quaresma tanto empreende um esforço de modificação de sua sociedade quanto esforça-se ao mesmo tempo para ser coerente em suas ações com os seus ideais. Quaresma combate inclusive ao longo do romance para não desistir de tentar implementar os projetos que considera úteis ao desenvolvimento da nação. O que acontece, na prática, é que Quaresma se vê obrigado a, sucessivamente, desistir de cada um de seus projetos, sendo que o último, o mais ambicioso, que apresenta ao presidente da República Marechal Floriano Peixoto, e que pode ser considerado a suma de todas as aspirações nacionalistas do herói postas a escrito, soa como uma tentativa-mor de ter suas ideias ouvidas e ponderadas, dirigido diretamente ao líder da Nação. De fato, acabaria por ser o derradeiro projeto de Quaresma.

Há um modelo particular de República concebido por Quaresma, que almeja sobrepô-lo ao modelo republicano instituído, a fim de aperfeiçoá-lo. Mas não pode ser tomado meramente como um modelo deturpado de nação concebido por nada menos que uma mente excêntrica. Não se trata de um modelo excêntrico de República uma vez que Quaresma o concebeu calcado nos livros, nos discursos que educam inclusive a mentalidade dos infantes da infante República brasileira.

Se Policarpo Quaresma sofre o choque de suas ideias com a realidade circundante por um lado, por outro lado a sua concepção de mundo ou do que deve ser o mundo não sofre abalo. Por mais que chegue a se auto criticar momentaneamente, no auge da agonia em que se encontra sob cárcere, o abalo maior de Policarpo se dá em função de não ter sua dignidade reconhecida e respeitada. A própria acusação que sofre de traição é uma afronta a toda a energia que despendeu defendendo o governo de Floriano. Tamanha acusação seguida de exílio e execução é por sua vez de um descabimento capaz de provocar profunda comoção ao leitor identificado com o herói.

O interessante em *Triste fim de Policarpo Quaresma* é que não existem vilões. Existem pessoas que perseguem seus próprios interesses, alguns com sucesso, outros não, alguns de forma criticável, outros nem tanto, todos buscando satisfazer necessidades e desejos inerentes à própria natureza humana: prover o próprio sustento, casar, garantir uma profissão prestigiada, construir um lar, conquistar notoriedade na profissão e uma imagem respeitável para si e para a família perante a sociedade.

O Brasil pode ter se tornado independente de Portugal, e depois ter abandonado o regime monárquico para adotar o republicanismo, que não houve mudança significativa na vida dos brasileiros, a vida continuou sendo, para as pessoas com quem o herói de *Triste fim* travou contato, a busca diária pelo sustento, a constituição familiar e o bom-nome.

A questão é que existem também, por outro lado, pessoas que, por uma série de razões particulares, não compartilham dessa visão comum, e que são representadas no romance por Policarpo Quaresma, Olga e Ricardo Coração dos Outros.

É interessante também notar que, se Quaresma pertence a uma classe definida, a classe suburbana, os projetos que desenvolve, nomeadamente o projeto agrícola, se não chegam a ser revolucionários no sentido de desestabilizar toda a engrenagem estatal existente, de qualquer forma privilegiaria a sua classe. Mesmo assim, a tomarmos alguns personagens igualmente suburbanos como Genelício e Armando, ou mesmo o General Albuquerque, percebe-se que os interesses pessoais desses personagens confrontam-se com os projetos do herói tanto quanto os interesses das camadas mais privilegiadas, como as dos senhores de terra, ou à própria elite que se encontra governando. O idealismo de Policarpo Quaresma esbarra na concepção de mundo de sua própria gente mais próxima.

De todo o esforço malgrado de Policarpo Quaresma que analisou-se aqui, é relevante, e conveniente porque um pouco esperançoso, citar a bela reflexão que Maria Zilda Cury faz, relacionando os atos do herói com o significado de seu nome “policarpo”, sobre as sementes de autonomia intelectual e moral que lançou na vida de seus amigos Ricardo e Olga, um cantor popular e uma mulher na sociedade patriarcal e europeizante da Primeira República, e que podem ser evidenciadas na postura desses personagens ao final do romance como possibilidade, remota no momento, de frutificação:

Se Quaresma, de fato, não teve êxito nos seus empreendimentos, apesar da sinceridade e tenacidade com que a eles se dedicou, Olga e Ricardo apontam para uma via alternativa para a superação das questões colocadas por Policarpo. São os “frutos”, ainda em germinação, das sementes lançadas por esse último. É significativo que essa possibilidade de superação se indicie em dois personagens cujo perfil é retirado de camadas marginalizadas: Olga, enquanto mulher; Ricardo, enquanto cantor popular. (CURY, 1981, p. 38).

O final do romance, todavia, é inevitavelmente melancólico, e a reflexão de Olga que “se lembrou que, por estas terras, já tinham errado tribos selvagens, das quais um dos chefes se orgulhava de ter no sangue o sangue de dez mil inimigos” (BARRETO, 1999, p. 182), pouco depois das desalentadoras impressões de Ricardo sobre o destino do Major, em que “tudo lhe pareceu hostil, mau ou indiferente (...) o mundo lhe parecia vazio de afeto e de amor (...) a dedicação, o amor, as simpatias, via agora que tais sentimentos não existiam” (Idem, p. 179), sugere ao leitor uma possibilidade muito mais vaga dos atos do herói terem lançado, para além de raios de sol nos espíritos dos dois fiéis amigos, quaisquer bases para mudanças estruturais nas gerações futuras da sociedade que conheceu, “fora há quatro séculos” que as tribos selvagens haviam errado pelas terras que Olga observava agora urbanizadas.

“Tinha havido grandes e inúmeras modificações” é verdade, “na fisionomia da terra, talvez no clima...” (Ibidem, p. 182), o que lhe permitiu juntar um pouco de ânimo e pensar consigo mesma “esperemos mais” enquanto seguia serena ao encontro de Ricardo. Mas levaram quatro séculos, e as modificações da fisionomia da terra não sinalizavam necessariamente progresso no entender do cantor que “olhou as casas, as igrejas, os palácios e lembrou-se das guerras, do sangue, das dores que tudo aquilo custara.” (BARRETO, 1999, p. 179). Percebia Coração dos Outros de maneira bastante amarga que “era assim que se fazia a vida, a história” e um “heroísmo” tão diverso do heroísmo de Policarpo Quaresma, tratando-se de um heroísmo mais de acordo com os militares e os senhores de terras da República que conhecera o protagonista de *Triste fim*, “com violência sobre os outros, com opressões e sofrimentos”(Idem, p. 179).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romance de Lima Barreto *Triste fim de Policarpo Quaresma* foi abordado nesta dissertação sob a perspectiva do conflito que se estabelece na modernidade entre homem e sociedade e que evidencia-se literariamente no romance entre herói e mundo, e reflexões de Georg Lukács em *A teoria do romance*.

Fabio Lucas em *Confissões e fundamentos de Lima Barreto*, texto que prefacia a edição de 2004 de *Cemitério dos vivos* escreve que

O fenômeno Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922) reinstala-se na literatura brasileira com redobrado vigor. Cada vez menos como passagem de um período estilístico para outro e cada vez mais como entidade própria, manifestação artística autônoma, ao mesmo tempo carregada de sinais da época e marco de nova concepção do campo ficcional. (...) tivemos com Lima Barreto um discurso narrativo pontilhado de intenções que abrem a ficção brasileira à prosa investigativa e ao estilo coloquial, livrando-a da herança mimética que a tornara estrangeirada e artificial. Uma luz de brasilidade urbana ilumina o seu texto.

Enquadrado *Triste fim de Policarpo Quaresma* dentro da tipologia romanesca elaborada por Georg Lukács na categoria de romance de *idealismo abstrato*, foram discutidos pontos da obra de Lukács que puderam ser observados no romance de Lima Barreto e que estão ligados ao tema do conflito entre o *herói problemático* e seu mundo.

Foi observada aqui a tensão entre o ideal e o real que estabelece-se sempre entre um indivíduo e o meio com o qual interage a partir da evolução da vida nos burgos, que propicia a própria concepção de individualismo, o que é um fenômeno típico dos tempos modernos, consequência histórico-filosófica, no dizer de Lukács, da dissociação entre homem e mundo. No romance estudado, o herói Policarpo Quaresma encontra-se dissociado do mundo em que vive, dissociação que coloca-o em conflito com o mundo devido ao idealismo abstrato do herói, que o constitui em um herói problemático, isto porque o seu idealismo abstrato torna-o

para o mundo em que vive um herói visionário. Este idealismo, por sua vez, mantém-no um herói puro em virtude de seu isolamento.

A condição do herói problemático no mundo é que o herói que se encontra dissonante de seu mundo ou exila-se do mundo ou entra em conflito com o mundo, e em função deste conflito, uma vez que as ações do herói não prevaleçam sobre o seu meio, é expurgado desse meio à força, por uma variedade de estratégias, que vão dos mais “civilizados” aos mais aberrantes.

É no embate entre as ações idealistas de um visionário com o mundo que o cerca que o escritor Lima Barreto pretendia provocar no leitor o “entendimento mútuo dos homens”, ao demonstrar através das dificuldades do herói visionário Policarpo Quaresma, em sua cruzada individual de promover melhorias para “a nossa triste humanidade”, as contradições da sociedade republicana do Rio de Janeiro em que vivia, na condição de intelectual mulato e morador de subúrbio que era, à margem do processo de branqueamento cultural que seguia a modernização da capital e portanto credenciado a expressar-se em nome de uma população suburbana não contemplada com as promessas republicanas de igualdade de direitos e oportunidades, revelando o escritor na sua própria figura, em um primeiro momento, a condição de quem esbate-se como que em vão para provocar esse entendimento mútuo, a almejada solidariedade entre os homens.

Em um segundo momento, revela o escritor que toda pessoa que busque empreender um embate contra as forças atuantes de um mundo degradado estará sujeita igualmente a perseguições tais quais ou semelhantes sofreu o seu herói-tipo do solitário estudioso de boa vontade. Este pareceu ser o grande mérito de *Triste fim de Policarpo Quaresma* aos olhos do autor desta dissertação, visto que foi essa a primordial, profunda e terrível impressão que se instalou em seu espírito ao meditar sobre este romance.

Lima Barreto está vivo. Sua obra, de uma atualidade desconcertante, tem sido cada vez mais revisitada e o escritor já virou inclusive personagem de romances como *O passeador* de Luciana Hidalgo, também autora de uma recente tese sobre o escritor, e *Lima Barreto, um caminhante libertário* de Assis Coelho. Sua obra, que já ganhou versão cinematográfica, *Policarpo Quaresma, herói do Brasil*, também tem sido editada de forma mais voltada para o público infanto-juvenil, tanto no que diz respeito a releituras mais atuais do romance, como é

o caso da edição “para neoleitores” de *Triste fim de Policarpo Quaresma* orientada pelo Prof. Dr. Luís Augusto Fischer, quanto da edição em quadrinhos deste romance, assinada por Lailson Holanda Cavalcanti, assim como uma versão também em quadrinhos de *Clara dos Anjos* assinada por Wander Antunes e Marcelo Lelis. Contos do escritor também ganharam versões em quadrinhos, como *A nova Califórnia*, *Miss Edith e seu tio*, *Um músico extraordinário* e *O homem que sabia javanês* assinados por Francisco Vilachã, Jô Fevereiro e Bira Dantas.

Encerra-se aqui o presente estudo sobre o conflito do herói problemático Policarpo Quaresma com o seu mundo. Um estudo sobre o herói problemático na obra ficcional de Lima Barreto de forma mais abrangente, com uma análise mais aprofundada de heróis como Isaías Caminha e Manuel Joaquim Gonzaga de Sá, será empreendimento para de tese de doutorado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSUMPÇÃO, Simone Souza de. *Triste fim de Policarpo Quaresma como reflexo estético da Primeira República brasileira: uma abordagem lukacsiana*. Porto Alegre: PUCRS, 1993.
- BARBOSA, Francisco Assis. *A Vida de Lima Barreto: 1881-1822*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo, Editora Ática, 1999.
- BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Marginália*. São Paulo: Editora Mérito, 1953.
- BEIGUELMAN, Paula. *Porque Lima Barreto*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.
- BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- BRAYNER, Sonia. *Labirinto do espaço romanesco: tradição e renovação da literatura brasileira, 1880-1920*. Civilização Brasileira
- BOSI, Alfredo. *O pré-modernismo*. São Paulo: Cultrix, s. d.
- CAMPOS, Maria Tereza Arruda. *Lima Barreto*. São Paulo: Editora Ática, 1988.
- CÂNDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CÂNDIDO, Antonio. *Os olhos, a barca e o espelho*. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Editora Ática, 1989.
- CARVALHO, José Murilo de. *A formação das Almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- COUTINHO, Carlos Nelson. *O significado de Lima Barreto na literatura brasileira*. IN: *Realismo e Anti-Realismo na literatura brasileira*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1974.
- CURY, Maria Zilda Ferreira. *De escritas e profecias: Isaías Caminha, de Lima Barreto*. IN: SOUZA, Licia Soares de [Org.]. *Dicionário de personagens afrobrasileiros*. Salvador: Quarteto, 2009.
- CURY, Maria Zilda Ferreira. *Um mulato no reino de Jambon: as classes sociais na obra de Lima Barreto*. São Paulo: Cortez, 1981.
- DIAS, Maria Amélia Lozano. *A recepção crítica da obra de Lima Barreto: 1907 – 1987*. Porto Alegre: PUCRS, 1988.

GOLDMANN, Lucien. *A sociologia do romance*. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

FANTINATI, Carlos Erivany. *O profeta e o escrivão: estudo sobre Lima Barreto*. São Paulo-Assis, ILPHA-HUCITEC, 1978.

LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Editora Ática, 1976.

LUCAS, Fábio, *Confissões e fundamentos de Lima Barreto*. In: Barreto, Lima. *O cemitério dos vivos*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil; Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional, 2004, p. 7-16.

LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica*. Tradução: José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Editora 34, 2000.

LUKÁCS, Georg. *Narrar ou descrever?* In: \_\_. *Ensaio sobre literatura*. Tradução: Giseh Vianna Konder. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1965.

MACHADO, Maria Cristina Teixeira. *Lima Barreto: um pensador social na primeira República*. São Paulo: Edusp, 2002.

NASCIMENTO, Flávio do. *Lima Barreto: espaço interno*. Rio de Janeiro: PUCRJ, 1977.

OACKLEY, Robert John. *Lima Barreto e o destino da literatura*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

PEREIRA, Lucia Miguel. *História da literatura brasileira: Prosa de ficção (de 1870 a 1920)*. Belo Horizonte, Itatiaia, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

PRADO, Antônio Arnoni. *Lima Barreto: literatura comentada*. São Paulo: Abril Educação, 1980.

RAMOS, Roberto José. *O idealismo abstrato no romance Triste fim de Policarpo Quaresma*. Porto Alegre: PUCRS, 1990.

SANTIAGO, Silviano. “Uma ferroada no peito do pé”. In: \_\_\_\_\_. *Vale quanto pesa: ensaios sobre questões político-culturais*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Lima Barreto: termômetro nervoso de uma frágil República*. In: *Contos completos*. IN: SCHWARCZ, Lilia Moritz [Org. e Intr.]. *Contos completos de Lima Barreto*. São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, H. Pereira da. *Lima Barreto: escritor maldito*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

SILVA, Maurício. *A hélade e o subúrbio: confrontos literários na Belle Époque carioca*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2006.



SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

RESENDE, Beatriz. *Lima Barreto: a opção pela Marginália*. IN: SCHWARZ, Roberto (Org.). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 73-78.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE RIO GRANDE-FURG**  
**INSTITUTO DE LETRAS E ARTES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**  
**MESTRADO EM HISTÓRIA DA LITERATURA**

**“Você, Quaresma, é um visionário!”: O conflito entre herói e mundo no romance  
de Lima Barreto *Triste fim de Policarpo Quaresma***

**Leandro Amorim Elpo**

**Rio Grande**  
**2012**